

Cristiane Fensterseifer

Lições de natureza no *Sítio do Picapau Amarelo*

Porto Alegre

Verão de 2005.

Cristiane Fensterseifer

Lições de natureza no *Sítio do Picapau Amarelo*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora:

Prof^a Dr^a Maria Lucia Castagna Wortmann

Porto Alegre

Verão de 2005.

AGRADECIMENTOS

Ao concluir este trabalho, agradeço àqueles que de algum modo estiveram presentes neste processo e que foram fundamentais na sua realização.

Agradeço, com muito carinho,

...aos meus colegas do Grupo de Pesquisa: Angela Bicca, Daniela Ripoll, Elaine Dulac, Leandro Belinaso Guimarães, Maira Ferreira e Shaula Sampaio pelas intensas e produtivas discussões, pela troca de materiais e sugestões e, principalmente, pela amizade, carinho, possibilidade do desabafo ou aquela conversa “jogada fora”.

...às professoras Isabel Cristina de Moura Carvalho, Marisa Vorraber Costa e Rosa Maria Hessel Silveira da banca examinadora por terem aceito o convite, pela leitura atenta e as preciosas sugestões.

...a todos os professores das disciplinas cursadas no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS e do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Fundação Universidade Federal do Rio Grande – FURG pela contribuição aos meus estudos.

...ao professor Paulo Fernando de Almeida Saul que me acompanha desde a graduação, o incentivo, a amizade.

...ao meu marido Edson Figueiredo Brodbeck, pelo apoio, paciência, compreensão inesgotável, ajuda. Enfim, pelo amor sempre maior a superar todas as dificuldades.

...aos meus pais Carlos Frederico e Ana Maria Fensterseifer pelo carinho, amor, apoio às minhas escolhas, muitas vezes, sem compreendê-las.

...aos amigos que acompanharam a jornada, de longe ou de perto.

...à Maria Lucia Castagna Wortmann de modo especial. Pelo rigor, paciência e competência. Acima de tudo, pelo afeto e carinho com que sempre me tratou, pelo respeito e amizade.

Na impossibilidade de citar todas as pessoas que ajudaram na conclusão deste trabalho, corro o risco de que alguém não seja contemplado nominalmente. Mas a todos, o meu agradecimento, o meu reconhecimento.

RESUMO

Apresento nesta dissertação, que é inspirada nos Estudos Culturais, análises discursivas sobre representações de natureza, e outras que considero estarem a elas articuladas, na nova versão da série televisiva (reproduzida em vídeos comercializados inclusive nos supermercados brasileiros) o *Sítio do Picapau Amarelo*, produzida pela TV Globo. Esta série, tal como as outras que a antecederam e que foram veiculadas pela TV Tupi (1951), TV Cultura (1964), TV Bandeirantes (1967) e TV Globo (1977), é uma adaptação das obras infanto-juvenis de mesmo nome, escritas por José Bento Monteiro Lobato, na primeira metade do século XX. Neste estudo, considero tal série, a partir de análises conduzidas por Kellner (2001 e 1995), Giroux (2003, 2001 e 1995), Steinberg (1997), como uma importante pedagogia cultural. Nele detenho-me, especialmente, nos episódios: *O Saci*, *As caçadas de Pedrinho* e *O poço do Visconde*, nos quais a mata, os arredores do sítio e outros cenários “naturais” são bastante destacados. A partir deles, discuto: os modos de endereçamento da nova série televisiva; o modo como se lida na série com a dicotomia tantas vezes assumida entre alta e baixa cultura, bem como com situações que envolvem e colocam em oposição o urbano e o rural, o global e o local; e com as representações de natureza, que a configuram ora como ameaçadora, ora como ameaçada em muitos desses episódios.

Destaco que, para o desenvolvimento das análises, foram também considerados os textos das histórias de Lobato e uma das antigas séries (veiculada pela TV Globo nos anos de 1977 a 1986), a qual se constituiu em um extenso (foi apresentada durante nove anos) e muito apreciado programa televisivo para crianças.

Palavras-chave: Mídia, Estudos Culturais, Pedagogias Culturais, Representações de Natureza.

ABSTRACT

I present in this dissertation, that is inspired in the Cultural Studies, discursive analyses about nature representations and another that I see be to them articulate, in the new version of the TV series (reproduced in videos marketed including in the Brazilian supermarkets) Yellow Woodpecker's Ranch, produced by the TV Globo. This series, just as another that preceded it and that were transmitted by the TV Tupi (1951), TV Cultura (1964), TV Bandeirantes (1967) and TV Globo (1977), is an adaptation of the infanto-juvenile works of same name, written by José Bento Monteiro Lobato, in the first half of the century XX. In this study, I consider such series, starting from analyses led by Kellner (2001 and 1995), Giroux (2003, 2001 and 1995), Steinberg (1997), as an important cultural pedagogy. In it I stop, especially, in the episodes: Saci, The Hunts of Pedrinho and The Viscount's Well, in which the forest, the surroundings of the ranch and other natural "sceneries" are quite outstanding. Starting from them, I discussed the ways of address of the new TV series; the way how it deal so many times in the series with the difference assumed among high and lowers culture, as well the situations that involve and place in opposition the urban and the rural, the global and the place; and with the nature representations, that configure it some times as lowering, other times how threatened in many of those episodes. I highlight that, for the development of the analyses, they were also considered the texts of the histories of Lobato and one of the old series (transmitted by the TV Globo in the years from 1977 to 1986), which was constituted in an extensive one (it was presented for nine years) and very appreciated TV program for children.

Key-words: Media, Cultural Studies, Cultural Pedagogies, Representations of Nature.

SUMÁRIO

<u>APRESENTAÇÃO</u>	9
<u>CAPÍTULO I – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE OS ESTUDOS CULTURAIS</u>	12
<u>OS ESTUDOS CULTURAIS E AS PEDAGOGIAS CULTURAIS</u>	12
<u>AS REPRESENTAÇÕES CULTURAIS, A MÍDIA E A INSTITUIÇÃO DE IDENTIDADES</u>	15
<u>CAPÍTULO II – DETALHANDO A ATIVIDADE DE PESQUISA</u>	19
<u>O PORQUÊ DAS ESCOLHAS</u>	19
<u>ALGUNS CAMINHOS TRILHADOS NA PESQUISA</u>	23
<u>O PROCESSO DE SELEÇÃO DAS HISTÓRIAS DO NOVO SÍTIO QUE INTEGRAM AS ANÁLISES</u>	24
<u>UMA BREVE APRESENTAÇÃO DOS EPISÓDIOS ANALISADOS</u>	26
<u>SINOPSES DA AUTORA E SITUAÇÕES DESTACADAS PARA ANÁLISE</u>	28
<u>CAPÍTULO III – O SÍTIO DO PICAPAU AMARELO</u>	47
<u>MONTEIRO LOBATO E O SÍTIO DO PICAPAU AMARELO (CRIADOR E CRIATURA)</u>	50
<u>OS PERSONAGENS DA OBRA DE MONTEIRO LOBATO</u>	53
<u>O SÍTIO NO SÉCULO XXI</u>	56
<u>OS PERSONAGENS DA SÉRIE TELEVISIVA</u>	60
<u>CAPÍTULO IV – ADENTRANDO NAS HISTÓRIAS</u>	67
<u>O SACI</u>	67
<u>AS CAÇADAS DE PEDRINHO</u>	72
<u>O POÇO DO VISCONDE</u>	78
<u>CAPÍTULO V – ENREDANDO AS ANÁLISES</u>	84

<u>A DICOTOMIA ALTA E BAIXA CULTURA – UMA DAS MARCAS DAS MUITAS VERSÕES DO SÍTIO</u>	90
<u>A NATUREZA – AMEAÇADORA OU AMEAÇADA?</u>	94
<i>Algumas reflexões sobre o processo constitutivo das representações de natureza</i>	97
<u>CAPÍTULO VI – ALGUMAS (BREVES) CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	102
<u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u>	106
<u>ANEXOS</u>	112
<u>ANEXO I – MONTEIRO LOBATO – LITERATURA INFANTIL</u>	112
<u>ANEXO II - SINOPSES RETIRADAS DO SITE (WWW. REDEGLOBO.COM.BR/SITIO)</u>	114

APRESENTAÇÃO

Prazerosamente, preparo a apresentação da minha dissertação de Mestrado. Começo indicando que uma de minhas preocupações, ao organizar esta escrita, incluiu a intenção de narrar minha trajetória de pesquisa nos últimos anos a qual me levou a trilhar os caminhos da Educação Ambiental.

Começo destacando que, quando era professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental, mas já acadêmica de Ciências Biológicas, em 1995, realizei o curso de extensão Capacitação em Educação Ambiental - UNISINOS/ COMITESINOS, e que, desde então, sempre estive envolvida com projetos ambientais nas escolas onde lecionei. Em Campo Bom, fui autora do projeto "Vida: a qualidade total depende de todos nós"; em Estância Velha, fui Monitora Ecológica do projeto municipal "Ecologistas Mirins", desenvolvendo diversos subprojetos todos voltados a ações ambientais. Destaco, entre esses, o subprojeto "Arroio não é Valão" que obteve resultados muito positivos junto à comunidade. Já em Novo Hamburgo, coordenei os monitores ecológicos da minha escola, desenvolvendo os projetos "Separação de lixo", "Horta", "Composteira", "Embelezamento da escola", "Trilha no morro".

O curso que acima referi foi importante em minha formação por me levar a refletir sobre Educação Ambiental a partir de teorizações e práticas com as quais eu ainda não tivera contato. Quero marcar, ao listar essas minhas ações, que a Educação Ambiental já há muito tempo tem feito parte do planejamento das minhas aulas, pois, tanto nas unidades de estudo, quanto nos projetos realizados nas escolas, eu sempre escolhi para desenvolver em classe assuntos ou "temas geradores"¹ relacionados a essa temática. Enfim, a preocupação com as questões ambientais sempre esteve presente em minha sala de aula.

¹ O termo "temas geradores" refere-se ao tema/assunto escolhido pelo/a professor/a ou grupo de professores/as que serve de pano de fundo para o planejamento e desenvolvimento de uma unidade de trabalho ou para um projeto a ser executado com os alunos e alunas.

Quero destacar, também, que uma outra preocupação presente em minhas ações foi buscar formas de “conscientizar” as pessoas sobre a crise ambiental. Especialmente em função disso, passei a freqüentar cursos e seminários, bem como a ler livros e revistas e a participar de grupos de estudo, buscando ampliar meus conhecimentos sobre Educação Ambiental. Do mesmo modo, por iniciativa própria, fiz um estágio em Educação Ambiental e o meu Trabalho de Conclusão², no curso de Biologia, relacionou-se com Educação Ambiental.

Então, antes mesmo do término da graduação, veio-me o desejo de dar continuidade aos estudos nesta área de conhecimento. A procura pela Pós-graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS deveu-se à possibilidade de realizar um trabalho em Educação Ambiental (EA) – na linha dos Estudos Culturais. Cursei como aluna PEC (sem vínculo) a Disciplina ministrada pela Prof^a Maria Lúcia Wortmann intitulada *Introdução aos Estudos Culturais*, a qual me possibilitou ter uma idéia mais abrangente do que são esses estudos. Além dos estranhamentos e dos abalos causados em relação a convicções que eu carregava³, a partir das leituras e das discussões realizadas, também mapeei algumas possibilidades em relação ao trabalho que poderia passar a realizar. Resolvi, então, após dois semestres como aluna PEC, participar do processo seletivo e encarar o desafio de realizar uma pesquisa nesta linha, sob a inspiração dos Estudos Culturais.

Ao ser aprovada e ao definir meu tema de pesquisa sob esse foco de estudos, acabei me voltando às representações de natureza na mídia. Tal temática contemplava meu interesse pela Educação Ambiental, ao mesmo tempo em que reunia preocupações que vinham ocupando colegas pesquisadores/as do PPG/Educação da UFRGS que trabalhavam com Estudos Culturais. A pesquisa ora relatada decorreu deste interesse inicial, que me levou a centrar a atenção na série televisiva *Sítio do Picapau Amarelo*.

² Orientado pelo Professor e Mestre em Educação Paulo Fernando de Almeida Saul na área de Educação Ambiental, na UNISINOS. O meu Trabalho de Conclusão *Atividades de Educação Ambiental em trilhas no PARCÃO* teve como objetivo geral: ampliar as possibilidades de atividades em Educação Ambiental para professores/as e alunos/as das redes de ensino do município de Novo Hamburgo, utilizando-se da interpretação ambiental de trilhas.

³ A Biologia, em uma visão positivista, é considerada uma ciência instituída em postulados “verdadeiros” e “incontestes”. Vê-la como uma produção cultural abalou profundamente o conceito que, até então, eu tinha de ciência.

O primeiro capítulo, denominado *Algumas Considerações sobre os Estudos Culturais*, está organizado em duas seções construídas a partir do posicionamento de autores/as que inspiraram as discussões que conduzi. São eles: *os Estudos Culturais e as pedagogias culturais e as representações culturais, a mídia e a instituição de identidades*. O Capítulo II contém, além de justificativas de algumas escolhas, as questões/problemas de pesquisa, a metodologia que foi utilizada na realização do estudo, bem como uma incursão às histórias selecionadas para análise na nova série da TV Globo. Já a obra *Sítio do Picapau Amarelo* de José Bento Monteiro Lobato está brevemente apresentada no Capítulo III, no qual também apresento o *Sítio do Picapau Amarelo* reorganizado pela mídia televisiva, destacando as marcas nele imprimidas na direção de torná-lo contemporâneo, bem como os seus personagens. No quarto e no quinto capítulo, apresento e discuto alguns aspectos destacados nas análises que conduzi e, no último capítulo, teço algumas breves considerações, visando marcar os aspectos mais destacados no estudo realizado.

CAPÍTULO I – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE OS ESTUDOS CULTURAIS

OS ESTUDOS CULTURAIS E AS PEDAGOGIAS CULTURAIS

Inicialmente, coloco a impossibilidade de encontrar-se uma definição única que dê conta de expressar o que são estes estudos. Frente à multiplicidade de conceitos, destaco algumas definições enunciadas, as quais buscam marcar alguns elementos constitutivos do campo. Fernando Hernández (1999) conceitua os Estudos Culturais como um dos campos de saber capaz de conduzir a uma nova perspectiva de entendimento do mundo, justificada pelas suas referências culturais que ampliam o próprio conceito de cultura. Para Cary Nelson, Paula Treichler e Lawrence Grossberg (1995), estes estudos constituem um campo interdisciplinar, transdisciplinar, algumas vezes até visto como contra-disciplinar, que atua na tensão entre suas tendências para abranger tanto uma concepção ampla - antropológica - de cultura, quanto uma concepção estreitamente humanista. Esses autores enfatizam, no entanto, que, diferentemente da antropologia tradicional, os Estudos Culturais desenvolveram-se a partir de análises das sociedades industriais modernas, sendo tipicamente interpretativos e avaliativos em suas metodologias. Eles também apontam que, diferentemente do humanismo tradicional, os E.C. rejeitam a equação exclusiva de cultura como alta cultura e argumentam que todas as formas de produção cultural precisam ser estudadas em relação a outras práticas culturais e a estruturas sociais e históricas. “Os Estudos Culturais estão, assim, comprometidos com o estudo de todas as artes, crenças, instituições e práticas comunicativas de uma sociedade” (ibid.:13). Tais estudos incluem, também, análises sobre a forma como a cultura opera na instituição de identidades, bem como das visões de mundo que os sujeitos partilham.

A Educação, a partir dos Estudos Culturais, tem conduzido discussões sobre as pedagogias culturais, expressão utilizada por Henry Giroux (1995a), Peter

McLaren (1995), Shirley Steinberg (1997) e Douglas Kellner (2001a) para referir-se à idéia de que a educação ocorre numa variedade de locais sociais, incluindo a escola, mas não se limitando a ela. Lidar com tal perspectiva amplia a visão dos aspectos envolvidos no processo educativo, permitindo-nos entendê-lo para além da escola. Guacira Lopes Louro (2002) enfatiza a importância de considerar-se as pedagogias culturais:

Hoje, passa-se a compreender que importantes processos educativos estão ocorrendo em muitos outros locais além das escolas e através de operações tecnológicas e culturais muito diversificadas. [...] Essa nova ótica supõe que se considere a cultura e, mais especificamente, as múltiplas formas de cultura popular, como “pedagogias culturais”. Todas essas instâncias passam a ser compreendidas não apenas como transmissoras de conhecimento, de valores ou de verdades, mas como eficientes produtoras de identidades (ibid.:232).

Assim, na contemporaneidade, tornou-se uma importante direção de estudos lidar com a educação a partir de sua extensão para além do espaço escolar, embora, segundo essa autora, a tarefa de estender seu ofício às várias pedagogias culturais não seja simples para os profissionais de Educação. Sua argumentação é que isso pode exigir não apenas que se coloque um olhar “educacional” sobre as instâncias culturais populares, como o cinema, a televisão, as revistas ou os *videogames*, buscando ler pedagogicamente o conteúdo que veiculam, mas também que se penetre mais intimamente nos seus processos de produção e modos de funcionamento.

Como destaca Stuart Hall (1997b), a cultura tem uma expressão substantiva e uma crescente centralidade nos processos globais de formação e de mudança, penetrando na vida cotidiana e constituindo identidades. Enfim, cada vez um maior número de espaços e de artefatos culturais estão em jogo em tais processos, os quais, como assinala Kellner (2001a), devem ser incluídos e discutidos no currículo escolar, tendo em vista permitir que se lide melhor não só com os múltiplos espaços e dimensões educativas da escola, mas também com questões relativas à diferença. “A cultura nunca foi mais importante, e nunca antes tivemos tanta necessidade de um exame sério e minucioso da cultura contemporânea” (ibid.:32).

A partir dessa afirmação, surgem algumas questões: Como proceder às análises que envolvam tais produções culturais? Que aspectos precisam ser considerados quando se pretende realizar uma pesquisa neste campo de estudos? Como já venho indicando, sob muitos aspectos, os Estudos Culturais causam um certo desconforto. Um dos mais persistentes diz respeito a esses não terem nenhuma metodologia distinta e nenhuma análise estatística, etnometodológica ou textual singular que reivindiquem como lhes sendo peculiar. A escolha de uma metodologia é pragmática, estratégica e auto-reflexiva, podendo ser mais bem entendida se a compararmos a uma *bricolage* (Nelson, Treichler e Grossberg, 1995).

É preciso também destacar que as escolhas metodológicas dependem, ainda, da vertente pela qual optamos dentro deste campo de estudos e das categorias de análise envolvidas nas questões de pesquisa. Algumas das categorias de pesquisa que os Estudos Culturais têm posto em destaque são gênero e sexualidade, nacionalidade e identidade nacional, colonialismo e pós-colonialismo, raça e etnia, cultura popular e seus públicos, ciência e ecologia, política de identidade, pedagogia, política da estética, instituições culturais, política da disciplinaridade, discurso e textualidade, história e cultura global numa era pós-moderna (ibid.). Em relação às tendências apresentadas pelos Estudos Culturais, Alfredo Veiga-Neto (2000) salienta destacarem-se duas amplas vertentes: uma mais voltada à etnografia, principalmente ao estudo de populações urbanas e dos nomeados grupos minoritários e outra, envolvendo os estudos de comunicação de massa e da literatura produzida por e para as classes populares.

Voltei meus interesses à segunda vertente, que envolve questões relativas à mídia. O interesse por essas questões justifica-se na medida em que, nos dias de hoje, a “cultura da mídia”⁴ domina e substitui outras formas da cultura. Então, a possibilidade de um trabalho de Educação Ambiental que diga respeito à escola, mas que se estenda para além de seus muros, configurou-se como uma possibilidade de estudo capaz de reunir meus novos interesses investigativos àqueles aos quais eu vinha me dedicando. Assim, uma investigação sobre as

⁴ O termo cultura da mídia está sendo empregado conforme Kellner (2001a). Para o autor, a expressão tem a vantagem de designar tanto a natureza quanto à forma das produções da indústria cultural (ou seja, a cultura) e seu modo de produção e distribuição (ou seja, tecnologias e indústrias de mídia).

representações de natureza, as quais se constituem também a partir dos meios de comunicação de massa, foi a opção que mais me interessou seguir. Pensar que as representações de natureza não são instituídas somente na escola, de certa forma poderia minimizar a responsabilidade que tem sido usualmente atribuída à escola relativamente ao encontro de soluções, bem como à preparação dos sujeitos para lidarem com as questões ambientais. Destaco a importância da escola envolver-se mais com o exame dessas representações, trazendo para o currículo essas discussões.

AS REPRESENTAÇÕES CULTURAIS, A MÍDIA E A INSTITUIÇÃO DE IDENTIDADES

Televisão é olho contra olho, olhar contra olhar. Endoscopia vídeo-eletrônica para dentro das salas e das almas cotidianas, dose diária de um “*midicamento*”⁵ insuportável e insubstituível, mistura de elixir e droga, que provoca reações variadas ao paciente, da náusea ao vício e à paixão (Pignatari, 1988:487).

Em primeiro lugar, cabe referir como estou lidando com o conceito de identidade e, também, perguntar: Como são instituídas as identidades? E qual é o papel das representações culturais nessa constituição de identidades? Mesmo que meu estudo não contemple a análise de tais processos constitutivos, considero importante destacar, especialmente a partir de considerações feitas por Hall (1997b), o papel que as representações culturais possuem na instituição de identidades, afirmando que essas identidades emergem, não de um centro interior, de um “eu verdadeiro e único”, como postulam algumas perspectivas mais psicologizantes, mas do diálogo entre os conceitos e definições que são *representados* para nós *nos* e *pelos* discursos em uma determinada cultura e pelo nosso desejo (consciente ou

⁵ O grifo é meu.

inconsciente) de responder aos apelos feitos por estes significados. As identidades são produzidas dentro do discurso em locais históricos e institucionais específicos (Hall, 2000).

Louro (2002) afirma que já não se pode mais trabalhar com a idéia de uma identidade una, estável e coerente, que “explique” o sujeito e sua história. Segundo a autora (ibid.), é preciso admitir que, nesses tempos de pós-modernidade, o sujeito é simultaneamente, “muitas coisas”, ou seja, ele é constituído de muitas identidades e, assim, nesse processo ele é constantemente “interpelado por várias instâncias e grupos, ele pode se reconhecer (ou não) em distintas posições” (ibid.:232). Os sujeitos são instituídos nos discursos. Ora se identificam com um, ora com outro discurso.

Somos constantemente interpelados por esses significados e, nesse processo interpelativo, assumimos posições de sujeito construídas a partir de discursos e de representações que circulam na cultura (Hall, 1997b). Uma das utilizações do termo representação é: “representar é usar a linguagem para dizer algo significativo ou representar o mundo de forma significativa para outrem” (Hall, 1997a:15). Em resumo, a representação cultural, ou o modo construcionista de lidar com a representação, permite-nos defini-la como a produção de significados através da linguagem. Nos Estudos Culturais, segundo Maria Lúcia Castagna Wortmann (2001b), a representação tem sido vista como uma das práticas centrais na produção da cultura.

Nesse sentido, parto da consideração de que os discursos e as representações culturais apresentadas na mídia instituem identidades. A mídia, notadamente a televisão (incluindo mais recentemente sua extensão e transformação nas diversas novas formas de tecnologia ciberreal), é apresentada por Charles Lemert (1997) como a mais persuasiva força cultural atuante na maioria das sociedades, em todo o mundo. Giroux (2003) apresenta-nos o relatório que a *American Academy of Pediatrics* publicou em 1999, que trata das preocupações com a influência da mídia sobre as crianças jovens. Nesse relatório, afirma-se que a influência da televisão sobre os jovens é uma questão de saúde pública e que os pais não devem permitir que as crianças com menos de dois anos assistam

televisão, recomendando, também, que as crianças maiores não tenham televisões em seus quartos.

Ao mesmo tempo, os meios de comunicação, e especialmente a televisão, têm sido apontados como desempenhando importantes papéis educativos. Marisa Vorraber Costa (2002) afirma que adultos, jovens e crianças, de alguma forma, têm seu campo de ação estruturado pelos poderes/saberes que ela produz, detém e exerce, em troca do prazer que oferece e do fascínio que suscita. Segundo a autora (ibid.), ninguém passa incólume pela tela da tevê, uma vez que a mídia produz identidades e subjetiva as pessoas.

Kellner (2001b), retomando argumentos discutidos em textos anteriores, assinala que a nossa época é marcada pela cultura da mídia que tomou o lugar das instituições tradicionais, atuando como instrumento principal na socialização de jovens e adultos. Para o autor (ibid.), cada vez com maior freqüência, as corporações de mídia conferem papéis a esses sujeitos, atuando, neste processo, como elementos formadores de sua identidade e suplantando os efeitos produtivos de ações de seus pais ou professores. Vinculando-se ao que ele refere ser uma vertente mais crítica⁶ dos Estudos Culturais, acrescenta que a cultura da mídia é uma forma de pedagogia que se deve combater pelo desenvolvimento de contrapedagogias adequadas.

Conforme refere Giroux (1995a), a pedagogia cultural processa o papel da cultura da mídia, incluindo o poder dos meios de comunicação de massa com seus massivos aparatos de representação e sua mediação do conhecimento, que é central para compreender como a dinâmica do poder, do privilégio e do desejo social estrutura a vida cotidiana de uma sociedade, visto que, em nossa sociedade, os valores afirmados são aqueles dos grupos com poder e prestígio. Poucas pessoas “param para pensar como os interesses de poder na sociedade mais ampla regulam as populações a fim de promover comportamentos desejados” (Joe Kincheloe, 1997:72). Para Hall (1997b) – um dos influentes ex-diretores do *Centre of*

⁶ Essa vertente assume uma perspectiva mais aproximada das teorias críticas dos pensadores da Escola de Frankfurt (Horkheimer, Adorno e Marcuse) que, conforme Bruno Pucci (1994), tentaram tanto interpretar a sociedade quanto transformá-la. Ou seja, trabalha numa perspectiva que visa transformar a realidade e as mentalidades.

Contemporary Cultural Studies (CCCS) de Birmingham – a cultura está inscrita e sempre funciona no interior do “Jogo de Poder”. Sendo assim, uma das atribuições dos Estudos Culturais é o estudo desses “jogos de poder” nos quais as pedagogias e seus discursos estabelecem-se.

As representações de natureza que circulam nos diferentes textos a que temos acesso, podem ser vistas como construídas no jogo por imposição de significações, que anteriormente referi, a partir dos ensinamentos de Hall (1997a e 1997b) e “têm sido produzidas de acordo com os interesses políticos, econômicos, etc, dos grupos que as produzem” (Thimoty Lenoir, 1997: 55). Dessa forma, elas precisam ser vistas como instituídas em determinadas circunstâncias e em um processo histórico que não se esgota na contemporaneidade. Wortmann (2001a) enfatiza o papel que a cultura desempenha no processo de construção das múltiplas compreensões instituídas pelas sociedades humanas sobre a natureza e sobre as formas de se relacionar com ela em diferentes épocas e circunstâncias. Se examinarmos as produções culturais, podemos ser levados a considerá-las em seu conjunto, e na história, como unicamente "representativas" de posturas "utilitaristas" dos homens frente à natureza. Na vertente de estudos que estou assumindo, as representações de natureza são entendidas como produzidas/construídas em um processo histórico e cultural, que nos tem sido apresentado através dos diferentes discursos da nossa cultura, inclusive através dos meios de comunicação de massa.

Atualmente, e a partir dos estudos que venho desenvolvendo sobre os Estudos Culturais, vejo como sendo cada vez mais necessária a realização de trabalhos investigativos em educação que tratem da mídia como uma pedagogia cultural. Parece-me que, dessa forma, os professores e professoras poderão adquirir, tal como ressaltou Kellner (2001a: 425) lentes teóricas que lhes permitam “ler, analisar e decodificar os textos da mídia” de forma mais crítica. Além disso, parece-me que eles terão a possibilidade de ver de que modo tais pedagogias culturais atuam na produção de identidades dos/as alunos/as por serem formas prazerosas de representar situações e sujeitos.

CAPÍTULO II – DETALHANDO A ATIVIDADE DE PESQUISA

O PORQUÊ DAS ESCOLHAS

Como já destaquei, lidar com representações de natureza vincula-se a meu interesse pela Educação Ambiental⁷. As circunstâncias em que as histórias desenvolvem-se no *Sítio do Picapau Amarelo*, em um ambiente rural⁸, convidaram-me a escolher essa série televisiva como objeto de minhas análises. Além disso, o programa é uma adaptação das obras infanto-juvenis de Monteiro Lobato, as quais envolvem, muitas vezes, histórias que falam sobre questões relacionadas à natureza, sendo uma exclusivamente sobre ela, a que se intitula *A Reforma da Natureza*⁹. Mesmo assim, antes de decidir investigar o referido programa, investi meus estudos em um dos filmes e em alguns dos livros de Joanne Kathleen Rowling, que falam de Harry Potter e, também, na *Ilha Ra-tim-bum*, uma série televisiva da TV Cultura para o público infanto-juvenil, com episódios diários e com uma proposta de Educação Ambiental¹⁰. No entanto, o “novo” seriado televisivo *Sítio do Picapau Amarelo* pareceu-me ter mais possibilidades investigativas e esse foi um dos

⁷ Acabei cursando paralelamente ao Mestrado em Educação na UFRGS, o Mestrado em Educação Ambiental na Fundação Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Realizei a defesa da dissertação intitulada *Olhares em Situações de Educação Ambiental no Curso de Pedagogia - Hab. Anos Iniciais*, em 29 de setembro de 2004.

⁸ “O pequeno mundo do *Sítio do Picapau Amarelo* é um mundo rural. O Brasil nele refletido é um Brasil rural. Não existem cidades, muito menos cidades grandes, no universo dos personagens de Monteiro Lobato. (...) A linguagem das narrativas é toda ela refletora de uma cultura em que predominam as coisas do mundo da roça” (Alaor Barbosa, 1996:92).

⁹ Fabiana Aparecida de Carvalho em sua dissertação de Mestrado em Educação intitulada “Outros... com textos e passagens: traços biológicos em obras de Monteiro Lobato”, realizada na UNICAMP, em 2002, analisa essa obra.

¹⁰ Encontra-se no site oficial do programa (www.tvcultura.com.br/ilharatimbum) o seguinte propósito: “Baseando-nos no conceito de que o homem é parte integrante da natureza, está nela e não pode mais ser dividido em mil partes, propomos uma série que busque o caminho do equilíbrio, da qualidade de vida passando por conceitos que podem nos conduzir ao caminho que queremos: cooperação, pluralismo, paz, ética, criatividade, afetividade, solidariedade, dignidade, coletividade, participação, respeito à diversidade, espiritualidade, amor”.

motivos que me levaram a centrar nele o desenvolvimento de minha dissertação de Mestrado.

Quando da organização da minha proposta de dissertação, propus-me a investigar aspectos que se agregavam à nova série, configurando-a como contemporânea. Coloquei em destaque alguns aspectos que as análises preliminares me permitiram ver, sendo que entre esses destaquei alguns que diziam respeito às questões de gênero e raça, que me pareceram poder ser articuladas às representações de natureza, bem como aos apelos mercadológicos e a um estilo *fashion* de viver. Dessa forma, destaquei a *glamourização* dos/as personagens que nesta série, estão inseridos em “padrões” que consideram, por exemplo, a cultura da magreza, e que valorizam a juventude e os chamados “hábitos saudáveis de vida”, que incluem caminhadas, malhação, entre outras atitudes usualmente destacadas em diferentes produções da mídia. Também indiquei, a partir da “nova” série, aspectos que marcam a cisão usualmente feita entre alta e baixa cultura, bem como a valorização da cultura erudita em detrimento da cultura popular. Destaco que, ao valer-se destes recursos e apelos, este ‘novo’ *Sítio do Picapau Amarelo* tem sido ajustado a alguns “padrões culturais” bastante destacados na mídia e que mais uma vez estão representados na tela da televisão em um programa endereçado aos jovens e às crianças que podem, em mais esta instância cultural, consumi-los diariamente em todo o país. Como enfatiza Carvalho (2002), é através das aventuras, brincadeiras e reinações que ética, cultura e imaginação vão sendo postas em relação a outros significantes.

Na tentativa de evitar a pulverização das análises e visando atender as sugestões da Banca, que examinou o Projeto desta dissertação, reorganizei algumas das questões de pesquisa, as quais ganharam agora o seguinte formato:

- Como a natureza é representada neste programa televisivo que tem como cenário um sítio? Que aspectos, situações e sujeitos podem ser a ela articulados?
- A que outros textos podem ser articuladas as histórias narradas neste seriado televisivo?

- A quem o *Sítio do Picapau Amarelo* está endereçado nesta nova versão televisiva?

Em uma tentativa de ir mapeando melhor as questões, fiz uma incursão à literatura e aos programas das séries antigas¹¹, não com o objetivo de estabelecer comparações (embora isso seja praticamente inevitável) entre elas, mas para poder ler o que, em outra época e circunstância, destacava-se ao se abordar as mesmas temáticas. Kellner (2001a) aponta que não devemos nos deter, apenas, na intertextualidade¹², mas sim movermos do texto para seu contexto, para a cultura e a sociedade que constituem o texto e pelas quais ele deve ser lido e interpretado. Atenta a essa recomendação, ao realizar as análises, transitei pelos textos do *Sítio do Picapau Amarelo* escritos por Lobato, pelo antigo programa televisivo do *Sítio*, produzido pela TV Globo e que permaneceu em exibição durante 9 anos, para estabelecer articulações com o atual programa, também da TV Globo.

Mesmo que não tenha realizado pesquisas de audiência ou levantado junto à imprensa informações mais detidas acerca do impacto e aceitação desta série junto ao público, ao incursionar *nos* e *entre* os diferentes textos, procurei ficar atenta a aspectos que marcavam o contexto sócio-histórico à época da sua produção, pois, como salienta Najara Ferrari Pinheiro (2002), o contexto exerce um relevante papel na análise de um texto, já que nele é possível perceber características que contribuem para a antecipação de elementos constantes da estrutura textual. Na direção em que conduzi esse estudo, que assume as posições construcionistas acerca do papel que as linguagens têm sobre os sujeitos e suas compreensões de mundo, isso é visto como sendo bem mais do que uma simples contribuição.

Em relação ao endereçamento do programa, inspirada especialmente nas análises conduzidas por Elisabeth Ellsworth (2001), passei a interessar-me, igualmente, em indicar quais eram os seus “modos de endereçamento”. O modo de

¹¹ Consegui em uma locadora de vídeo uma fita da TV Globo, da antiga série do *Sítio do Picapau Amarelo*, intitulada “A Cuca vai Pegar”, com duração aproximada de 90 min. A professora Dra. Rosa Maria Hessel Silveira das Universidades UFRGS e ULBRA, gentilmente emprestou-me uma fita de vídeo do antigo programa, com duração aproximada de 22 min.

¹² Para Hall (1997c), um exemplo de *intertextualidade* consiste em que uma imagem para ser “lida” depende da sua relação com um número de outras imagens semelhantes. Turner (1997) explica-nos o que significa a intertextualidade no cinema: “é um termo empregado para descrever o modo como qualquer texto de um filme será entendido mediante nossa experiência ou percepção de outros filmes” (ibid.:69).

endereçamento, para a autora (ibid.), é um termo que tem um enorme peso teórico e político, que pertence aos estudos de cinema e se resume à busca de resposta à seguinte pergunta: quem este filme pensa que você é? A autora transporta esse termo para a Educação e sugere que pensemos sobre o público que lê os textos educacionais. Eu o transporto para as séries televisivas do *Sítio do Picapau Amarelo* para tentar compreender o que a autora configura como sendo um espaço intermediário entre a produção e seus efeitos nos públicos; ou melhor, para tentar compreender a relação entre o texto deste programa televisivo e a experiência do telespectador.

Quero destacar que, a partir do uso que fiz das teorizações buscadas nos Estudos Culturais, passei a ver nas histórias do *Sítio* alguns aspectos que anteriormente não despertavam minha atenção. Assim, interessou-me discutir o que se pretende ensinar/marcar/destacar nesta nova versão do *Sítio do Picapau Amarelo*, posta em circulação na mídia no século XXI, pois inúmeras “novas” histórias, e mesmo personagens, foram agregados às histórias originalmente narradas por Monteiro Lobato. Ao conduzir as análises dos programas da nova série, bem como ao incursionar às obras e aos programas das séries antigas, valendo-me de tais teorizações, selecionei algumas categorias de análise. Entre essas estão: o endereçamento da nova série televisiva; a cisão entre a alta e a baixa cultura que nela, muitas vezes, se opera; as representações de natureza que a configuram ora como ameaçadora, ora como ameaçada; e, ainda, as representações relativas ao sítio associadas a dicotomias como urbano/rural, global/local.

Assim, no processo analítico que empreendi, procurei dialogar com diferentes autores e autoras, os quais tenho tido o prazer de ler e cujos textos e obras permitiram-me fundamentar as discussões realizadas.

ALGUNS CAMINHOS TRILHADOS NA PESQUISA

Os Estudos Culturais, conforme já referi, valem-se de abordagens metodológicas flexíveis, não tendo uma metodologia fechada ou que lhes seja própria. Valem-se de metodologias de outros campos de estudos como a Antropologia, as Ciências Sociais, a Comunicação e muitos outros, para realização de suas pesquisas, embora não se apropriem destas metodologias, apenas as “tomam emprestadas”.

Busquei basear-me, especialmente, nos estudos conduzidos por Eunice Isaia Kindel¹³ em sua Tese de Doutorado para organizar os procedimentos analíticos que utilizei nesta dissertação. Essa autora “tomou emprestadas”, na condução de seu estudo, análises dos estudos da Comunicação, e mais especificamente dos estudos de cinema, valendo-se especialmente do trabalho de Ellsworth (2001), referido anteriormente, sobre os modos de endereçamento.

Assim como Kindel (2003), busquei atentar para o público ao qual o programa infantil em estudo estaria endereçado. Enfim, procurei ver quem a TV Globo pensa que são os sujeitos que compõem a audiência do *Sítio do Picapau Amarelo*.

Do mesmo modo, apoiando-me nos estudos de Rosa Maria Bueno Fischer (2001), também procurei inteirar-me um pouco mais acerca do que é mais “típico” à linguagem televisiva. Há uma ‘gramática’ própria à TV, ou, como nos diz a autora (ibid.), há uma linguagem particular à TV e um modo particular de construí-la, a partir de elementos como sons, imagens, textos, diálogos, planos, etc. Esclareço que não me ocupo aqui em detalhar a ‘gramática da tevê’, mas na medida em que for utilizando alguns de seus termos (corte, planos...), apresentarei um breve esclarecimento sobre os mesmos.

¹³ A autora realizou um estudo sobre as representações de gênero, sexualidade, raça, etnia, nação, classe social e natureza, produzidas em seis desenhos animados da *Disney* e *Dreamworks*, da década de noventa.

Um outro aspecto para o qual atentei diz respeito a buscar estabelecer o que permanece nas montagens do programa televisivo e que remete à obra literária. Essa foi outra preocupação que sempre me perseguiu/persegue ao assistir e analisar esta nova versão televisiva, embora, para os Estudos Culturais, a questão da fidelidade de um texto a outro - de um livro a um filme, de um programa televisivo a um livro, etc - não seja o ponto mais importante para a discussão. As análises conduzidas a partir de Estudos Culturais são de outra natureza, e o que está nelas em jogo é o que está sendo representado, no caso deste estudo, aqui e agora, neste novo *Sítio*, que assume as peculiaridades tanto das produções televisivas, quanto das problemáticas que caracterizam este tempo.

Nesse sentido, inspirada pelos estudos de Hall (1997a e b) e pelas análises de Kindel (2003), realizei análises discursivas da série televisiva *Sítio do Picapau Amarelo*, direcionando meu foco de interesse, especialmente, às representações de natureza e a outras mais, que vejo estarem a elas articuladas. Como destacou Hall (1997a), a abordagem discursiva preocupa-se mais com os efeitos e conseqüências da representação, enfim com os significados que ela produz. Então, nesta dissertação, focalizei meu olhar nas representações que associei aos personagens e aos ambientes, “procurando entender de que forma essas constroem determinados discursos que passam a ter estatuto de verdade” (kindel: ibid.:75).

O PROCESSO DE SELEÇÃO DAS HISTÓRIAS DO NOVO *SÍTIO* QUE INTEGRAM AS ANÁLISES

Mesmo tendo gravado da tevê “n” episódios da série televisiva *Sítio do Picapau Amarelo*, acabei optando pelos capítulos disponíveis em fitas VHS e agora

também em DVD¹⁴ para neles centrar minhas análises. Primeiramente, cabe referir que um dos critérios fundamentais para que me definisse pela escolha dos episódios reproduzidos em vídeos foi a facilidade de acesso e a conseqüente abrangência de um público bem maior que tais produtos/produções permitem, já que, neles, os capítulos já apresentados na TV podem ser assistidos em qualquer horário¹⁵ e repetidos por quem a eles tiver acesso.

Assisti a toda coleção de fitas VHS lançadas pela TV Globo, as quais intitulam-se: *O Reino das Águas Claras*, *Viagem ao Céu*, *O Saci*, *As Caçadas de Pedrinho*, *O Poço do Visconde*, *Memórias de Emília*, *Histórias da Tia Nastácia* e *Reinações de Narizinho*. No momento de apresentação da proposta desta dissertação, detive-me mais na análise do vídeo *O Reino das Águas Claras*, que compreende os seis primeiros capítulos do programa, lançado em 12 de outubro de 2001. As fitas organizam-se da seguinte forma: a história contém a coletânea de uma semana da série televisiva, porém não apresenta os intervalos da tevê, nem as chamadas para o próximo capítulo. Ela apresenta uma história contínua, sem interrupções.

Para a dissertação, escolhi discutir as fitas: *O Saci*, *As caçadas de Pedrinho* e *O poço do Visconde*, porque era necessário delimitar meus objetos empíricos e porque, nesses vídeos, inclui-se uma maior gama de situações relacionadas ao tema que busquei discutir – representações de natureza – as quais, nestes episódios, estão associadas à mata, aos arredores do sítio, focalizando o que usualmente se configura como sendo os “cenários naturais”. E, ainda, porque neles também são discutidos modos de lidar-se com a natureza nestes locais, vinculando-se a ela temas que envolvem questões de preservação, ou que dizem respeito à relação ser humano/natureza. Passo, a seguir, a apresentar indicações sobre os episódios narrados nos vídeos que escolhi para analisar.

¹⁴ Enquanto as fitas de vídeo apresentam apenas uma história, os DVDs estão sendo lançados com duas histórias em um único DVD.

¹⁵ Pelo fato do programa ser exibido somente pela manhã, as crianças que estudam neste turno não conseguem assisti-lo.

UMA BREVE APRESENTAÇÃO DOS EPISÓDIOS ANALISADOS

Início a apresentação dos episódios analisados neste estudo, transcrevendo os textos incluídos nas sinopses que sintetizam e dão indicações sobre eles. Destaco que também está apresentada nos vídeos a *ficha técnica*, bem como o elenco que neles participa, que também será transcrito a seguir. Posteriormente, nesta mesma seção, apresento as sínteses que organizei a partir dos vídeos, bem como as situações que coloquei em destaque em minhas análises.

Sinopse original do vídeo *O Saci* – O mistério foi desvendado! Finalmente descobriram quem é que anda aprontando na cozinha da Tia Nastácia: o Saci! Para pôr fim na bagunça, o Tio Barnabé ensina a Pedrinho uma tática infalível: prender o Saci numa garrafa. Mas a calma dura pouco. O danado convence Pedrinho a libertá-lo para juntos saírem pela floresta. Você nem imagina as aventuras que os dois vão viver! *O Saci*, mais um episódio da Coleção Monteiro Lobato que a Globo Vídeo leva até você!

Sinopse do vídeo *As caçadas de Pedrinho* – Os bichos do capoeirão dos Tucanos estão assustados: caçadores de onça espalharam armadilhas ameaçadoras pela mata. A turma do *Sítio* ficou uma fera e resolveu pôr um ponto final na história. Juntos, Narizinho, Emília, Visconde e Rabicó arquitetam um plano para dar uma lição nos malfeitores. Mas, iih, eles foram capturados! *As caçadas de Pedrinho*, mais um episódio da Coleção Monteiro Lobato que a Globo Vídeo leva até você!

Sinopse do vídeo *O poço do Visconde* – Existe alguém mais inteligente e estudioso do que o Visconde de Sabugosa? Pois é, ele agora resolveu se interessar por Geologia (a ciência que estuda a origem e a formação do nosso petróleo). Para pesquisar, ele entra num buraco de tatu, analisa a terra e descobre que pode haver petróleo bem no meio do sítio! Começa, então, uma viagem incrível: por dentro de um vulcão, nossa turma irá até o centro da terra. *O poço do Visconde*, mais um episódio da Coleção Monteiro Lobato que a Globo Vídeo leva até você!

Elenco principal: Nicette Bruno, Dhu Moraes, João Acaiabe, Cândido Damm, Isabelle Drummond, Lara Rodrigues, Cear Cardadeiro e Izak Dahora - Bonecos: Aline Mendonça, Jacira Santos, Roberto Dornelles, Sidney Beckenkamp, Totoni Silva e Zé Clayton

Participação especial: Ari Fontoura – Elenco: **O Saci** – Genivaldo Santos, Jacira Santos, Tatiane França, Viviane Novaes e Zé Clayton. **As caçadas de Pedrinho** – Carlos Bonow, Duda Ribeiro, Flavia Donato, Genivaldo Santos, Isa Xavier, Isaac Bardavid, Ivan Cápua, Kalluh Araújo, Raul farias Lima, Rodolfo Vaz e Thatiane Manzan. **O poço do Visconde** – Caio Baldini, Dico Pantaleão, Ammanuel Santos, Genivaldo Santos, Issac Bernat, José Augusto Branco, Junyor Prata, Márcio Nascimento, Michel Max e Thiago Cobbett.

Autores: Cláudio Lobato, Mariana Mesquita, Luciana Sandroni¹⁶ e Toni Brandão

Direção de fotografia: Henrique Leiner

Figurino: Helena Araújo

Caracterização: Beth Fairbenks

Cenografia: Alexandre Gomes

Produção de arte: Denise Garrido

Sonoplastia: Marcos Caetano, Laércio Salles e Renato Muniz

Produção musical: Ricardo Ottoboni

Edição: Marcos Seixas e Renato Fernandez

Efeitos especiais: Gilson Figueiredo e Cláudio Sampaio

Efeitos visuais: Mauro Heitor, Paulo Tibau e Jorge Barrão

Produção de elenco: Nelson Fonseca

¹⁶ Cabe referir que Luciana Sandroni é autora do livro: *Minhas memórias de Lobato, contadas por Emília, Marquesa de Rabicó*, e *pelo Visconde de Sabugosa*, publicado em 1997 em São Paulo, pela Companhia das Letrinhas.

Assistentes de direção: Tande Bressane e Noa Bressane

Gerência de produção: Lou Freitas

Direção de produção: Flávio Nascimento

Direção: Márcio Trigo, Pedro Vasconcelos e Marcelo Zambelli

Direção geral: Márcio Trigo

Direção de núcleo: Roberto Talma

SINOPSES DA AUTORA E SITUAÇÕES DESTACADAS PARA ANÁLISE

Embasando-me, especialmente, na forma como foi feita a apresentação dos desenhos animados analisados na Tese de Doutorado, realizada por Eunice Isaia Kindel (2003), já citada anteriormente, apresento a seguir a síntese que organizei sobre cada um dos vídeos analisados e, depois, as situações destacadas para análise. Ressalto, que a escolha do título que nomeia cada uma das situações destacadas foi minha e que procurei, dessa forma, já ir colocando em destaque aquilo que mais chamou minha atenção nos episódios examinados.

Em relação ao padrão escolhido para dar início e finalizar os vídeos, cabe registrar que esses são idênticos tanto à abertura quanto ao fechamento dos episódios da série exibida diariamente na TV Globo. Ao som da música *Sítio do Picapau Amarelo* de Gilberto Gil¹⁷, abre-se o livro *Sítio do Picapau Amarelo* e um desenho animado é apresentado, sendo que nele aparecem um pica-pau, o *Sítio do*

¹⁷ A música é a mesma da antiga série televisiva da TV Globo, marcando assim um chamamento às pessoas que já assistiram às adaptações. Conforme Maria Tereza Amodeo (2003), o diretor do novo *Sítio*, Márcio Trigo, na ocasião do seu lançamento afirmou à Folhinha *On Line* que as pessoas que mais aguardam o programa, apesar de atingir crianças a partir de quatro anos até aquelas com 12 e 13 anos, são as antigas telespectadoras do *Sítio do Picapau Amarelo*.

Picapau Amarelo e seus personagens, a casa de Dona Benta, a cozinha de Tia Nastácia e a gruta da Cuca, enquanto a ficha técnica do programa vai sendo exibida. Os vídeos também terminam com o fechamento que aparece no final do programa diariamente na TV Globo e que é semelhante à abertura. Ao som da mesma música (*Sítio do Picapau Amarelo* de Gilberto Gil), abre-se o mesmo livro (*Sítio do Picapau Amarelo*) e o desenho das páginas abertas fica congelado, enquanto a ficha técnica do programa vai sendo apresentada. Nos vídeos, não há o convite para acessar o site do programa como ocorre na televisão.

O Saci – Sinopse da autora

Tia Nastácia aguça a curiosidade de Pedrinho ao dizer que o Saci existe. Pedrinho procura o Tio Barnabé para saber se o Saci realmente existe. Tio Barnabé confirma a existência de sacis e, a pedido de Pedrinho, ensina o menino a caçar o Saci. Enquanto isso, a Cuca, após seu banho de poluição, faz feitiços para acabar com a menina de narizinho arrebitado (Narizinho).

Pedrinho e Narizinho seguem todos os passos ensinados por Tio Barnabé, mas acreditam não terem conseguido pegar o Saci porque a garrafa, onde ele deveria estar preso, continua aparentemente vazia. O menino procura por Tio Barnabé para saber o que fez de errado. Narizinho e Emília vão pescar no ribeirão.

Tio Barnabé diz que Pedrinho não fez nada de errado e que o Saci está preso na garrafa, mas que só é possível vê-lo quando o menino “cair na modorra”, ou melhor, quando estiver cochilando. O menino vai para a mata e adormece.

Emília pensa ter pegado um peixe e de tanto entusiasmo, cai dentro do ribeirão. Narizinho consegue salvá-la com um galho e a coloca para secar no varal. A bonequinha falante fica lá gritando para que alguém a tire de lá.

Pedrinho é acordado pelo Saci que o chama de dentro da garrafa. Saci convence o menino que a floresta (a mata) é muito perigosa e que ele precisa ser solto para ajudar o menino a se proteger dos perigos. Pedrinho solta o Saci e ele o leva para conhecer a floresta.

A Cuca transforma-se em uma velhinha para oferecer uma flor azul à neta de Dona Benta. Narizinho, ao colher jabuticabas, recebe a flor e é transformada em uma pedra.

Tia Nastácia recolhe roupas no varal e acaba tirando Emília de lá. A boneca indignada sai chutando tudo, inclusive dá um chute na Narizinho e espanta-se ao ver a pedra gritar. Ela conta isso para todo mundo, mas ninguém acredita.

Saci e Pedrinho encontram-se com a onça-pintada e conseguem espantá-la com pó-de-mico. Os dois também vêem o Lobisomem, a dança dos sacis, a mula-sem-cabeça, o curupira.

No *Sítio*, Tia Nastácia e Dona Benta começam a se preocupar, pois já está escurecendo e Narizinho e Pedrinho não retornam para casa. Dona Benta resolve pedir ajuda para o amigo Teodorico.

Pedrinho e Saci ficam sabendo do feitiço da Cuca. Vão até a sua gruta e amarram-na enquanto ela dorme. Depois de enganá-los, ela resolve contar como se desfaz o feitiço de Narizinho: é necessário encontrar uma flor azul e jogar as suas pétalas ao vento.

Já amanhecendo, Dona Benta escuta Pedrinho gritando no quintal. Ele e o Saci encontram a flor azul. O feitiço desfaz-se e Narizinho volta para o *Sítio*. Tia Nastácia propõe um café para comemorarem a volta dos netos de Dona Benta.

Situações destacadas para análise no episódio *O Saci*

<p>Vídeo: <i>O Saci</i></p>
<p>Situação “admirando o pôr-do-sol” – Aos 3 min e 47 seg.</p> <p>O episódio <i>O Saci</i> inicia com Narizinho e Pedrinho no jardim do sítio, em frente à casa de Dona Benta, admirando o pôr-do-sol. Eles chamam Dona Benta e Tia Nastácia para também admirá-lo.</p>
<p>Situação “O desequilíbrio ecológico” – Aos 4 min e 32 seg.</p> <p>Tia Nastácia reclama dos mosquitos e Pedrinho concorda dizendo que no ano anterior não tinha tanto mosquito no sítio. Dona Benta explica que é devido ao desequilíbrio ecológico e afirma:</p> <p>“– <i>Os homens devastam tanto as matas, que os animais morrem e a população de mosquitos se espalha por toda a parte</i>”.</p>
<p>Situação “Banho de poluição” – Aos 9 min e 50 seg.</p> <p>Cuca está em sua gruta tomando um banho de poluição. Ela diz que nada como um bom banho assim para começar o dia cheio de maldades.</p>
<p>Situação “A sabedoria do Tio Barnabé” – Aos 15 min e 8 seg.</p> <p>Pedrinho questiona Tio Barnabé sobre a existência de sacis. Tio Barnabé afirma que apesar da Dona Benta não acreditar, existe sim, e é um diabinho de uma perna só que anda pelo mundo fazendo traquinagem. Ele conta que uma vez aprontou uma para o Saci, colocando pólvora no cachimbo. Pedrinho preocupa-se em saber que tão cedo o Saci não voltaria mais. Tio Barnabé comenta que não existe apenas um Saci e o menino admira-se porque o velho sabe de tudo. Barnabé diz:</p> <p>“– <i>Quem muito vive, muito sabe</i>”.</p>
<p>Situação “As minhocas são nojentas” – Aos 19 min e 9 seg.</p> <p>Rabicó está na horta (toda limpinha) do sítio procurando minhocas. Emília pergunta ao leitão como é que ele pode gostar de minhoca, pois são bichos muito nojentos. Ele diz que são muito apetitosas e pergunta se ela não quer provar umazinha.</p>

Situação “Das vantagens de viver no mato” – Aos 21 min e 15 seg.

Emília questiona Tio Barnabé sobre a opção de morar sozinho, uma vez que a casa da Dona Benta é grande e tem um quarto para cada um. Ele diz que gosta de morar no meio do mato para ouvir o canto dos passarinhos. Tio Barnabé explica como é que os passarinhos fazem sua casa, mostrando (em planos detalhes) a casa do João-de-Barro e o ninho do Sabiá.

Situação “O feitiço caro da Cuca” – Aos 24 min e 53 seg.

Cuca está fazendo um feitiço com asa de morcego, uma pitada de sapo moído e, para dar um toque todo especial, lascas de unhas de vampiro, “um produto importado caríssimo, caríssimo”, afirma ela.

Situação “Meninos são espertos e inteligentes” – Aos 26 min e 40 seg.

Após um redemoinho, Pedrinho pensa não ter conseguido caçar o Saci, porque a garrafa onde ele deveria estar parece vazia. Narizinho retruca dizendo que é ele que diz que os meninos são espertos, fortes e inteligentes.

Situação “Os Perigos da floresta” – Aos 36 min e 57 seg.

Pedrinho acorda e vê o Saci dentro da garrafa. O Saci pede para o menino soltá-lo porque precisará de sua ajuda por causa dos perigos da floresta. Ele fala que estão no coração da mata, o lugar mais perigoso da floresta, onde ficam os sacis, a mula-sem-cabeça, o lobisomem, a bruxa e o caipora.

Situação “Das diferenças entre a vida no *Sítio* e na cidade” – Aos 40 min.

Dona Benta desliga o computador dizendo que a sua correspondência eletrônica está em dia e pode voltar para os livros, sua grande paixão. Tia Nastácia traz café com bolo e coloca sua preocupação com Pedrinho que sumiu pelos matos. A avó diz para deixar, já que o menino passa o ano todo dentro de um apartamento e quando vem para o *Sítio* tem que passear mesmo. Tia Nastácia, com um ditado popular, argumenta:

“– *Quem nunca comeu melado, quando come se lambuza*”.

Situação “A luta pela vida na mata virgem” – Aos 41 min e 40 seg.

O Saci leva Pedrinho para conhecer os segredos da mata virgem. Ele mostra um bicho-pau e uma sucuri que acabou de engolir um boi. Pedrinho fica admirado. Saci explica que é a luta pela vida, na qual uma criatura vive da outra e sua inteligência vence a força.

Situação “Como afastar a Onça-pintada” – Aos 48 e aos 51 min.

Pedrinho e Saci sobem em uma árvore com medo da onça-pintada. Saci dá pó-de-mico para o menino jogar nos olhos da onça-pintada. O plano funciona e o animal vai embora.

Situação “Os alimentos da floresta” – Aos 68 min (1 h e 08 min).

Pedrinho está com fome e Saci pega palmito na floresta para comerem.

Situação “Pressão na Cuca” – Aos 88 min (1 h e 28 min) e 18 seg.

Saci resolve amarrar a Cuca enquanto ela dorme para forçá-la a contar o que fez com a Narizinho. Ele e Pedrinho cortam cipó da mata para amarrá-la.

No final do vídeo, Emília convida:

“– *Olha o que espera vocês na semana que vêm*”. Aparecem, então, as cenas do próximo vídeo: *As caçadas de Pedrinho*.

As caçadas de Pedrinho – Sinopse da autora

Tio Barnabé comenta com Tia Nastácia a ausência de micos no *Sítio do Picapau Amarelo*. Tia Nastácia diz que os bichos estão desaparecendo do Capoeirão dos Tucanos e que há muitos animais em extinção. Dona Benta, que acaba de chegar, concorda e acrescenta que devido às queimadas e desmatamentos não há como os animais sobreviverem.

Dona Benta está arrecadando agasalhos para a Festa da *Campanha do Agasalho* que ocorrerá naquela noite.

A Cuca e o Saci estão na gruta da bruxa. O moleque de uma perna só faz feitiços enquanto a Cuca faz aeróbica e comenta que cansa muito ser “sarada”.

Pedrinho e Narizinho brincam com bichinhos feitos de legumes. Rabicó encontra armadilhas pela mata, vai desarmando-as e comendo as iscas até chegar aos caçadores que as colocaram. Enquanto isso, Emília também fica sabendo da presença dos caçadores que vieram atrás da onça-pintada pelos besouros. Os dois correm em direção a Pedrinho e Narizinho para contar o que está acontecendo no capoeirão.

As crianças vão desarmar as armadilhas e resolvem fazer um plano para pegar os caçadores. Rabicó serve de isca e distrai os caçadores, enquanto Narizinho troca o sonífero que eles iriam dar para a onça por sal. Os caçadores encontram Narizinho, Pedrinho, Emília, Visconde e Rabicó e amarram-nos em árvores.

Nessas alturas, o Saci também já sabe da presença dos caçadores e pede ajuda à sua prima Cuca para acabar com eles. A bruxa chega ao acampamento dos caçadores e os transforma em sapos. Saci aproveita para soltar a turma do *Sítio* que consegue chegar a tempo para participar da Festa da *Campanha do Agasalho*. A festança conta até com a presença de uma dupla de repentistas: Tico-tico e Sabiá. Dona Benta fica muito feliz com o resultado da arrecadação de agasalhos.

Terminada a festa, as crianças assistem ao noticiário e ficam sabendo que um rinoceronte fugiu do circo. Logo se interessam pelo animal e resolvem procurá-lo no dia seguinte. Antes de irem dormir, Narizinho e Pedrinho fazem uma pesquisa na *Internet* para saber tudo sobre rinocerontes.

No dia seguinte, Emília e Rabicó encontram o rinoceronte. As crianças resolvem escondê-lo na casa do Tio Barnabé até que dona Benta e Tia Nastácia saibam de sua existência. O pessoal do circo reconhece as pegadas do rinoceronte e vai até o *Sítio* para buscá-lo. O dono do circo inclusive apresenta uma certidão de nascimento para provar que o animal é seu. Quando estão se despedindo do pessoal do *Sítio*, que está muito triste porque já se afeiçoou ao rinoceronte, chegam os agentes do governo e descobrem que a certidão de nascimento é falsa. O rinoceronte, que já ganhou o nome de Quindim, de Emília, fica livre e pode inclusive voltar para a África, porém ele decide ficar morando no *Sítio do Picapau Amarelo* para a alegria de todos. Tia Nastácia faz até uma roupa para Quindim.

Situações destacadas para a análise no episódio *As caçadas de Pedrinho*

Vídeo: *As caçadas de Pedrinho*

Situação “O desaparecimento dos micos” – Aos 5 min e 38 seg.

Na cozinha, Tio Barnabé comenta com Tia Nastácia que os micos estão desaparecendo e que, inclusive no passado, eles vinham no *Sítio* roubar bananas e até entravam na cozinha. Tia Nastácia diz que isso deve ser “esta tal de extinção dos animais de que tanto falam”. Tio Barnabé questiona a existência de caçadores na mata. Dona Benta chega e participa da conversa, afirmando que há muito tempo não vê caçadores, mas que houve muito desmatamento, queimada e foi então que muitos animais morreram. Tio Barnabé admira-se com a quantidade de casacos que Dona Benta traz. Ela diz que são agasalhos de crianças que não os usam mais.

Situação “Campanha do Agasalho” – Aos 7 min e 42 seg.

Pedrinho ajuda a avó a colocar agasalhos em sua camioneta e Dona Benta diz que é para a *Campanha do Agasalho* e que esse ano no Arraial dos Tucanos ninguém vai sentir frio. O menino diz que deveria ser assim em todos os lugares. Narizinho traz mais casacos.

Situação “Fala da Emília e preocupações de Narizinho” – Aos 8 min e 48 seg.

Emília conta para os besouros sobre como foi feita por Tia Nastácia e eles questionam se ela já nasceu falando. A boneca diz que foi o Dr. Cara de Coruja (Caramujo) do Reino das Águas Claras que a fez falar e que ele quis cortar a “falinha” de um papagaio para colocar nela, mas Narizinho não deixou, pois é dessas meninas que não deixa matar nenhuma formiga, embora seja linda, calma e simpática.

Situação “A cadeia alimentar” – Aos 10 min e 22 seg.

Narizinho e Pedrinho brincam com os bichos feitos de legumes. A menina reclama com o primo que a onça-pintada dele só come as suas ovelhas. O menino fala que é assim mesmo na natureza e Visconde ajuda, explicando que na cadeia alimentar as onças são carnívoras e se alimentam de outros animais. A cadeia alimentar é assim mesmo, um animal mata o outro para sobreviver, completa o sabugo. Narizinho diz que sabe que a vida é um come-come danado, mas que é só uma brincadeira, não precisa ser como na realidade.

Situação “As denúncias dos repentistas Tico-tico e Sabiá” – Aos 11 min e 7 seg.

Dona Benta está indo para o Arraial dos Tucanos quando encontra a dupla de repentistas Tico-tico e Sabiá que está cantando a música com a seguinte letra:

*O bicho homem não sossega
Dia e noite essa matança
Vire e mexe mata o bicho
Só para encher a sua pança*

*É paca, é onça e tatu
Qualquer bicho ele traça
Não adianta nem fugir
Tá na mata ele caça*

A avó estaciona e convida a dupla para a Festa da Campanha do Agasalho que vai ter a noite no *Sítio*. Ela conta que cada convidado irá levar uma roupa para doar para a comunidade carente.

Situação “A Cuca Sarada” – Aos 14 min e 41 seg.

Cuca está fazendo exercícios físicos (ginástica localizada) e comenta com o Saci como cansa ser “sarada”.

Situação “Caçadores no Capoeirão” – Aos 17 min e 56 seg.

Emília é avisada pelos besouros sobre a presença de caçadores no capoeirão dos tucanos. Os bichinhos comentam que os caçadores estão acampados lá, possuem muitas armas, espalharam várias armadilhas e querem caçar onça-pintada. A boneca diz que precisa avisar Pedrinho e Narizinho.

Situação “Assembléia” – Aos 21 min e 14 seg.

Emília retoma a conversa com os besouros informantes. Eles dizem que os animais estão muito assustados, assustadíssimos, e até organizaram uma assembléia para discutir o assunto. A Dona Coruja é quem organizou.

Situação “Sucesso da campanha” – Aos 34 min e 57 seg.

Dona Benta comenta com Tia Nastácia, Tio Barnabé e com os repentistas o sucesso da Campanha do Agasalho. E diz que todos os fazendeiros colaboraram e que é uma maravilha ver as pessoas entendendo a importância de se fazer alguma coisa pelos outros.

Situação “Papo de Ecologia” – Aos 53 min e 23 seg.

Emília, Pedrinho, Narizinho, Visconde e o Rabicó foram presos pelos caçadores e estão amarrados em árvores. Emília diz que os caçadores são cegos, surdos e burros. Pedrinho concorda dizendo que eles estão acabando com a natureza e depois ainda querem que as crianças salvem o mundo. Um dos caçadores fala que não se comove com esse papo de Ecologia, pois depois que ganhar seu “dim-dim”, quer que a natureza se exploda.

Situação “Para tornar o mundo melhor” – Aos 55 min e 50 seg.

Coronel Teodorico parabeniza D. Benta pelo sucesso da Campanha do Agasalho. Ela fala que não fez nada de mais e que, se cada um fizesse a sua parte, o mundo estaria bem melhor.

Situação “A utilidade do rinoceronte africano” – Aos 62 min (1 h e 02 min) e 42 seg.

As crianças vêem na tevê a notícia sobre um rinoceronte que desapareceu do circo. Narizinho diz que era só o que faltava no *Sítio*. Tia Nastácia pergunta a Dona Benta se podem comer carne de rinoceronte e ela questiona o Visconde. O sabugo diz que, pelo que sabe, a única coisa útil dos rinocerontes para o homem é a sua pele.

Situação “O rinoceronte na *Internet*” – Aos 65 min (1 h e 05 min) e 48 seg.

Pedrinho e Emília pesquisam na *Internet* sobre os rinocerontes. As crianças combinam que, na manhã do dia seguinte, irão caçar o rinoceronte. Elas, então, resolvem continuar a pesquisa para saber tudo sobre o animal.

Situação “A procura do rinoceronte no violento mundo da selva” – Aos 70 min (1 h e 10 min) e 14 seg.

O dono do circo, a mulher barbada e o perna-de-pau estão na mata procurando o rinoceronte. O dono do circo diz que o mundo na selva é muito violento e o perna-de-pau completa dizendo que ela está cheia de bicho que chupa o sangue.

Situação “Homem não chora” – Aos 76 min (1 h e 16 min) e 27 seg.

O dono do circo chora porque não encontra o seu rinoceronte. A mulher barbada diz que não precisa chorar, que é para ele olhar o mico que está pagando: homem de barba na cara chorando.

Situação “Diferenças entre os sexos” – Aos 76 min (1 h e 16 min) e 54 seg.

Narizinho faz negrinhos, enquanto Pedrinho brinca de carrinho.

Situação “Burocracia” – Aos 78 min (1 h e 18 min) e 35 seg.

Emília e Dona Benta estão assistindo tevê. A repórter (Fátima Maria) está entrevistando a equipe do governo encarregada de caçar o rinoceronte do circo. Ela pergunta sobre como vão fazer para localizar o rinoceronte. Um dos integrantes da equipe explica que há alguns trâmites burocráticos que precisam ser cumpridos: o requerimento de busca e apreensão do animal será encaminhado para ser registrado e autenticado, depois o documento segue para a Divisão Administrativa para ter um parecer favorável. Se tudo correr bem, segue para o Departamento ANB (animais que não existem no Brasil) para ser homologado. Finalmente, passa para o SDC (sindicato dos donos de circo) para ser caçado e mandado para a África. A repórter encerra dizendo “ufa”. Dona Benta questiona se é realmente necessário tudo isso para caçar um rinoceronte.

Situação “Jogo da memória com animais” – Aos 81 min (1 h e 21 min) e 27 seg.

Narizinho e Pedrinho estão jogando memória. A menina fala para seu primo prestar mais atenção, pois é necessário separar os animais brasileiros que estão em extinção: o tamanduá-bandeira e o lobo-guará. Chega Rabicó para contar que ele e Emília encontraram o rinoceronte fujão, mas vê os brigadeiros que Narizinho fez e quer comê-los. Ela diz que o porco está muito gordo e precisa de uma dieta.

Situação “A liberdade do rinoceronte” – Aos 82 min (1 h e 22 min) e 58 seg.

Emília encontra o rinoceronte que fugiu do circo. O animal pergunta se ela sabe onde fica a África. Ele quer ir para lá, porque na África os rinocerontes são livres e fala que a boneca nem imagina o que é viver trancado numa jaula passando fome.

Situação “Não maltratem os animais” – Aos 108 min (1 h e 48 min) e 45 seg.

Devido aos maus tratos do rinoceronte no circo, Dona Benta ao ser entrevistada pela repórter da televisão, faz um apelo aos donos de circo:
“– *Não maltratem mais os animais. Todo o ser vivo merece respeito*”.

O poço do Visconde – Sinopse da autora

Pedrinho joga pedras no laguinho do *Sítio*, enquanto Visconde lê um livro de Geologia. O Saci traz uma pedra diferente para o menino. O sabugo fica dando aulas de Geologia para os dois. O moleque de uma perna só diz que esse papo é muito complicado e convida Pedrinho para dar uma volta no capoeirão.

Tio Barnabé apresenta o centauro Meioameio para o cavalo Pangaré e questiona: “O que mais falta aparecer aqui no *Sítio*”?

Narizinho e Emília brincam de fazer bolinhos de argila e Visconde fica dando aulas sobre solo para as duas. A boneca falante reclama que não é hora de aprender, mas sim de brincar. O sabugo diz que é chato ser um sábio, porque os sábios são incompreendidos.

Tia Nastácia preocupa-se com o que o centauro come. Dona Benta sugere que ela pergunte a ele.

Visconde sai caminhando e falando sozinho, dando aulas de Geologia e entra num buraco sem perceber.

Cuca olha-se no espelho e horroriza-se com uma nova ruga em seu rosto e resolve fazer um creme de beleza. Ela vai ao bosque pegar os ingredientes.

Pedrinho apresenta o centauro para o Saci e sai correndo ao ver marimbondos. Ele encontra Narizinho e Emília e pergunta se elas viram o Visconde. As crianças resolvem procurá-lo.

Tia Nastácia pergunta a Meioameio o que ele come e ele fala que imagina que comerá capim ao invés das comidas gostosas que ela faz.

Rabicó e Quindim também vão em busca do sabugo.

Cuca precisa de argila e pede que seu primo Saci faça um redemoinho para cavar um buraco para que ela pegue argila.

Os besouros avisam Emília que o Visconde entrou na casa do Zé-tatu. Ela usa sua varinha de condão para diminuir o seu tamanho e entra na toca para salvá-lo. O sabugo diz que pode haver petróleo no *Sítio*. Os dois correm do tatu.

As crianças voltam para casa e Visconde resolve aprofundar seus estudos na biblioteca e no laboratório. Emília sugere fazerem uma viagem ao centro da Terra com o pó-de-pirlimpimpim. O sabugo vai com eles e dá explicações sobre o centro da Terra. Pedrinho faz perguntas sobre o petróleo. Uma erupção vulcânica os joga de volta para o *Sítio*.

Centauro questiona se Dona Benta é a deusa do saber, ela fala que não e que o seu saber veio da idade. À noite, a vovó decide fazer uma sessão de cinema e mostra uns slides sobre o petróleo. Tia Nastácia faz pipocas e Dona Benta conta a história do petróleo no Brasil (Dona Benta apresenta às crianças o escritor Monteiro Lobato que se destacou pela sua campanha ferrenha em prol do ferro e petróleo brasileiro).

Emília resolve construir um poço de petróleo no *Sítio*. Dona Benta diz que, atualmente, no Brasil, é o governo que explora o petróleo, mas, mesmo assim, autoriza as crianças a construírem o poço.

Visconde fornece as explicações necessárias sobre o local onde o poço deve ser construído e Emília, com a sua varinha mágica, coloca uma torre de petróleo no local indicado.

Cuca prepara um banho de lama que faz bem para a pele. A bruxa diz que o primeiro segredo de beleza é o bom humor. Saci avisa-a que a torre de petróleo está sobre a sua gruta. Cuca faz um feitiço e manda petróleo fajuto (ouro de tolo) do seu caldeirão para as crianças. Saci tenta avisá-las, mas não consegue.

Tio Barnabé divulga a notícia do petróleo no armazém. Os repórteres da capital vão ao *Sítio do Picapau Amarelo* entrevistar os netos de Dona Benta. Os vizinhos trocam suas terras por um lugar no Condomínio Pedacinho do Céu. O mesmo oportunista que negociou com os vizinhos, disfarçado de árabe, tenta também comprar as terras de Dona Benta.

Vovó conversa com as crianças e diz que o poço vai trazer muitos problemas ambientais e vai despertar a cobiça das pessoas. Resolvem, então, desmanchar o poço.

Quando o árabe está indo embora, ele vê uma placa onde está escrito: “o maior poço de petróleo está aqui”. É coisa da Cuca que está apaixonada pelo moço. Entretanto, ela logo percebe que o interesse dele é somente pelo petróleo e corre atrás do moço.

Os donos dos sítios vizinhos descobrem que foram enganados e exigem suas propriedades de volta.

Cuca resolve acabar com o petróleo. Saci conta toda a verdade para as crianças sobre o falso petróleo.

Dona Benta convida a todos para mais um cinema com pipocas. Ela instala em seu *Sítio* placas que irão captar a energia solar.

Emília, é claro, resolve ir até o sol.

Situações destacadas para análise no episódio *O poço do Visconde*

Vídeo: <i>O poço do Visconde</i>

Situação “O papo erudito do sabugo de milho” – Aos 3 min e 50 seg.

Pedrinho joga pedras no laguinho (artificial) em frente à casa do *Sítio*, enquanto Visconde lê um livro de Geologia que encontrou na biblioteca de Dona Benta. O sabugo falante explica o que é Geologia. Saci chega trazendo uma pedra para Pedrinho. Visconde diz que a pedra trazida é efeito da erosão. O moleque de uma perna só reclama que o sabugo fala difícil. Visconde fica explicando sobre a erosão, os meninos resolvem dar uma volta no capoeirão porque o papo de sabugo é muito complicado.

Situação “O centauro” – Aos 6 min e 20 seg.

O cavalo Pangaré é apresentado ao Meioameio, um centauro. O centauro explica que é metade cavalo e metade homem e que dizem que ele representa o instinto animal, o juízo e a virtude do homem.

Situação “Os sábios são incompreendidos” – Aos 7 min e 15 seg.

Emília e Narizinho brincam de fazer bolinhos com argila e perguntam se Visconde aceita um bolinho. A boneca dá a opção do sabugo escolher entre “bolinho de morango com chocolate” feito por ela ou só de “chocolate”, o feito por Narizinho. O sabugo diz que quer o de argila. Emília fala que não tem de argila. E ele explica como se forma a argila. Narizinho reclama que brincar com o Visconde não tem graça. Emília reforça dizendo que agora não é hora de aprender, é hora de brincar, e que é para ele sair dali com essa conversa argilosa. Visconde diz:

“– *É chato ser um sábio, nós somos sempre muito incompreendidos*”.

Situação “A ruga da Cuca” – Aos 10 min e 40 seg.

Cuca olha-se no espelho, horroriza-se com uma nova ruga em seu rosto tão jovem e grita:

“– *Como isso foi acontecer logo comigo, logo eu que sou tão bela?*”.

E conclui dizendo que precisa de um creme de beleza, pois uma bruxa de 150 anos precisa de certos artifícios. Procurando em seu livro de feitiços e bruxaria, encontra uma receita de um creme de rejuvenescimento a base de argila para bruxas da 10ª idade e resolve dar um passeio no bosque para buscar os ingredientes.

Situação “Os deuses do folclore brasileiro moram na floresta” – Aos 12 min e 50 seg.

Pedrinho e Saci estão no capoeirão e Meioameio chega. O menino apresenta os dois. O centauro pergunta se o Saci é alguma divindade. Pedrinho explica que deus não é, mas é uma divindade do folclore brasileiro, das mais populares. Meioameio pergunta onde o moleque de uma perna só mora. Saci responde que mora na mata que é cheia de seres fantásticos como mula-sem-cabeça, curupira, lobisomem, bruxa Cuca, lara que é linda e deixa cego quem olha para ela. O centauro fala que, então, a floresta é como o Olimpo, cheio de deuses e deusas poderosas. O Pedrinho diz que é mais ou menos isso, mas que ele não tem medo não, pois já sabe se virar muito bem e encosta-se numa árvore com marimbondos. Quando os vê, sai correndo com medo.

Situação “O professor Visconde” – Aos 14 min e 20 seg.

Visconde caminha dando aulas e explicando, entre outras coisas, que na natureza uma coisa não desaparece, apenas se transforma em outra coisa (Lei de Lavoisier).

Situação “Procurando o Visconde” – Aos 18 min e 20 seg.

Narizinho, Pedrinho e Emília vão até a biblioteca de Dona Benta procurar o Visconde. Pedrinho encontra um livro de Geologia e fala que o sabugo só pensa nisso e aposta que ele saiu por aí para pesquisar todas as pedras do *Sítio do Picapau Amarelo*. As crianças resolvem ir atrás dele. Emília diz que vai levar sua varinha de condão por via das dúvidas e que é o seu 7º sentido que está funcionando. O menino retruca dizendo que é o 6º sentido e explica (dá uma aula) sobre todos os sentidos.

Situação “A hora do lanche também é hora de aprender” – Aos 29 min e 38 seg.

As crianças estão na sala de jantar lanchando. Tia Nastácia chama-lhes a atenção, pois não esperaram por Dona Benta para comerem. A avó chega com o centauro. Emília diz que ainda bem que ele é metade gente, porque Tia Nastácia vive dizendo que lugar de bicho é lá fora. Meioameio, que andou de carro com Dona Benta, diz que ainda não entendeu onde ficam os cavalos que movem o automóvel. A avó-professora explica sobre a medida de força: cavalo-força. Ela dá uma aula, mas fala que Visconde explicaria melhor, que ele é o sábio de plantão.

Situação “Viagem ao centro da Terra” – Aos 33 min e 38 seg.

As crianças fazem uma viagem ao centro da Terra acompanhadas pelo Visconde. Lá, o sabugo explica sobre a crosta terrestre e sobre o petróleo. Para isso, dá aula sobre as eras geológicas: Azóica (sem vida), Paleozóica ou Primária (primeiros fósseis, primeiras conchas), Mesozóica ou Secundária (animais) e Cenozóica ou Terciária. Uma erupção vulcânica os joga de volta para o *Sítio*. Visconde continua com suas explicações e Emília reclama: “– *Nem explodindo, esse sabugo não perde a ciência*”.

Situação “A sabedoria da idade” – Aos 37 min e 10 seg.

Dona Benta, usando o seu computador, é questionada por Meioameio que pergunta se ela é a deusa do saber. Ela, rindo, responde que o sábio é o Visconde e que sua humilde sabedoria vem da idade, que os mais velhos acumulam experiências e conhecimentos.

Situação “História do petróleo” – Aos 38 min e 26 seg.

À noite, Dona Benta passa um documentário com slides sobre a história do

petróleo. Durante a sua narração, ela conta sobre o grande escritor Monteiro Lobato que fez uma campanha ferrenha em defesa do ferro e do petróleo, escrevendo cartas par Getúlio Vargas e que chegou a ser preso por isso, acusado de insultar o presidente que tinha proibido a exploração de petróleo no país. Emília resolve abrir um poço de petróleo no *Sítio*. A avó adverte que nos dias de hoje é o governo que explora o petróleo no Brasil e questiona sobre o que ela faria com petróleo no *Sítio*. A boneca de pano pergunta se não é ela que vive fazendo campanhas contra a fome, agasalho e sei lá mais o quê. Pedrinho argumenta que com petróleo ficariam ricos e poderiam ajudar todo mundo. Dona Benta permite a abertura do poço. Tia Nastácia chama a atenção, dizendo que brincadeira de criança no *Sítio* vira realidade e conclui com o ditado:

“– *Cerca mal feita convida o boi a passear*”.

Situação “Tomo um banho de lama” – Aos 50 min e 8 seg.

Cuca está em sua gruta fazendo seu banho de lama e cantando: tomo um banho de lama... Saci chega e indaga sobre o que ela está fazendo. A bruxa explica que está tomando um banho de lama que é um tratamento de beleza para ficar mais bonita. O moleque fala que não está adiantando de nada, porque ela é feia para danar. Cuca de imediato irrita-se para valer, mas procura acalmar-se, e explica que não pode ficar irritada, porque o primeiro segredo para uma pele linda é o bom humor.

Situação “A energia solar é viável no Brasil” – Aos 56 min.

Dona Benta faz uma pesquisa na *Internet* e explica o que descobriu para Tia Nastácia. Ela diz que estava fazendo uma pesquisa sobre energia solar e que já existem casas que produzem sua própria eletricidade graças a receptores (tipo de espelho côncavo) que concentram a energia solar. Tia Nastácia fala que no Brasil deveria dar certo, pois faz sol o ano todo.

Situação “Petróleo no *Sítio do Pica-pau Amarelo*” – Aos 76 min (1 h e 16 min) e 49 seg.

No armazém do Arraial dos Tucanos, Coronel Teodorico conta que deu no jornal que tem petróleo no *Sítio do Pica-pau Amarelo*. Um outro morador do Arraial dos Tucanos que ouve o coronel, diz que, se tem petróleo no *Sítio*, tem nas suas terras também. Nisso, entra um empresário (Ari Ataliba) no armazém, falando que ouviu tudo e que tem a solução para os problemas de todos. Eles dizem que não têm problemas. O empresário insiste que eles não têm, mas terão e que é para imaginarem o pacato vilarejo invadido por um batalhão de máquinas, de materiais e mão-de-obra e que logo, logo, virá a poluição. Ele oferece uma propriedade no condomínio *Pedacinho do Céu – Resort Club*, dizendo que é a oportunidade da vida deles e inclusive apresenta um *folder* do local. O Coronel Teodorico pergunta quanto vai custar tudo isso. O empresário diz que apenas uma assinatura para a troca de suas propriedades por uma

outra no Pedacinho do Céu.

Situação “Terra do petróleo” – Aos 81 min (1 h e 21 min) e 36 seg.

Dona Benta vai ao Arraial dos Tucanos e na entrada do vilarejo está uma faixa com a frase: “Bem-vindo ao Arraial dos Tucanos – A terra do petróleo”. Ao chegar, ela encontra vários vendedores ambulantes vendendo suvenires sobre o petróleo: camisetas, bonés, torres de petróleo, banho de petróleo com direito a foto.

Situação “O uso do petróleo também causa problemas” – Aos 88 min (1 h e 28 min) e 15 seg.

Crianças sentadas na varanda do sítio conversando sobre como podiam gastar o dinheiro ganho com a venda do petróleo. Emília dá idéias: guardar no colchão, jardim de inverno, estufa para flores raras. Dona Benta chega e diz às crianças que precisa ter uma conversa séria com elas. Ela fala que está na hora de acabarem de vez com essa brincadeira de petróleo. Pedrinho diz que ficariam milionários. A avó questiona sobre quem disse a ele que queriam isso. E completa dizendo que esse poço de petróleo que inventaram trará mais problemas do que alegrias e que estão brincando com uma coisa que mexe com a cobiça do ser humano e tem também todos os problemas que o petróleo causa. Narizinho fala que pensou que o petróleo fosse a solução do mundo. Dona Benta explica que é, mas como tudo tem seu lado negativo: a extração do petróleo mal conduzida pode trazer terríveis desastres ambientais e sua combustão causa poluição. A avó conclui dizendo que elas podiam muito bem aproveitar o interesse que o petróleo provocou para conhecer outras formas de energia, por exemplo, a energia solar.

Situação “Alternativas altruístas para usar o dinheiro do petróleo” – Aos 91 min (1 h e 31 min) e 45 seg.

Crianças conversando:

(Pedrinho) “– Já imaginou quantas pessoas a gente podia ajudar com este dinheiro”?

(Narizinho) “– É, e quantas casas a gente podia fazer com um pouquinho do dinheiro do petróleo”?

(Pedrinho) “– E quantos hospitais”?

(Emília) “– E quantas escolas?”

(Pedrinho) “– Fica para a próxima.

Situação “Novamente a mitologia brasileira” – Aos 100 min (1 h e 40 min) e 27 seg.

O Saci e o Meioameio correm pela mata e o moleque pede para que o centauro “dê um tempo”, porque só tem uma perna e o centauro quatro. Meioameio pede

desculpas dizendo que está nervoso com todas as novidades que está conhecendo, pois na Grécia Antiga, apesar do bando de monstros cheio de cabeças, ele já estava acostumado, mas que ali tudo é diferente: esse monte de máquinas que o Pedrinho está usando no poço de petróleo, carros sem cavalos, avião. Saci concorda falando que ir de um tempo para o outro deve ser complicado mesmo, mas que é para ele “ficar frio” que logo vai levá-lo para conhecer o curupira, o lobisomem, seus parentes. E explica que, assim como o centauro faz parte da mitologia grega, ele e seus parentes fazem parte do folclore, a mitologia brasileira. O centauro fica mais tranqüilo e diz que já está até se sentindo em casa.

Situação “Como se capta o petróleo hoje no Brasil” – Aos 106 min (1 h e 46 min) e 9 seg.

Todos estão vendo a imagem de uma plataforma de petróleo na tevê, enquanto Dona Benta explica:

“– *Hoje no Brasil o petróleo é extraído em modernas plataformas submarinas computadorizadas e com equipamentos de última geração*”.

Narizinho questiona se os problemas com o petróleo já acabaram. Ela diz que infelizmente não, que o petróleo continua sendo uma fonte extraordinária de energia, mas que alguns problemas ainda continuam. Visconde questiona se as crianças não se lembram daquelas imagens dos pássaros aquáticos lambuzados de óleo, sem poder respirar. E explica que foi em função de um derramamento de óleo. Tia Nastácia avisa que tem uns homens lá fora que vieram instalar umas tais placas que a Dona Benta comprou. Emília pergunta sobre as placas. A avó explica que, com as placas, poderão captar energia solar e usá-la como fonte alternativa de energia e que, quando faltar luz não ficarão sem luz. Ela completa, perguntando se lembram quando tiveram que poupar energia elétrica para evitar os apagões por causa dos baixos índices de água nos reservatórios. E termina dizendo:

“– *Então, a energia solar será uma alternativa para ocasiões como essa, mas o custo ainda é muito caro*”.

CAPÍTULO III – O SÍTIO DO PICAPAU AMARELO

A história de Dona Benta, aquela velha de mais de sessenta anos, óculos de ouro no nariz, que mora na companhia da mais encantadora das netas, mergulha na eternidade. Mais do que desdobrar-se nas aventuras contadas nos livros que até o fim da vida Lobato publicou aqui e na Argentina, o sítio do Picapau Amarelo marcou a imaginação e gerações e gerações de brasileiros (Marisa Lajolo, 1985:48).

Pode-se dizer que a série *Sítio do Picapau Amarelo* faz parte da história da televisão brasileira e, também, que ela é considerada por muitos a série infantil de maior sucesso já apresentada no Brasil. A primeira versão do *Sítio* foi produzida e apresentada na TV Tupi em 1951¹⁸, tendo sido exibida em uma época em que a televisão ainda era gravada ao vivo. A TV Cultura produziu uma nova edição do *Sítio* em 1964 e, entre os anos de 1967 e 1969, foi a vez da TV Bandeirantes apresentar uma nova produção.

No início da década de setenta, a TV Educativa, com apoio financeiro do Ministério da Educação e Cultura (MEC) e apoio material da TV Globo, produziu um episódio piloto de um dos livros da obra de Monteiro Lobato¹⁹. O programa teve o seu conteúdo estruturado por um grupo de professores/as, os quais deveriam seguir o estilo que Lobato havia perpetuado em suas obras. Assim, esta série televisiva deveria ensinar aspectos marcados como importantes para a cultura e conhecimento dos alunos e, ao mesmo tempo, estimular a sua curiosidade, enquanto nela encenavam-se histórias regionais, a história do mundo, ou as fábulas. Cabe ressaltar que Lobato destacara tais histórias por considerá-las conhecimento necessário a todos por serem parte do patrimônio cultural da humanidade e do país, devendo, portanto, serem disponibilizadas especialmente para a juventude²⁰. Tal série deveria

¹⁸ A primeira adaptação do *Sítio* foi feita por Júlio de Gouveia e Tatiana Belinki, em 1951. O programa deixou de ser transmitido em 1963, quando no Brasil, havia cerca de 1,5 milhão de televisões (José Roberto Whitaker Penteado, 1997).

¹⁹ A obra infantil lobatiana constituiu-se de dezessete títulos, sendo que um texto faz referência ao outro, marcando o caráter cíclico da obra (Lajolo, 1985).

²⁰ No capítulo V, onde se encontram as análises dos vídeos, é possível perceber que a intencionalidade de ensinar permanece nos programas atuais da TV Globo.

ter um enfoque educativo tal como o de "Vila Sésamo"²¹, uma produção americana exibida na época no Brasil em uma versão traduzida. Ao produzir-se este novo programa – *Sítio do Picapau Amarelo* – os produtores salientavam, no entanto, que este texto teria muito mais chances de incorporar a realidade nacional por basear-se em obra de autor brasileiro, que assumira muitas posições nacionalistas. Destacava-se, então, que o *Sítio do Picapau Amarelo* vinha suprir uma carência nacional de programas infantis, de modo semelhante a como a própria obra da qual o programa fora adaptado supriria a literatura infantil brasileira²². Carvalho (2002) afirma que as histórias de Lobato trouxeram inovações que compreendem desde um projeto de formação de nação, fortemente inscrito na personagem Jeca Tatu, por exemplo, até uma pedagogia cultural versada na inteligência e no imaginário difundidos pelo fantástico mundo do *Picapau Amarelo*, confirmando assim a intenção, tantas vezes apontada relativamente às produções lobatianas, de informar e formar os jovens em uma perspectiva pedagógica.

Como destaca Barbosa (1996)

A insistência e o senso de oportunidade com que Monteiro Lobato intercala *instrução* e *educação* em suas narrativas, mesmo as menos propícias a inserções didáticas, revelam, desnudam, esclarecem sua preocupação de fazer de sua literatura para crianças e jovens um veículo de formação intelectual e moral (ibid.:86).

Em 1973, o episódio piloto daquela então nova série foi apresentado na TVE. Devido ao grande sucesso de audiência, a TV Globo produziu uma série de episódios, cuja estréia ocorreu somente em 1977. A princípio, a série teria 256 episódios, mas, a partir do sucesso de audiência obtido, ela permaneceu no ar

²¹ Segundo Eleanor Blair Hilty (2001), a primeira produção de Vila Sésamo foi ao ar em 1969, constituindo-se em uma programação infantil que marcou o início de uma revolução nessa área. A autora afirma que apesar de Vila Sésamo, ter ocupando posição destacada sendo um dos favoritos tanto entre crianças quanto entre adultos, não há um consenso de que esse programa fosse efetivamente um 'bom' programa. J. Healy (1990), citado por ela, expressou sua preocupação sobre a aceitação incontestada do programa. Dizia ele: "a pior coisa de *Vila Sésamo* é que as pessoas acreditam que ele é educativamente valioso. Ele permanece como símbolo de 'boa' programação e institucionalizada desculpa para o 'tubo estúpido' como babá. Pais bem-intencionados absorvem seriamente o ditado: 'Ele ajuda as crianças a aprender'" (113).

²² "A história da literatura infantil brasileira pré-Lobato é curta e pobre. Durante praticamente três séculos, nada havia de nacional, mesmo porque nada se imprimiu, no Brasil, até a chegada da corte portuguesa em 1808" (Penteado, 1997:145).

durante nove anos (findou em 1986), tendo sido produzidos 1436 capítulos. Em 1979, o *Sítio do Picapau Amarelo* recebeu da UNESCO o prêmio de melhor programa infantil. O *Sítio* 'viajou' por vários países, principalmente por aqueles em que é falada a língua portuguesa, sendo censurado em Angola, por lá terem identificado Tia Nastácia como uma escrava.

Esta série do *Sítio do Picapau Amarelo* foi também considerada educativa, porque levou seus pequenos telespectadores a entrarem em contato com a literatura de Monteiro Lobato, escritor bastante considerado no cenário nacional “sobretudo entre os anos de 1935 e 1948” (Penteado, 1997:21). Na literatura lobatiana, Dona Benta conta histórias da humanidade, ensina Física e Geografia, enquanto tia Nastácia narra histórias do folclore; já, o Visconde, outro personagem do *Sítio* dotado de muita erudição, dá aulas de Geologia. Dessa forma, personagens de fábulas (príncipes, princesas...), heróis da mitologia grega, criaturas da "imaginação" mudam-se para o *Sítio do Picapau Amarelo*. Lá, há viagens ao céu, ao *País da Gramática*, ao *País dos Números*, enfim, nos diferentes episódios, há um grande número de personagens, sejam esses da Mitologia, dos Contos de fadas, da História Universal, etc, que, quando transportados para o *Sítio*, vivem, ao lado dos personagens principais da história lobatiana, aventuras e experiências inesquecíveis. Enfim, nessas histórias parece não haver limites para a fantasia e a imaginação.

E é isso que destacam Laura Sandroni (1998) e Alaor Barbosa (1996) quando referem que:

Ao lado dessa realidade evidente no texto e que reflete o contexto histórico e social de seu tempo e do ambiente rural em que se criou, Lobato mostra-nos um mundo mágico do qual a fantasia é parte integrante. Nele reina o faz-de-conta, solução para todos os problemas, o pó de pirlimpimpim, que permite viagens através do tempo e do espaço. Convivem aí personagens do mundo real, ou seja, os habitantes do *Sítio* e personagens do mundo das maravilhas, protagonistas dos contos tradicionais, na mais perfeita harmonia, seja através de deslocamentos do bando, como, por exemplo, quando vão ao país das fábulas em *Reinações de Narizinho* ou quando em *O Sítio do Picapau Amarelo* recebem o mundo encantado de príncipes e de princesas que se muda para o *sítio* em terras especialmente compradas por Dona Benta (Sandroni, 1998:16).

Um reino de liberdade. Liberdade de ser, de fazer, de atuar, de pensar, sobretudo de pensar e de tomar iniciativas. Um reino de encantamento: a vida no *Sítio do Picapau Amarelo* é uma mescla e uma interpenetração permanentes de realidade e fantasia. Vai-se da realidade para a fantasia com a naturalidade com que se dá um passo ou se faz um gesto (Barbosa, 1996:88).

No século XXI, mais precisamente em 12 de outubro de 2001, o *Sítio do Picapau Amarelo* voltou à TV com “cara nova” e também com novas propostas, reformado e reorganizado, buscando novamente seduzir o público infantil, tal como ocorrera em outros tempos. Atualmente, o programa é exibido diariamente na TV Globo, de segundas-feiras a sextas-feiras, das 10 h e 30 min às 11 h, após o programa *No Mundo da Imaginação*, da Xuxa²³. A primeira história da nova série, denominada “No Reino das Águas Claras”, foi extraída do livro de Monteiro Lobato “Reinações de Narizinho”²⁴ e constitui os primeiros seis episódios da série. Confesso ter sido prazeroso voltar a assistir a essa série, pois, de certa forma, reporteime ao passado, quando, ainda criança, diariamente acompanhava os programas veiculados na antiga série da TV Globo. O deleite deve-se também ao fato da série ser agora, ainda mais bem produzida, contando com o auxílio da computação gráfica e de uma trilha sonora²⁵ da qual participam cantores/as e grupos musicais de sucesso²⁶ e atores/atrizes televisivos famosos.

MONTEIRO LOBATO E O SÍTIO DO PICAPAU AMARELO (CRIADOR E CRIATURA)

²³ Xuxa é uma apresentadora infantil da TV Globo. É conhecida como a “rainha dos baixinhos”.

²⁴ A obra “Reinações de Narizinho” foi editada no formato atual somente em 1931 e resultou da justaposição de vários livrinhos curtos, lançados de forma independente ao longo dos anos 20 (Lajolo, 1985).

²⁵ Fischer (2001) afirma que a sonorização é um elemento técnico fundamental da composição de um programa televisivo.

²⁶ O *Sítio* certamente foi influenciado pela mesma fórmula da Disney apresentada por Giroux (1995b), ou seja, usou talentos musicais, como elemento de atração emocional da experiência de animação.

Muitos autores e autoras, como Laura Sandroni, Alaor Barbosa, Marisa Lajolo, José Roberto Whitaker Penteado, dedicaram-se ao estudo da biografia e à análise das obras²⁷ de Monteiro Lobato. Alguns/mas deles/as enalteceram a sua obra, já outros/as teceram críticas. Faço tal referência para marcar como o controverso e polêmico Monteiro Lobato teve muitas histórias para contar, destacando, ao mesmo tempo, como muitas histórias sobre sua vida foram também contadas. Não cabe aqui, no entanto, apresentar mais uma vez detalhadamente a sua história pessoal, mesmo que ela seja, sem dúvida, no mínimo interessante. Precisei, porém, revisá-la para poder destacar alguns pontos referentes à sua obra infantil *Sítio do Picapau Amarelo*, que inspirou a série televisiva que é o foco dessa pesquisa.

José Bento Monteiro Lobato publicou em 1921 *A menina do narizinho arrebitado*²⁸, inaugurando, segundo Sandroni (1998)²⁹, a fase literária da produção brasileira destinada às crianças e aos jovens e nela apresentando uma das personagens principais do *Sítio: Narizinho*. A mesma autora dá-nos indicações sobre como Lobato passou a interessar-se por literatura infanto-juvenil, afirmando que foi devido a sua desilusão com os adultos, ao mesmo tempo em que apostou todo crédito nas crianças, acreditando que somente elas poderiam modificar o mundo; portanto, ele as tornou as suas interlocutoras privilegiadas. Como a autora (ibid.) destaca: “Por isso, trata em sua obra de temas sérios e complexos que, até então, não eram considerados apropriados à infância como: guerras, ciência, petróleo” (14).

Outro aspecto que ela destaca diz respeito a ser Lobato o primeiro escritor brasileiro a acreditar na inteligência da criança, na sua curiosidade intelectual e na sua capacidade de compreensão, sendo, também, um autor engajado e comprometido com os problemas de seu tempo, e tendo um projeto definido: influir na formação de um Brasil melhor através das crianças. Sandroni (ibid.) também destaca que, a partir de Lobato, a literatura infantil brasileira perdeu uma de suas

²⁷ A literatura infantil lobatiana, caracteristicamente modernista, é composta de dezessete volumes e teve sua edição completa em 1957.

²⁸ Há controvérsias em relação ao ano de publicação desse livro infantil; Penteado (1997) considera o ano de 1920. Esse livro foi um dos que originou em 1931 a versão que hoje conhecemos de *Reinações de Narizinho*, que englobou todas as histórias publicadas entre 1920 e 1930.

²⁹ A autora marca aspectos positivos da obra lobatiana, que, conforme ela, foi um salto qualitativo comparada aos autores que o precedem, já que é toda permeada do ânimo de debates sobre temas públicos contemporâneos ou históricos, que problematiza de modo a ser compreendido por crianças e expressa em linguagem original e criativa, na qual sobressai a busca do coloquial brasileiro antecipatória do Modernismo.

principais características, a de ser um instrumento de dominação do adulto e de uma classe, bem como um modelo de estruturas que deveria ser reproduzido.

Penteado (1997) enquadra os livros do *Sítio do Picapau Amarelo* em duas categorias: ficcionais³⁰ (livros de estórias³¹, de muita fabulação, com ações e personagens); e paradidáticos³² (os livros em que predomina o caráter didático, com menos ação e mais informações com ‘valor’ de ensinamentos). No entanto, em todos e em cada um dos livros, ficção, personagens e ações, informações e reflexões didáticas se entremisturem (Barbosa, 1996).

Lajolo (1985) destaca o esforço de Lobato em satisfazer e, inclusive, em ultrapassar as expectativas de seu público, ao indicar que usualmente ele mandava originais de seus livros para um professor (Godofredo Rangel – amigo dele), pedindo que os desse aos seus alunos para ver se as histórias agradavam às crianças. A mesma autora também coloca em destaque a preocupação que Lobato tinha em relação ao caráter educativo e engajado de sua obra. Segundo essa autora (ibid.), ele

tampouco deixou de incorporar as histórias do sítio um lastro sólido de informações, algumas vezes coincidentes com o currículo escolar, através de estratégias de reduplicação nas quais Dona Benta, com vantagens ideológicas e pedagógicas, desempenha o papel de professora. Particularmente nos anos 30, o sítio se transforma numa grande escola, onde seus leitores aprendem desde gramática e aritmética até geologia e o bê-a-bá de uma política nacionalista de petróleo (Lajolo, 1985:50).

A mesma autora ainda destaca que as freqüentes críticas que o autor teceu à escola, e essas podem até ser consideradas como impiedosas, não comprometeram, mas sim reforçaram o valor formativo de sua obra. A série televisiva atual tece críticas, em determinados momentos, não à escola, mas ao ato de aprender, ao reforçar que não é possível brincar e aprender ao mesmo tempo³³.

³⁰ *Reinações de Narizinho; Viagem ao Céu; O Saci; Caçadas de Pedrinho; Memórias de Emília; O Poço do Visconde; A Reforma da Natureza; O Minotauro; A Chave do Tamanho; Os 12 Trabalhos de Hércules* (ibid.:167).

³¹ O termo está assim grafado no texto do autor.

³² *História do Mundo para Crianças; Emília no País da Gramática; Aritmética da Emília; Geografia de Dona Benta; Serões de Dona Benta; Histórias das Invenções* (ibid.:167).

³³ Ver situação destacada “Os sábios são incompreendidos” do vídeo *O poço do Visconde*.

Nela também são feitas referências ao que se atribui ser hoje uma característica dos jovens – a pouca paciência para aprender através da exposição oral dos conteúdos e da leitura de livros. No programa atual, é colocada em destaque, várias vezes, a impaciência dos demais personagens para ouvir os “ensinamentos” do Visconde de Sabugosa; esses, geralmente, optam por realizar outros programas ao invés de ouvi-lo³⁴ e as “lições” dadas são bem menos extensas que as contidas na obra escrita. Ressalto que os livros do *Sítio do Picapau Amarelo*, escritos para crianças e jovens de outra época, estendem-se em aulas e mais aulas, chegando a serem exaustivos em determinados capítulos. Entre os livros dos quais os vídeos analisados foram adaptados, *O poço do Visconde* é o que carrega maior número de “ensinamentos”, mesmo que não haja livros nesta coleção escritos sem essa preocupação.

OS PERSONAGENS DA OBRA DE MONTEIRO LOBATO

O Sítio do Picapau Amarelo é um pequeno mundo completo em si mesmo, incerto num universo maior chamado Brasil e, mediatamente, no mundo: no Universo. A partir dele seus pequenos aventureiros, os netos de Dona Benta, Narizinho e Pedrinho, algumas vezes acompanhados da mesma Dona Benta, e quase sempre de Emília e do Visconde de Sabugosa, e outras vezes de Tia Nastácia, incursionam através do espaço e do tempo. Foram à Lua. Foram à Grécia do tempo de Heracles e de Pércles. Andaram de cometa no céu. Brincaram nos anéis de Saturno. Viajaram muitas terras e países. Sempre em aventuras, nas quais se misturam sempre o fantástico – o absurdo – e o real, o real de suas vidas de seres comuns e extraordinários ao mesmo tempo” (Barbosa, 1996:89).

Os livros do *Sítio do Picapau Amarelo* têm como personagens principais adultos, crianças, bonecos, personagens do folclore e animais, os quais apresento a seguir.

³⁴ Ver situações destacadas “O papo erudito do sabugo de milho” e “Os sábios são incompreendidos” do vídeo *O poço do Visconde*.

Os personagens adultos:

Dona Benta, a proprietária do *Sítio do Picapau Amarelo* e chefe do grupo constituído sob uma organização matriarcal; é a viúva do major Encerrabodes. Tem uma filha, a Antonica, que mora no Rio de Janeiro e que é a mãe de Pedrinho. Dona Benta é avó também da personagem Narizinho. Penteado (1997) caracteriza-a como uma “velha”, dentro do conceito que o termo possuía no início do século XX. “Lobato descreve-a, variadamente; ora como “uma velha de mais de 60 anos” (*Reinações*), “tem 64 anos” (*Saci*), “tem 66 anos” (*Saci*) e chega a ter 70 anos (*Caçadas*)” (ibid.:209).

Tia Nastácia, que já foi escrava de Dona Benta quando jovem, é a empregada do *Sítio*, cozinheira de mão cheia, é uma negra com setenta anos de idade. “Todo trabalho é feito por ela. Além de cozinhar, cuida das galinhas, dos porcos e da limpeza da casa. É uma preta ignorante, mas que sabe coisas próprias de “preta velha”: estórias, ditados, fábulas” (Barbosa, 1996:90).

Tio Barnabé é um caboclo da terra que sabe todos os mistérios do mato, mora em terras do *Sítio*, num rancho coberto de sapê. É “um negro de mais de noventa anos de idade, sabedor de muita coisa, e foi quem ensinou Pedrinho a pegar saci” (ibid.: 91).

As crianças:

Narizinho, cujos pais nunca são mencionados, neta de Dona Benta, é uma menina de oito anos³⁵ que mora no *Sítio do Picapau Amarelo* com a avó. É uma menina gentil, carinhosa e inteligente. **Pedrinho**, garoto de dez anos³⁶, também é neto de Dona Benta, mas mora com a mãe na cidade e vai para o *Sítio* nas férias. Também não se menciona o pai de Pedrinho. Pedrinho tem personalidade e espírito de líder; gosta de aventuras como caçar onça-pintada e saci. “Pedrinho é mais ativo do que a prima, tanto física, quanto intelectualmente – o que se encaixa de certa forma no estereótipo contemporâneo de Lobato para um “menino...” (Penteado, 1997:210).

³⁵ Conforme Penteado (1997), a idade de Narizinho é mencionada na obra, desde 7 até 9 anos.

³⁶ Segundo Penteado (1997), a idade de Pedrinho fica entre 8 e 10 anos.

Os bonecos:

Emília é uma boneca de pano, recheada de macela, feita de uma saia velha de Tia Nastácia que começou a falar depois de tomar as pílulas falantes de um tal Doutor Caramujo, personagem da história *No Reino das Águas Claras*. Cabe referir que alguns a consideram a personagem principal do *Sítio*, pois, através da mesma, Monteiro Lobato expressaria o que pensava. Emília foi a porta-voz de Lobato em momentos importantes e em assuntos mais polêmicos (Penteado, 1997; Sandroni, 1998). “Personagem transgressora por excelência, sempre contestando as verdades estabelecidas em busca de suas próprias verdades. Emília é a “independência ou morte” na sua autodefinição em *Emília no país da gramática* (ibid.:16).

Visconde de Sabugosa é um boneco de sabugo de milho feito por Pedrinho, que ficou esquecido na biblioteca entre os livros. Aprendeu tudo o que leu e virou um sábio, uma verdadeira enciclopédia ambulante. Mas, “além de sábio era valente, leal, corajoso, fiel, gênero: um nobre” (Barbosa, 1996:89).

Os personagens do folclore:

A **Cuca**, na obra de Monteiro Lobato, é uma bruxa do folclore brasileiro, que tem cara de jacaré e garras de gavião. Ela vive atormentando a vida dos moradores do *Sítio*. O **Saci**, também personagem do folclore brasileiro, é um negrinho de uma perna só, que usa uma carapuça vermelha e fuma cachimbo. Ele vive atormentando a vida dos moradores do *Sítio*, principalmente a de Tia Nastácia e Tio Barnabé. Por exemplo, deixa o feijão queimar, dá nó difícil de desatar, desaparece com as coisas.

Os animais:

Marquês de Rabicó, o animal de estimação de Narizinho, é um leitão que está sempre atrás de comida. Seu pavor é a Tia Nastácia que está louca para colocá-lo na panela. “Este personagem suíno é o sétimo de uma ninhada de porquinhos, que vão tendo todos os destinos do facão da cozinha até Narizinho se condoer da sorte do último, que acaba sobrevivendo” (Penteado, 1997:211).

O **Conselheiro** é um burro que foi salvo pelas crianças no País das Fábulas. É ‘educado’ e fala corretamente, “como se Lobato desejasse – tendo vivido na fazenda – literalmente, modificar a imagem prototípica do animal” (ibid.:211).

Quindim é um rinoceronte domesticado, que veio da África fugido de um circo, e foi adotado pelas crianças.

O SÍTIO NO SÉCULO XXI

Era preciso partir do mais simples e ao mesmo tempo do mais complexo. Era preciso discutir o próprio sentido de aprender, de estudar, de dedicar-se a essa tarefa-sem-fim de surpreender-se com o não-sabido, com o jamais imaginado... (Fischer, 2001:24).

Início com um parágrafo do livro: *Televisão e educação – Fruir e Pensar a TV*, da autora Rosa Maria Bueno Fischer que vem estudando a mídia há pelo menos 25 anos. O parágrafo traduz um pouco do estranhamento que senti/sinto ao lidar com as pedagogias culturais presentes na mídia, mais especificamente na tevê, no programa infantil *Sítio do Picapau Amarelo*.

Ter a pretensão de analisar um programa infantil como o *Sítio do Picapau Amarelo*, é, no mínimo, um grande desafio. O programa, conforme já foi referido, baseia-se na obra de um autor “ícone” da “cultura” brasileira: Monteiro Lobato. A obra literária o *Sítio do Picapau Amarelo*, e, especialmente, as edições das séries televisivas, marcaram fortemente várias gerações. Talvez o fato do programa televisivo ser adaptado de uma obra da literatura infanto-juvenil escrita por um autor nacional não seja mais o principal motivo que tenha levado à produção desta nova versão da série televisiva no século XXI; o que deve ter pesado mais é a intenção de repetir o sucesso da série anterior que ficou no ar durante nove anos, o que coincidiu com um momento de certa escassez de programas endereçados ao público infanto-juvenil. Afinal, o *Sítio do Picapau Amarelo* marcara época. Fora um grande sucesso de público, sendo que esse sucesso vem agora se repetindo, uma vez que a reedição do programa já completou três anos no ar e que tantas outras

produções (brinquedos, material escolar, cadernos de receitas, diários, revistas, fitas VHS, CDs, DVDs, CDs-ROM) têm sido a ele associadas.

Entretanto, cabe indicar que os livros que narram as histórias do *Sítio do Picapau Amarelo*, apesar de terem, em sua maioria, suas primeiras edições nas décadas de 30 e 40, também continuam sendo lidos e vendidos. Contudo, agora, as reedições dos livros do autor apresentam as histórias muito mais fragmentadas, divididas em vários livrinhos com histórias curtas, ilustradas por Eva Furnari e Paulo Von Poser, acompanhando assim o leitor contemporâneo, tantas vezes configurado como bastante diferente do que lia tais histórias na época em que foram escritas. Penteado³⁷ afirma que para que a obra de Lobato tenha sucesso novamente, ela precisaria sofrer uma mudança no texto. Embora o que interesse a este trabalho seja discutir o *Sítio do Picapau Amarelo* da tevê, o qual, assim como os demais programas da emissora é submetido também a reação do público, caracterizando esse meio de comunicação como uma obra aberta, não posso deixar de considerar, e de incluir nas análises, aspectos que dizem respeito aos livros e às antigas séries televisivas, posto que a intertextualidade abrange a relação dos episódios atuais com as produções anteriores, além, por certo, de relações com produções contemporâneas.

Em primeiro lugar, cabe perguntar sobre que tipo de programa televisivo o *Sítio do Picapau Amarelo* é. É uma novela, seriado ou minissérie? O programa apresenta-se dividido em histórias curtas que duram cerca de cinco capítulos, caracterizando-se, assim, mais como um seriado ou uma série televisiva. Assim, por estar ligado à obra literária, ou seja, por ter um atrelamento à história original, algumas particularidades da obra precisam ser mantidas, sendo que uma delas diz respeito ao estereótipo dos personagens. Por exemplo, as crianças (Narizinho e Pedrinho) não podem crescer ou morrer e já foram substituídas por atores menores, o que me permite lembrar que o personagem não se cola ao ator³⁸. O programa em estudo acompanha a velocidade e o ritmo do nosso tempo e já passou por várias fases e atualizações. Aliás, esta é uma característica da programação televisiva atual – isso é, as programações estão sempre em constante renovação, e isso tem a

³⁷ Citado por Amodeo (2003).

³⁸ Esta prática não é exclusiva desta série televisiva e ocorreu também na antiga série da mesma Rede de televisão, mas de forma menos intensa.

ver com o que tem sido destacado como sendo “a efemeridade das produções culturais contemporâneas”. Cabe indicar que o novo programa infantil o *Sítio do Picapau Amarelo* também não tem data para acabar. Provavelmente, o que definirá a sua continuação é a sua audiência, seu sucesso de público e a venda dos muitos produtos que lhe são associados. Dentro dessa mesma lógica, outro aspecto que considerei relevante foram minhas reflexões acerca das circunstâncias em que a série atual está sendo produzida, nas quais ocorrem associações com uma infinidade de artefatos: o *site*³⁹ do próprio programa disponibilizado na *Internet*, as fitas de vídeo VHS, a revista infantil *Sítio do Picapau Amarelo*, os produtos que trazem o *Sítio* estampado (pastas escolares, bolsas, estojos, cadernos de receitas, diários, fantasias, CDs, lancheiras, malas, CDs-ROM, bonecos agarradinhos, casinhas do *Sítio*, iglus, amarelinhas, álbuns de figurinhas etc), as séries televisivas anteriores, os livros de Lobato e as suas numerosas reedições, entre outros.

O *Sítio do Picapau Amarelo* também está entrelaçado com as demais programações da Rede Globo, nas quais sempre é feito um chamamento de um programa por outro. Um exemplo disso ocorreu quando a personagem Branca de Neve foi passar uma temporada no *Sítio do Picapau Amarelo*: na história narrada neste episódio, ela havia recentemente casado-se com um príncipe árabe, usava uma burca e sofria como a personagem Jade, da novela *O Clone* da mesma rede de TV, porque não admitia ter que usar aquele tipo de roupa que escondia sua beleza; e também porque ela não admitia que seu marido tivesse mais de uma esposa. Por sua vez, esta era uma discussão que se encontrava na “ordem do dia” em função de questões internacionais, as guerras deflagradas no Oriente Médio e, ainda, devido a disposições legais, tais como as estabelecidas na França que proibiam o uso de véus e de símbolos religiosos nas escolas francesas. Ainda neste episódio, Dona Benta, tal como se pensa que deva fazer uma boa professora, aproveitou a visita de Branca de Neve para explicar sobre os costumes árabes, usando inclusive o Alcorão, existente em sua biblioteca. Dentre suas afirmações, destaco aquela em que ela afirma: “cada povo tem sua história, seu modo de pensar e sua religião. O

³⁹ O site www.globo.com/sítio é o site oficial do programa. No mesmo, é possível acessar a sinopse de todos os capítulos já apresentados neste novo programa. Um dos personagens do *Sítio do Picapau Amarelo*, ao final do programa, sempre convida as crianças para acessarem o site para saberem o que vai acontecer no próximo capítulo.

que é certo para nós, nem sempre é certo para os outros” (capítulo 201 da nova série televisiva).

Outro tipo de chamamento/entrelaçamento bastante freqüente na série dá-se entre os personagens do seriado e personagens que estão em destaque na mídia, como ocorreu no episódio em que apareceu o Marinheiro Popó (capítulo 67 da nova série televisiva). Fez-se, nessa situação, uma hibridação entre o conhecido Marinheiro Popeye dos desenhos animados norte-americanos com Popó, o pugilista brasileiro campeão mundial de pesos leves. Em outras situações, os personagens da literatura infanto-juvenil atual são chamados para integrarem o programa. Além das visitas de Alice no País das Maravilhas e de Peter Pan, entre outros personagens das histórias infanto-juvenis mais clássicas, durante vários capítulos, hospedou-se no *Sítio*, um menino-bruxo, um feiticeiro, vindo de uma Escola de Feitiçarias, chamado Peninha⁴⁰, o qual se assemelha muito a *Harry Potter*, o personagem das histórias escritas pela inglesa Rowling, que se tornaram uma verdadeira mania entre crianças, jovens e adultos, que estão inclusive desligando, até mesmo, a televisão para lê-los⁴¹.

O seriado televisivo o *Sítio do Picapau Amarelo* tem uma história pregressa; e essa inclui o entrelaçamento com outras séries televisivas e com a obra literária de Monteiro Lobato. As reedições dos textos de Lobato para a televisão, apesar de serem a leitura do tempo em que se inscrevem, podendo ser vistas, portanto, como sendo outras histórias, bebem da intenção da literatura lobatiana que teve como uma de suas metas levar cultura às massas, tornando assim o ser humano melhor como destacaram os seus comentadores, referidos nesta dissertação. Enfim, o programa está imbricado com uma série de outras produções e produtos, sendo que sua reprogramação tem também se atrelado aos apelos mercadológicos.

⁴⁰ Peninha, personagem criado por Lobato em *Reinações de Narizinho*, é um menino invisível, da idade e do tamanho de Pedrinho. O nome Peninha foi dado por Emília, após Pedrinho propor que ele usasse uma pena na testa para saberem onde estava. O personagem agora ganha uma configuração assemelhada a de *Potter*.

OS PERSONAGENS DA SÉRIE TELEVISIVA

Os motivos podem variar, as tramas podem ser atualizadas, modificadas, inventadas, outras personagens podem surgir, novos recursos são utilizados, mas as personagens de Lobato e seus significados originais são em grande parte reconfigurados na narrativa televisiva (Amodeo, 2003:249).

Algumas personagens da nova série do *Sítio do Picapau Amarelo* renderam-se aos apelos midiáticos. A **Cuca**, por exemplo, agora é totalmente *fashion*, usa um vestido vermelho tomara-que-caia e acinturado, unhas e sobrancelhas vermelhas, botas pretas de cano e salto altos, uma capa verde, tudo combinando, e é claro faz ginástica aeróbica e se alimenta dos produtos *light* para manter a forma. Só não se parece mais com a boneca Barbie porque os/as produtores da série mantiveram sua cara de jacaré. Cuca não resistiu e aderiu à moda. O sindicato das bruxas, monstros e outras criaturas pavorosas quis, inclusive, como foi apresentado em um dos capítulos, abrir um processo no Tribunal das Bruxas para expulsá-la do sindicato, devido as suas preocupações com “belezura” e elegância e acusaram-na de querer deixar de ser Cuca para virar Cinderela, de fazer malhação, de escovar os dentes todo dia, de passar fio dental e tomar banho, entre outras coisas não condizentes com a sua condição de bruxa.

Cabe destacar o quanto a valorização da estética, da imagem, da aparência⁴², da boa forma, do “corpo sarado”, enfim da beleza contemporânea estão representados pela personagem Cuca. A bruxa é contemporânea: acinturada, “siliconada”, “manicurada” impecavelmente, preocupada em driblar a sua própria natureza através de um creme anti-rugas para bruxas de 10ª idade, de banhos de lama, de exercícios aeróbicos, do bom humor, entre outros. Um mito repaginado, que já não é mais a Cuca do nosso folclore ou a Cuca que Monteiro Lobato apresenta-nos em suas histórias, mas sim uma Cuca *fashion* que, segundo o livrinho

⁴¹ É a *Pottermania!* Sendo que uma das razões apontadas para o sucesso destes livros está vinculada ao mundo de fantasia e magia apresentado pela autora dos livros, Joanne Kathleen Rowling.

⁴² Conforme Kellner (2001a), a identidade pós-moderna está centrada na aparência, na imagem e no consumo.

de histórias infantis da TV Globo, faz compras no *Shopping Center* e que, ao invés de andar em uma vassoura, anda de motocicleta. Essa é a *Cuca* contemporânea que incorpora muitas das preocupações da sociedade atual, uma sociedade na qual são criadas constantemente novas necessidades de consumo que nos interpelam, que nos subjetivam e que constituem nossas identidades através de padrões bastante diferentes dos vigentes à época em que as histórias da bruxa com cara de jacaré e garras de gavião foram inicialmente contadas.

Kellner (2001a) discute como se dá o processo de autotransformação dos sujeitos através da moda, dos cosméticos, da dicção e do modo de ser, bem como do grau de medição da identidade pela imagem e pela aparência na cultura contemporânea, a partir do exemplo do filme *Uma linda mulher (Pretty Woman)*, no qual uma prostituta oriunda da classe operária (interpretada por Julia Roberts) conhece seu príncipe encantado e transforma-se de deselegante mulher de rua em uma elegantíssima beldade. E foi assim que, na história narrada neste filme, a linda mulher precisou da ajuda de um homem para poder se transformar. Como afirma Kellner (2001a), quem quiser transformar-se em um novo eu, transformar a própria identidade, e ser bem-sucedido nesta transformação, precisa dar atenção à imagem, à aparência e à moda.

Ainda sobre a contemporânea *Cuca*, cabe referir que, geralmente, a bruxa com cara de jacaré é filmada inicialmente em planos gerais⁴³, vista de cima ou de baixo, e também por detrás de alguma coisa. Como exemplo, em uma cena quando colhe ingredientes para seus feitiços/suas maldades, é filmada de baixo para cima por detrás dos capins. Posteriormente, é apresentada em planos detalhes quando a câmera faz um *close-up*⁴⁴, enquadrando algum detalhe de seu corpo, ou seu rosto. Além da sua própria música⁴⁵, há também uma música instrumental que marca as cenas em que a bruxa está fazendo maldades.

⁴³ Sobre os planos na TV, Fischer (2001) informa que certamente foram aprendidos da pintura e do desenho, citando que há “planos gerais, panorâmicos, planos médios, primeiros e primeiríssimos planos, detalhes – conforme as câmeras captem, por exemplo, uma cena ou paisagem bem aberta ou enquadrem um rosto que ocupará toda a tela, e assim por diante” (ibid.:66).

⁴⁴ Graeme Turner (1997) nos diz que o movimento aparente da câmera, como um *close-up* se obtém pela manipulação das lentes de telefoto, ou lentes de *zoom*, como são mais conhecidas.

⁴⁵ *A Cuca te pega* de Geraldo Casé e Dori Caymmi, interpretada por Cássia Eller.

Já **Dona Benta**, nesta nova série, não faz tantos tricôs e crochês, sendo agora uma avó mais jovem e "moderna", que procura levar toda a tecnologia da cidade para seu sítio; ela, inclusive, fez a encomenda de um forno de microondas, que chegou ao *Sítio do Picapau Amarelo*, no capítulo 5 da série televisiva. Além disso, ela usa a *Internet* e se comunica por e-mails. Como todo/a idoso/a de terceira idade contemporâneo, ela também parece estar convencida de que deve se atualizar, fazer exercícios e consumir. Assim, por exemplo, no capítulo 3, Dona Benta diz para Tia Nastácia, após uma caminhada à procura de Narizinho, que já fizeram um belo exercício e que devem fazer caminhadas mais vezes; aliás, no capítulo 6, Dona Benta é apresentada, novamente, retornando de uma caminhada. Então, neste seriado, tal como em outras situações destacadas na mídia, em cartilhas do governo etc, os idosos são novamente interpelados na direção de participarem de programações esportivas (em outras situações o apelo inclui a realização de viagens, a participação em bailes para a terceira idade, entre outros).

A personagem **Tia Nastácia** também está agora mais jovem e, além disso, "mais clarinha"⁴⁶ que a das séries passadas; aliás, afirma-se em um dos capítulos, que ela é tratada como uma "pessoa da família". Humilde, sem muito conhecimento, não se adapta bem ao funcionamento do forno de microondas e chora, no capítulo 6, porque teme ser trocada por uma máquina. Dona Benta fala, no entanto, que logo ela acabará se rendendo às maravilhas da tecnologia.

Será que Tia Nastácia passou por um processo de branqueamento cultural nesses anos todos em que o *Sítio* não foi exibido ou foi o acaso, a escolha da atriz para interpretá-la, que determinou tal circunstância? Intencional ou não, Santos (1997) afirma que as representações culturais hegemônicas apresentadas pelos diferentes discursos estão produzindo identidades negras dobradas à branquidade. Talvez, nos diz o autor (ibid.), a questão política mais importante, mas não tão evidente nas narrativas que contém representações de negros, mulheres, gays, deficientes físicos, etc, localize-se nos discursos hegemônicos que tomam a cor

⁴⁶ A dissertação de mestrado de Luis Henrique Sacchi dos Santos "Um olhar caleidoscópico sobre as representações culturais de corpo", realizada em 1998, na UFRGS, analisa as representações de corpo a partir de um estudo que partiu das observações realizadas em uma sala de aula de Ciências de um Curso Supletivo, para análise dos discursos que vêm enfatizando a branquidade (a "raça branca") como a *norma* a ser seguida. O autor argumenta que as representações culturais hegemônicas estão produzindo identidades negras *dobradas* à branquidade.

branca (ou ausência de cor), o masculino, a heterossexualidade, respectivamente, como parâmetros de normalidade, ou como atributos naturais. “A identidade masculina branca heterossexual é o exemplo mais acabado da invisibilidade da norma” (Louro, 2000:69). Na mesma direção, ao analisar os filmes infantis da Disney, Giroux (1995b) percebeu que, através da produção de uma série de representações e códigos, “se ensina às crianças que as diferenças culturais que não trazem a marca da etnicidade branca são desviantes, inferiores, pouco inteligentes e uma ameaça a ser superada” (ibid.:70).

As histórias narradas por Lobato no *Sítio do Picapau Amarelo* apresentam, com frequência, algumas posições que hoje poderiam ser vistas como racistas, principalmente em relação à raça negra, mas que se estendem também a outras raças e etnias. Penteado (1997) cita um exemplo do livro *Geografia de Dona Benta*, no qual a avó não permite que as crianças tragam para o *Sítio* um bebê esquimó, e a justificativa que ela lhes dá é impedir “que o *Sítio* vire um jardim zoológico” (p. 136). Inúmeros outros exemplos são citados, por este mesmo autor, para ilustrar a superioridade da raça branca; entre eles, destaca-se a fala de Emília⁴⁷ no livro *Memórias de Emília*: “- Negra beijuda! Deus te marcou, alguma coisa em ti achou. Quando ele preteja uma criatura é por castigo” (p. 88). Ao ressaltar tais afirmações não esqueço, no entanto, que tais textos foram escritos em um período não muito distante da libertação dos escravos e que Lobato conviveu durante sua infância no Brasil, na zona rural em que nasceu (1882), com escravos e ex-escravos e com uma forma escravocrata de pensar a situação do negro no Brasil.

Um outro aspecto a ser destacado nos capítulos do seriado atual diz respeito à aparência física de Dona Benta e de Tia Nastácia, que são também bem mais magras, quando comparadas às antigas personagens das outras séries. Parece-me que as duas aderiram a “Cultura da Magreza”⁴⁸, uma das novas culturas da contemporaneidade. No que tem sido configurado como sendo a forma hegemônica de pensar os grupos sociais, a identidade normal tem sido associada a homens brancos, jovens, heterossexuais, urbanos, de classe média, ‘sarados’... Todos os ‘outros’, ou seja, os sujeitos que não se enquadram nestas características, têm suas

⁴⁷ “Emília é a que verbaliza tais afirmações com mais frequência, mas essas estão presentes com frequência e naturalidade, nos comentários dos demais personagens” (Ibid:232).

⁴⁸ Essa expressão está sendo utilizada de forma metafórica, tal como fez Hall (1997).

identidades marcadas como problemáticas. Conforme afirma Louro (2002), é somente no interior da cultura que as “características físicas” podem ser constituídas como mais ou menos importantes e como mais ou menos pertinentes para a definição de uma identidade de gênero, sexual ou de raça.

Já nos personagens **Narizinho** e **Pedrinho** é marcada, com frequência, a distinção de papéis entre os gêneros masculino e feminino. Antes de fazer outras observações sobre tal temática, considero importante dizer o que estou entendendo por gênero⁴⁹. Nas palavras de Dagmar Estermann Meyer (2001),

aprendemos a ser homens e mulheres desde o momento em que nascemos até o dia em que morremos e essa aprendizagem se processa em diferentes instituições sociais a começar pela família, passando pela escola, pela mídia, pelo grupo de amigos, pelo trabalho, etc. Mas significa mais ainda: como nós nascemos e vivemos em tempos e lugares específicos. Gênero reforça a necessidade de sermos homens e mulheres, ao longo do tempo, ou no mesmo tempo histórico, nos diferentes grupos ou segmentos sociais (ibid.: 32).

O gênero é entendido como constituinte das identidades do sujeito, da mesma forma que a etnia, a classe, a raça e tantas outras especificações. Diferentes instituições e práticas sociais são constituídas e constituintes dos gêneros.

Uma indicação bem interessante de como se fazem distinções na direção de marcar os gêneros pode ser encontrada no capítulo 5 da série televisiva, quando Pedrinho afirma: “enquanto as garotas se enfeitam, nós (ele e o Visconde) vamos explorar o oceano”. Em um outro capítulo, o Conde X Parmesão diz que deseja casar-se com Narizinho e o motivo indicado é que ele precisa de alguém para limpar o seu castelo. Além disso, ele questiona se Narizinho “não é uma dessas meninas moderninhas que não sabem passar nem cozinhar”. Em todas estas situações estão sendo marcadas as personalidades femininas – vaidosas, mas conhecedoras das tarefas domésticas. O interessante é que são veiculadas, nestes episódios, representações bem próprias às mulheres que viviam no Brasil nos anos de 1940.

⁴⁹ O conceito de gênero não tem um único marco conceitual, uma vez que os estudos feministas têm posições teóricas e políticas variadas. Por isso, é importante dizer que o conceito de gênero utilizado, nesta pesquisa, tem inspiração pós-estruturalista.

Outra situação interessante ocorreu no vídeo *O Saci*, no momento em que Narizinho retruca Pedrinho por que ele não conseguiu caçar o Saci, dizendo que é ele que sempre diz que os meninos são espertos, fortes e inteligentes. Ela questiona, então, como, sendo dotado de todos estes atributos, ele não havia conseguido caçar o Saci. Enfim, a representação do sexo masculino que inclui no seu gênero coragem, liderança, espírito de aventura, também presente na obra em que os episódios foram baseados e em outras séries anteriores, aqui, nesta nova série, é colocada em questão por Narizinho.

No antigo *Sítio* da TV Globo, a diferenciação entre os papéis atribuídos aos sujeitos de diferentes gêneros também pode ser evidenciada, como é possível ver em um dos diálogos⁵⁰ entre Visconde, Pedrinho e Narizinho, que apresento a seguir.

Visconde diz que seria interessante ornamentar o ambiente que está sendo preparado para o casamento com flores do campo. Pedrinho, de imediato, fala que nesse negócio de flor, não mexe não! Narizinho rebate dizendo que ela ajudou a fazer as mesas e os bancos. Ou seja, se ela pode fazer tarefa de menino – marcenaria – ele, Pedrinho -, pode enfeitar a casa com flores – tarefa de menina. Encontrar tais afirmações na antiga série não me causou admiração, uma vez que os discursos que circulavam naquela época carregavam, freqüentemente, na marcação destas diferenças. Causou-me admiração, no entanto, encontrar na nova série tais distinções, apesar de todas as discussões e argumentos que têm sido postos em destaque pelos movimentos feministas, especialmente, desde a década de setenta do século passado.

Um outro aspecto a destacar diz respeito a ser muitas vezes referido pelos comentadores da obra de Lobato, a sua explícita adesão ao feminismo – Lobato coloca em destaque em muitas situações a superioridade feminina e dá muito destaque à figura da matriarca Dona Benta. Em um outro texto, *Histórias do Mundo para Crianças*, por exemplo, Lobato denuncia como criminoso o hábito das mulheres indianas de se jogarem na pira funerária dos seus finados maridos, e afirma que os homens as dominam graças à força bruta (Penteado, 1997). Penteado (ibid.), chama-nos a atenção para o fato de Lobato configurar-se em seus diários e na sua

⁵⁰ Ocorrido na preparação da festa de casamento da Emília com o Marquês de Rabicó.

correspondência, convencionalmente como “machista”, apesar de em suas obras infantis defender o feminismo. O autor cita Julio Gouveia, que considera Lobato o primeiro escritor brasileiro antimachista por colocar a mulher em posição privilegiada, de destaque, de autoridade e exercendo liderança – Dona Benta, por exemplo. Mas o que está em questão são os efeitos operativos que os discursos têm na instituição das diferenças entre os gêneros e como os discursos atuam na produção cultural dessas diferenças.

No *Sítio do Picapau Amarelo*, além do gênero e da raça, também são feitas marcações relativamente à posição social; como já indiquei, a cozinheira do *Sítio* é negra e domina apenas a cultura popular. Indicar a veiculação de tais representações na série televisiva é uma das intenções deste meu estudo e isso talvez possa, de alguma forma, atuar na direção de promover a revisão dos papéis que têm sido atribuídos a sujeitos, negros, pobres, mulheres, não apenas nesta série televisiva, tal como têm sido referidos por autores como Giroux (2001), Kellner (2001b) e Hall (1997c).

Ao finalizar esta seção, quero indicar que muitas foram as adaptações feitas na nova série *Sítio do Picapau Amarelo* da TV Globo para torná-la contemporânea, de forma que se tornasse possível atrair a atenção das crianças e garantir a audiência, bem como a compra da extensa série de produtos, nos quais os personagens e imagens do novo *Sítio do Picapau Amarelo* encontram-se estampados. No entanto, é interessante registrar que muitas representações veiculadas ou nas séries anteriores ou nas histórias de Lobato mantêm-se inquestionadas. Nesse sentido, o destaque maior parece dirigir-se à incorporação de uma dimensão mais *fashion* aos personagens e a seus hábitos/modos de viver que reúnem muitos apelos mercadológicos e incluem práticas de cuidado com o corpo, entre outras.

CAPÍTULO IV – ADENTRANDO NAS HISTÓRIAS

O SACI

- Que aconteceu que está assim inquieto, meu caro saci? – perguntou-lhe [Pedrinho] em tom brincalhão.
- Aconteceu que este lugar é o mais perigoso da floresta; e que se a noite pilhar você aqui, era uma vez o neto de Dona Benta... Pedrinho sentiu um arrepio correr-lhe pelo fio da espinha.
- Porque é justamente aqui o coração da mata, ponto de reunião de sacis, lobisomens, bruxas, caiporas e até mula-sem-cabeça (Lobato, 2004:18).

O vídeo *O Saci* mantém o título do livro de Lobato do qual foi adaptado e corresponde aos capítulos 7 a 11 da série televisiva *Sítio do Picapau Amarelo* da Rede Globo, exibidos entre os dias 22 e 26 de outubro de 2001. Ao ler a obra e compará-la à história narrada no vídeo, percebe-se que essa história não foi muito alterada. Nela Pedrinho, o neto de Dona Benta, vive uma aventura na mata ao lado de um saci, caçado por ele mesmo, após receber lições sobre como caçar sacis do Tio Barnabé. Na mata, Pedrinho e o Saci encontram a onça-pintada e a sucuri, além de personagens do folclore brasileiro, como a lara⁵¹, a mula-sem-cabeça⁵², o curupira⁵³, entre outros, mesmo que o vídeo focalize, principalmente, o Saci e a Cuca. Aliás, percebo uma preocupação constante em “falar-se” do folclore brasileiro, tanto no programa infantil quanto na obra de Monteiro Lobato, e essa prática está associada, tal como destacou Wortmann (2004), ao examinar as histórias infanto-

⁵¹ A lara é uma bela sereia de rios e lagos. Os homens que admirarem sua beleza ficam cegos.

⁵² No vídeo *O Saci*, a mula-sem-cabeça é uma assombração representada por uma besta decapitada. É a maldição de uma mulher que se apaixonou por um padre. É interessante ressaltar que no livro *O Saci*, a história da mula-sem-cabeça é completamente diferente. Será que a lenda foi modificada? A explicação de Lobato (2004): “Dizem que antigamente houve um rei cuja esposa tinha o misterioso hábito de passear certas noites pelo cemitério, não consentindo que ninguém a acompanhasse. O rei incomodou-se com isso e certa noite resolveu segui-la sem que ela o percebesse. No cemitério deu com uma coisa horrenda: a rainha estava comendo o cadáver de uma criança enterrada na véspera e por suas próprias mãos cheias de anéis havia desenterrado! O rei deu um grito. Vendo-se pilhada, a rainha deu outro grito ainda maior – e imediatamente virou nessa mula-sem-cabeça, que desde aquele momento nunca mais parou de galopar pelo mundo, sempre soltando fogo pelas ventas” (ibid.:34).

juvenis de Angelo Machado, tanto à intenção de narrá-lo, mas também a de valer-se dos mitos e das lendas para resgatar valores e preceitos neles contidos.

É interessante destacar que Sandroni (1998) aponta Lobato como o primeiro escritor a fazer do folclore tema sempre presente em suas histórias, notadamente, através de personagens do *Sítio*, como Tia Nastácia e Tio Barnabé. Dessa forma, segundo esta autora (ibid.), estaria se construindo uma ponte para ligar o mundo racional, representado por Dona Benta, e as superstições, as crendices próprias de povo analfabeto, os mistérios e os mitos do folclore narrados nas histórias por Tia Nastácia e pelo Tio Barnabé. Especialmente, no vídeo *O Saci*, o folclore está bem presente e representado nos personagens da história. Já em *As caçadas de Pedrinho* (descrito a seguir), temos a presença de um ente da mitologia grega, um centauro e, assim, ao mesmo tempo em que a história "informa" que outras culturas em outros tempos também acreditavam em entes/seres sobrenaturais, nela se estabelece que tais crenças caracterizam a cultura popular de qualquer povo.

Como já afirmei anteriormente, contêm os vídeos do *Sítio do Picapau Amarelo* uma pedagogia cultural⁵⁴. Recorrendo aos estudos de K. Woodhead, Wortmann (2002a) procura esclarecer o uso que tem sido feito de tal expressão, afirmando que nas histórias infanto-juvenis "ensinamentos" processam-se, mesmo quando seus/suas autores/as pensam estar escrevendo apenas para distrair e entreter seus leitores e leitoras. Nesse sentido, mesmo que um livro, um programa de tevê, ou um vídeo não tenham a intenção explícita de serem "educativos", isto é, mesmo que não se intenciona "ensinar especificamente "alguma coisa" aos leitores e telespectadores, através deles "ensinamentos" de muitas ordens estão sendo processados. No caso das histórias escritas por Lobato e da série televisiva que estou examinando, em várias situações foi enunciada a intenção de "ensinar". O destaque que faço é, no entanto, que não apenas o que é intencionado é "aprendido", mas, também, outras coisas. Além disso, no caso da série que estou analisando e também dos livros nos quais esta se baseia, dependendo da "natureza do saber" envolvido no "ensinamento", varia o personagem que sobre ele fala. Ou

⁵³ O curupira é um índio com cabelos e olhos vermelhos e de pés virados (calcanhar para diante, dedos para trás) que vive nas matas protegendo a natureza.

⁵⁴ Para Wortmann (2002a) livros infanto-juvenis são pedagogias culturais, que sempre ensinam aos seus/suas leitores/as, independentemente da intenção de seus/suas autores/as. Já as pedagogias culturais, analisadas por Kindel (2003) são desenhos animados.

seja, nem todos os personagens estão autorizados a falar de determinados assuntos.

No episódio *O Saci*, por exemplo, o personagem Saci está “autorizado” a ensinar sobre a natureza e sobre o folclore nacional. Geralmente, nas histórias narradas na coleção *Sítio do Picapau Amarelo*, conforme já referi, tal como na série televisiva, são as pessoas marcadas como mais humildes (a empregada Tia Nastácia e o empregado Tio Barnabé – que compõem representações de povo e de popular), os encarregados dos ensinamentos sobre o folclore – eles contam lendas, causos, histórias, ditados populares, provérbios... No mesmo vídeo, acima referido, Tia Nastácia conta a história folclórica *Festa no Céu* e Tio Barnabé ensina Pedrinho a como caçar sacis. Já Dona Benta e o Visconde de Sabugosa são novamente reafirmados como “autorizados” a fornecerem ensinamentos “científicos” ou eruditos. É interessante indicar que, nessas situações, eles tratam desconfiadamente os conhecimentos populares. Como diz Tio Barnabé, em um dos episódios de *O Saci*, a “avó não acredita em sacis”. Em compensação, ele e Dona Benta partilham conhecimentos em comum, e esses têm a ver com “os saberes acumulados ao longo da vida” – ambos são velhos, vividos, e essas vivências lhes possibilitaram alcançar muita sabedoria. Como afirma Tio Barnabé, em uma das cenas do episódio que estou examinando: “– Quem muito vive, muito sabe”.

Nas palavras de Wortmann (2004), ao examinar o texto das histórias de Lobato

... o sítio, tal como está configurado neste conjunto de histórias do *Sítio do Picapau Amarelo* é um ambiente ideal para as crianças viverem, ou pelo menos para nele passarem suas férias, especialmente, porque nele se pode alcançar “sabedorias” de toda a ordem – saberes eruditos (literatura, história do mundo e das civilizações, suas culturas e localização) e científicos (conhecimentos sobre o ar, a água, o calor e o espaço são apresentados, por exemplo, no livro *Serões de Dona Benta. Física e Astronomia* de 1957), geralmente enunciados por Dona Benta e pelo Visconde de Sabugosa; saberes populares aprendidos nas histórias de Tia Nastácia e de Tio Barnabé; conhecimentos sobre a vida ensinados por todos os mais velhos; e irreverências pelas argumentações da boneca Emília.

Um outro aspecto a salientar é que a mata é um cenário bastante utilizado como ambientação dos episódios desta história. É interessante destacar, no entanto, que a televisão não se valeu de um cenário construído – a história se passa em uma mata

“natural”, bastante aberta com serrapilheira⁵⁵ no chão, o que facilita a circulação dos personagens. Saci, em suas lições sobre a floresta⁵⁶, explica que a lei da natureza é a luta pela vida, em que uma criatura vive da outra e a inteligência vence a força. Tio Barnabé também ensina sobre a natureza, neste episódio, ao ressaltar os muitos aspectos positivos de se viver em contato com o ambiente natural. Na situação que denominei “Das vantagens de viver no mato”, ele afirma, inclusive, que trocaria o conforto da casa de Dona Benta para morar no meio do mato e poder ouvir o canto dos passarinhos. Enquanto isso, o moleque de uma perna só diz que quem não respeita os seres da mata se dá mal. Também enfatiza, na situação “Os perigos da floresta”, que a floresta/mata é perigosa, pois no seu coração é onde moram os sacis, a mula-sem-cabeça, a bruxa e o caipora. Ou seja, na floresta vivem seres capazes de realizar as mais horrendas maldades. Aqui, assim como em outras histórias para crianças e jovens, a floresta abriga todas as criaturas do mal. A “clássica” literatura infanto-juvenil produziu, segundo Wortmann (no prelo), uma série de representações sobre natureza, que marcaram “as florestas como perigosas e sombrias, mesmo que depositárias de riquezas inimagináveis” e “os animais que nelas vivem como maus e também perigosos, mas também, exóticos e, às vezes, belos”.

Apesar dos anunciados perigos da floresta, é fácil gostar da “natureza” do *Sítio do Picapau Amarelo*, apresentado como um sítio rural completamente urbanizado. Na horta, limpinha, as únicas coisas “nojentas” encontradas são, como afirma Emília, as minhocas que Rabicó come (situação “As minhocas são nojentas”). Pode-se conjecturar, então, que as minhocas não se integram à natureza configurada e idealizada nos episódios destes vídeos, nos quais a zona rural ganhou muitos dos confortos da vida urbana, como computador (a avó consegue manter a sua correspondência em dia valendo-se dele) e telefone celular (que permite ao Coronel Teodorico, vizinho de Dona Benta, falar com o “mundo” de qualquer lugar onde esteja, inclusive do *Sítio do Picapau Amarelo*). E mais, que há seres muito nojentos na natureza. Outro aspecto indicado nestes episódios, e mais especialmente na situação que chamei de “Das diferenças entre a vida no *Sítio* e na cidade”, as vantagens de se poder passear neste sítio, em detrimento das desvantagens de se

⁵⁵ Este termo refere-se às folhas secas caídas das árvores que cobrem o chão da mata.

⁵⁶ Na situação “A luta pela vida na mata virgem”.

morar em um apartamento na cidade são especialmente indicadas, quando Pedrinho vem passar as férias no sítio.

É dessa forma, então, que o *Sítio do Picapau Amarelo* é configurado como um lugar onde as crianças adorariam morar – um lugar de faz-de-conta, onde brincadeira vira realidade, pois nele a magia, a fantasia e a imaginação imperam. E isso, tanto está assinalado nos textos das histórias de Lobato, quanto nos episódios da série televisiva. Nos capítulos que integram o vídeo *O Saci*, por exemplo, Cuca transforma-se em uma velhinha e oferece uma flor azul mágica para Narizinho. A flor tem o poder de transformar a menina em uma pedra. É interessante indicar, no entanto, que os famosos feitiços da Cuca (que tanto sucesso fizeram nos livros), ganharam, na série televisiva, incrementos contemporâneos. Na situação que chamei de “O feitiço caro da Cuca”, entram na composição do feitiço preparado por esta, além de asas de morcego, uma pitada de sapo moído e um produto importado “caríssimo, caríssimo”: lascas de unhas de vampiro, para lhe dar um toque especial! Pode-se dizer que se incluem, nestes episódios, representações bem características à sociedade capitalista de consumo, que envolvem, por exemplo, como na situação indicada, a valorização de produtos importados, configurados como “melhores” que os nacionais. Além disso, mais uma vez, os sapos e os morcegos são definidos em representações negativas, sendo apresentados como criaturas nojentas, repugnantes e nocivas, podendo, por isso, serem sacrificados e utilizados em rituais mágicos. Além disso, essa forma de representá-los omite totalmente a importância ecológica dessas espécies animais.

Alusões à problemática ambiental são feitas nos três vídeos analisados: *O Saci*, *As caçadas de Pedrinho* e *O poço do Visconde*. O homem, ou melhor, “o bicho homem⁵⁷”, como é referido nos vídeos, é indicado como vilão nessas histórias, quando o assunto é, por exemplo, o aumento da população de mosquitos⁵⁸. Nesse caso, ele é apontado inclusive, como sendo o responsável pelo desequilíbrio ecológico. O que está afirmado no vídeo é que, devido à devastação das florestas feita pelo homem, animais, como os sapos (predadores naturais dos insetos) morreram e, em consequência disso, a população de mosquitos aumentou. Ao mesmo tempo em outras situações, tais como as que denominei como “Os alimentos

⁵⁷ Termo também presente na obra *O Saci*.

da floresta” e “Pressão na Cuca”, os seres que vivem na mata dependem da natureza, tirando da mesma tudo o que necessitam para sobrevivência⁵⁹, como alimentação (palmito) e até cipó para amarrar a Cuca. A bruxa também retira da mata os ingredientes para os seus feitiços. Já na situação “Banho de poluição”, do mesmo episódio, a Cuca toma um banho de poluição (ela assume a maldade do bicho homem) para começar seu dia cheio de maldades.

É interessante marcar, ainda, que neste vídeo algumas características da obra da qual a série foi adaptada foram mantidas. Entre estas estão o tema da história do livro do qual o vídeo foi adaptado, bem com a preocupação em transmitir “ensinamentos”. Em outros momentos, a adaptação deu-se por conta da inclusão de marcas contemporâneas que envolvem alusões e preocupações explícitas com o ambiente, bem como com a tecnologia (celular, computador) e com a manutenção da ordem e da limpeza do sítio, aspecto que se vincula, por exemplo, à sua urbanização.

AS CAÇADAS DE PEDRINHO

Enquanto isso, as onças lá na mata marcavam o ataque ao Sítio para o dia seguinte.

Felizmente os dois besouros encapotados estiveram presentes à reunião e tudo ouviram dum galhinho seco.

– Eles mataram minha esposa! – clamava com voz trêmula de cólera um enorme onção (como dizia a Emília). – Estou viúvo da minha querida onça por artes daqueles meninos daninhos do sítio de Dona Benta. Mataram-na e levaram-na de arrasto, amarrada com cipós, até o terreiro da casinha onde moram. Tiram-lhe a pele que depois de esticada e seca ao sol está servindo de tapete na varanda. Ora, isto é crime que pede a mais completa vingança. Guerra, pois! Guerra de morte a essa ninhada de malfeitores.

– Guerra! Guerra! – exclamaram os animais (Lobato, 1995:14).

⁵⁸ Situação “O desequilíbrio ecológico”.

⁵⁹ Conforme a obra.

O vídeo *As caçadas de Pedrinho*, adaptado do livro também denominado *Caçadas de Pedrinho*, corresponde aos capítulos 12 a 16 da série da série televisiva *Sítio do Picapau Amarelo* da Rede Globo, exibidos entre os dias 22 de outubro e 2 de novembro de 2001. O tema principal da história – a onça pintada – é mantido no vídeo, embora o rumo dado a essa história seja completamente diferente do impresso no livro. Enquanto no livro as crianças discutem como se defenderiam do ataque das onças-pintadas ao *Sítio*; no vídeo, elas organizam um plano para acabarem com os caçadores de onças-pintadas. A onça-pintada, que sabia se defender e representava uma ameaça ao *Sítio* na obra de Lobato, passa a ter sua vida ameaçada pelos caçadores na história narrada na nova série e no vídeo, precisando, por isso, ser protegida. Cabe destacar que, no livro, quem desencadeou o ataque das onças ao *Sítio* de Dona Benta foi um ser humano, uma vez que Pedrinho matara uma onça-pintada fêmea, – há no texto uma perspectiva de vingança/de revanche das onças contra os humanos. Pedrinho também muda, na história do vídeo, radicalmente de ação – ele passa da posição de caçador para a de defensor da onça-pintada.

Nesse sentido, a ênfase na problemática ambiental é marcada de uma outra forma. Tal como no vídeo *O Saci*, o ser humano é marcado como o bicho homem; e na situação “O desaparecimento dos micos”, os humanos são apontados como responsáveis pelo desaparecimento dos micos e pela extinção de outros animais, devido ao desmatamento e as queimadas. A letra da música, cantada na situação “As denúncias dos repentistas Tico-tico e Sabiá”, ilustra bem como se configura neste episódio a relação ser humano/natureza, que “se dá de maneira poderosa através da mídia” (Amaral, 2000:145):

*O bicho homem não sossega
Dia e noite essa matança
Vire e mexe mata o bicho
Só para encher a sua pança*

*É paca, é onça e tatu
Qualquer bicho ele traça
Não adianta nem fugir
Tá na mata ele caça*

A letra da música enfatiza que a matança dos animais por parte dos homens dá-se, especialmente, por sua gula – os homens caçam qualquer tipo de animal para comer. Mas as maldades atribuídas ao bicho homem, neste episódio, não param por aí, pois “ele” também maltrata os animais de circo. Aliás, a questão dos maus-tratos dos animais em cativeiro (no circo) é também abordada nos episódios contados nesta história, quando é referida a fuga do rinoceronte do circo por ser maltratado. Dona Benta faz, inclusive, na situação “Não maltratem os animais”, um pedido ao ser entrevistada por um repórter da televisão: “– *Não maltratem mais os animais, todo o ser vivo merece respeito*”.

Ao mesmo tempo em que há na nova série uma constante preocupação em veicular lições de preservação da natureza, inclusive no jogo da memória⁶⁰, no qual os animais em extinção (tamanduá-bandeira e lobo-guará, por exemplo) recebem destaque ao serem separados dos demais, Tia Nastácia questiona Dona Benta sobre as utilidades dos rinocerontes. A avó transfere a pergunta para o Visconde de Sabugosa que, assumindo uma posição completamente antropocêntrica, afirma que a única utilidade dos rinocerontes para o homem é a sua pele. Então, pode-se dizer que o Visconde enuncia um discurso utilitarista sobre a natureza, no qual são colocados em destaque os benefícios ou os problemas que alguns seres podem trazer ao homem. Em outra situação (a que chamei de “A cadeia alimentar”), no entanto, o boneco de sabugo de milho dá aulas de Ecologia, explicando como é uma cadeia alimentar aos personagens Narizinho e Pedrinho e, também, aos telespectadores. Ele explica que, na cadeia alimentar, as onças são carnívoras e se alimentam de outros animais e que “é assim mesmo na natureza, um animal mata o outro para sobreviver”. Na letra da música da dupla Tico-tico e Sabiá, o ser humano estava justamente sendo criticado por matar os animais para comer. Nessa lógica, tal como indicam muitos dos autores que discutem Educação Ambiental, ele não é visto como integrante/como parte da natureza, uma vez que não pode agir como animal, não sendo a ele “permitido” o que se consente aos outros animais: matar para se alimentar. Enfim, as ambivalências útil/nocivo, selvagem/doméstico, e principalmente, cultura/natureza, presentes nas discussões contemporâneas sobre a

⁶⁰ Na situação “Jogo da memória com animais”.

natureza, perpassam os episódios do *Sítio*. O mundo da natureza, conforme Amaral (1997), tem sido dominado pelo mundo da cultura e a natureza tem sido o local preferencial de caça dos símbolos da chamada Indústria Cultural⁶¹; natureza “é também o espaço *natural* para a constituição de mercados, bem como o palco, ou pano de fundo, dos processos de globalização da cultura e da economia” (ibid.:92).

Lições de Ecologia são também enunciadas por Emília e Pedrinho na situação que chamei de “Papo de Ecologia”. A boneca afirma que os caçadores são cegos, surdos e burros. O menino concorda dizendo que eles estão acabando com a natureza, comentando: “depois, ainda querem que as crianças salvem o mundo”. Um dos caçadores, personagens também presentes neste episódio, rebate dizendo que não se comove com esse “papo de Ecologia” e que depois que ganhar o seu “dim-dim” quer que a natureza se exploda. Mais uma vez, as maldades do bicho homem, que destrói a natureza em troca de dinheiro, são apontadas. Alude-se, novamente, às posições consideradas próprias à sociedade capitalista contemporânea, na qual o “tudo por dinheiro”, ou “tudo por divertimento” é a regra básica de sobrevivência.

A preocupação com os problemas sociais globais também chega a esta versão do *Sítio do Picapau Amarelo*. Dona Benta organiza uma *Campanha do Agasalho* e enfatiza, na situação que destaquei com o título “Para tornar o mundo melhor”, que sua ação não é nada de mais, pois, se cada um fizesse a sua parte, o mundo estaria bem melhor. Segundo os ensinamentos da avó, a parte que cabe a cada um é fazer alguma coisa pelo próximo. Pedrinho, que colabora com Dona Benta⁶², diz que deveria ter Campanhas de Agasalho em todos os lugares. Entretanto, nos mesmos episódios, Narzinho, Pedrinho, Emília e Visconde brincam com bichinhos feitos de legumes (comida) em um país no qual as pessoas não morrem apenas de frio, mas também de fome. Mas se faz necessária a consideração de que em um sítio, e em especial o *Sítio do Picapau Amarelo*, geralmente não há esse problema, uma vez que ele possui plantações e, portanto, conta com uma fartura de alimentos.

⁶¹ Esta é uma forma marxista de lidar com os efeitos da mídia. Para Pucci, 1984, a Indústria Cultural é uma manifestação exemplar da Razão Instrumental. “Os textos *Indústria Cultural: O esclarecimento como mistificação das massas* (In *Horkheimer/Adorno*, 1986) e *Teoria da Semicultura* (Adorno, In *Ramos de Oliveira*, 1992) mostram sobejamente isso” (ibid.:27).

⁶² Na situação “Campanha do Agasalho”.

Outro modo de vincular aspectos, problemas, episódios ocorridos na sociedade contemporânea, inclui, por exemplo, a intenção de destacar, especialmente quando se trata da Cuca, um estereótipo⁶³ para a beleza, que tem a ver com a preocupação com um corpo sarado. Assim, o que sucede na situação “A Cuca sarada” é que uma bruxa (usualmente marcada como feia) faz ginástica aeróbica. Está posta em destaque, nesta situação, uma das preocupações bem atuais e que se volta à busca de uma imagem, de uma aparência, de uma estética, na qual a magreza e a “boa forma” são a suprema ambição. É interessante que a série marque exatamente a Cuca, uma personagem do folclore brasileiro, uma bruxa com cara de jacaré, para representar tal aspiração. A motivação neste sentido é tão grande que nem os personagens do folclore – e até os mais feios - dela escapam! E é, assim, então, que a Cuca ganha, nesta versão do *Sítio*, unhas compridas pintadas de vermelho e um corpo curvilíneo realçado por um vestido colante e espalhafatoso. Mas não é somente através dessa personagem que se fala da cultura da magreza. Narizinho também chama a atenção de Rabicó⁶⁴, enquanto ele come brigadeiros, de que está muito gordo e que precisa de uma dieta urgente. Um porco fazendo dieta!? Na zona rural, criam-se porcos para o abate e quanto mais gordo o porco, melhor! Mais carne, mais banha (gordura animal), mais lucro.

As práticas de cuidado com o corpo são tão destacadas na sociedade que, na série televisiva, não há perdão nem para os animais que estão fora de seu peso. Denise Sant’Anna (2000) afirma que, depois das campanhas televisivas *Mexa-se e Esporte para Todos* (empreendidas nos anos da ditadura militar) “assistimos à massificação das academias de ginástica e à banalização dos cuidados corporais que incluem terapias, regimes e lazer” (ibid.:242). Na mesma direção, Fischer (2001) nos diz que não há hoje praticamente um lugar, um dia de nossas vidas em que não sejamos chamados a cuidar de nosso corpo. E afirma ainda que

os imperativos da beleza, da juventude, sobretudo nos espaços dos diferentes meios de comunicação, perseguem-nos quase como tortura:

⁶³ “O estereótipo reduz as pessoas a umas poucas características simples, essenciais, que são representadas como fixas pela natureza” (Hall, 1997c:22). “Os estereótipos abrangem algumas destas características “simples, vívida[s], digna[s] de ser[em] mantida[s] na memória, facilmente apreendida[s] e amplamente reconhecida[s]” de uma pessoa, *reduzem* tudo àqueles traços, *exageram* e os *simplificam*, e os *estabelecem* para sempre sem mudança ou desenvolvimento (ibid.:23).

⁶⁴ Na situação “Jogo da memória com animais”.

corpos de tantos outros e outras são oferecidos como modelo para que o transformemos, para que atinjamos (ou que pelo menos desejemos muito) um modo determinado de sermos belos e belas, magros e magras, atletas, saudáveis, eternos (ibid.:48-49).

A organização de uma assembléia por parte dos animais para discutir a presença dos caçadores no *Capoeirão dos Tucanos*⁶⁵, bem como as punições pensadas em conjunto para punir a Cuca, referidas no episódio *As caçadas de Pedrinho*, são situações que colocam em destaque práticas políticas e organizacionais bem características à sociedade brasileira contemporânea. Em sua pesquisa sobre as representações de natureza na literatura infanto-juvenil de Érico Veríssimo e Monteiro Lobato, Wortmann (2004) destacou que, em muitos textos, animais, plantas e minerais “são inseridos em modelos que obedecem à organização das sociedades humanas”, trabalhando e tendo direitos e deveres sociais. Já nesta versão do *Sítio*, na situação “Burocracia”, por exemplo, critica-se a burocracia estatal, ao apontar-se a morosidade e as dificuldades enfrentadas por uma pretensa equipe de governo para caçar um rinoceronte que fugira de um circo instalado nas proximidades do *Sítio*. O episódio faz uma sátira à burocracia a ser cumprida, ao mesmo tempo em que critica o emperramento da máquina estatal.

Apesar de algumas vezes destacarem-se, nos episódios da série, aspectos negativos da vida urbana, a tecnologia da cidade é configurada como necessária ao *Sítio do Picapau Amarelo*. Assim, neste episódio, a avó tem carro, as crianças vêem televisão⁶⁶ e pesquisam na *Internet*⁶⁷. Inclusive, a notícia da fuga do rinoceronte é imediatamente informada, no *Sítio*, pelo noticiário de televisão. Além disso, registra-se que as crianças tiveram acesso às informações sobre rinocerontes através de pesquisa na *Internet*. Já na obra de Lobato, principalmente após a descoberta e a exploração do petróleo em *O poço do Visconde*, o *Sítio* começou a incorporar as modernizações que a tecnologia permitia naquela época, pois o *Sítio* recebeu um fogão a gás, uma geladeira e um telefone. André Luiz Vieira de Campos (1986) afirma que a Tia Nastácia dos livros tornou-se mais eficiente com tantas comodidades domésticas. Como Lajolo (1985) afirma, já na obra de Lobato, “o Brasil

⁶⁵ O *Capoeirão dos Tucanos* é o vilarejo mais próximo ao *Sítio do Picapau Amarelo*, onde há um armazém onde as pessoas se reúnem e fazem compras.

⁶⁶ Na situação “A utilidade do rinoceronte africano”.

⁶⁷ Na situação “O rinoceronte na *Internet*”.

arcaico de Tia Nastácia e Tio Barnabé funde-se com o Brasil moderno que encontra petróleo, fala ao telefone e viaja à Lua” (ibid:51).

Apesar desta história⁶⁸ ter ganho, nesta versão televisiva, uma forte marca de “lições de natureza”, ela parece-me ter um desfecho um tanto quanto inesperado, pois o rinoceronte⁶⁹ não volta para o seu hábitat natural, a África de onde fora trazido. Ele prefere ficar no *Sítio do Picapau Amarelo* com roupa e tudo, confeccionada por Tia Nastácia e dividindo um estábulo com a vaca Mocha. A argumentação do animal para sua permanência é que seus pais são africanos, mas ele é brasileiro. A fidelidade a Lobato pesou mais.

O POÇO DO VISCONDE

– Petróleo! Petróleo!

– Era o petróleo, afinal! Era o jorro de petróleo salvador do Brasil, que se levantava numa coluna magnífica até quarenta metros para o céu. Lá fazia uma curva de repuxo na direção do vento e caía sob forma de chuva forte. E como aconteceu que Dona Benta, tia Nastácia e os meninos estivessem na direção do vento, foram colhidos pela chuva de óleo, ficando completamente empapados... (Lobato, 1994:67).

Este vídeo, assim como os capítulos relativos a *O Saci*, mantém o título da obra da qual foi adaptado (*O poço do Visconde*⁷⁰ de Monteiro Lobato) e compreende os capítulos 92 a 96 da série televisiva *Sítio do Picapau Amarelo* da Rede Globo, exibidos no ano de 2002. O foco principal desta história (no livro e no vídeo) é a descoberta do petróleo no *Sítio* de Dona Benta. Entretanto, na história narrada por Lobato, o petróleo é “de verdade” e existe mesmo no *Sítio*; já na história adaptada

⁶⁸ Adaptada da obra de Monteiro Lobato, a qual explica o surgimento do Quindim no *Sítio do Picapau Amarelo*.

⁶⁹ Emília o batiza de Quindim, por ser tão doce.

⁷⁰ A primeira edição é de 1936.

para a tevê, o petróleo é “de mentira”, ou melhor, foi produzido pela Cuca, através de um de seus feitiços.

A intenção de marcar o caráter educativo do programa está bastante ressaltada neste vídeo, no qual há uma constante preocupação em informar, principalmente sobre Geologia⁷¹. Aliás, mesmo que essa seja uma característica bastante presente nas obras que constituem o *Sítio do Picapau Amarelo*, ela está especialmente enfatizada nesta, que trata do petróleo⁷². Questionei-me acerca da importância dada ao ensino da Geologia nesta obra, bem como nestes episódios. Uma das explicações é que, sendo o petróleo o foco principal da história, tratou-se da Geologia, no texto, por ser esse resultante de uma formação geológica. Mas, por que Lobato tinha tanto interesse no petróleo?

É bem conhecida a defesa que Lobato fez da busca do petróleo em terras brasileiras⁷³. Segundo Maira Ferreira (2002), Lobato empenhou-se tanto na descoberta de petróleo brasileiro, “que consultou técnicos, convocou engenheiros e lançou-se a uma ferrenha campanha para que a população acreditasse que havia petróleo em solo brasileiro” (ibid.:143). Na situação que extraí deste vídeo, e que denominei “História do petróleo”, quando Dona Benta⁷⁴ dá aulas sobre o petróleo, a personagem do seriado faz também alusão a Monteiro Lobato, engrandecendo-o por sua ferrenha Campanha do Ferro e do Petróleo no Brasil.

No livro *do Visconde*, o petróleo é descoberto e explorado no *Sítio do Picapau Amarelo*. Nesse sentido, Campos (1986) nos diz que, nesta obra, o sítio pode ser visto como o próprio Brasil. O autor (ibid.) a considera como um verdadeiro panfleto para as crianças, atribuindo este caráter a ter sido ela escrita no calor das lutas de Lobato⁷⁵ pela descoberta e exploração do petróleo nacional, sendo também a obra

⁷¹ A partir das aulas de Geologia, os personagens concluem que tem petróleo na terras do *Sítio*.

⁷² A leitura da obra chega a ser cansativa devido às inúmeras informações que traz. Wortmann (2004) destaca que a preocupação com a apresentação (e a valorização) dos saberes é uma intencionalidade sempre presente nos textos de Lobato.

⁷³ Inclusive em 1936, escreveu a obra *Depoimento apresentado à comissão de inquérito sobre o petróleo*, que teve seu título substituído mais tarde em uma reedição por *O Escândalo do Petróleo e do Ferro*.

⁷⁴ A avó também dá destaque a toda tecnologia brasileira empregada nas modernas plataformas computadorizadas de extração de petróleo brasileiras.

⁷⁵ “Sua luta foi interrompida por uma condenação sentenciada pelo Tribunal de Segurança Nacional” (Campos, 1986:123)

na qual ele melhor enunciou e descreveu o que se pode pensar ser a “República dos seus sonhos”.

Que outros “ensinamentos” estão presentes neste vídeo? Além das aulas sobre Geologia, há também, e novamente, lições sobre o folclore brasileiro e sobre mitologia grega na situação que denominei “Os deuses do folclore brasileiro moram na floresta”. Há um centauro, o Meioameio, morando no *Sítio do Picapau Amarelo*. Na história *O Saci*, definido como “divindade da mitologia brasileira” por Pedrinho, o menino encarrega-se de dar explicações sobre o nosso folclore a Meioameio, ao estabelecer comparações entre a floresta e o Olimpo grego. Durante o lanche, Dona Benta e o centauro chegam, e mais uma “lição” é veiculada: o lugar dos bichos é lá fora (na rua) como dizia tia Nastácia. Disso deduz-se que a entrada de Meioameio na cozinha só foi permitida porque ele é metade homem. Então, nessa enunciação, homem não é bicho. No sítio limpo e urbanizado da série televisiva, não é mais permitida a entrada de animais no interior da casa, tal como acontecia na obra de Lobato e nas séries televisivas anteriores. Mais uma vez, repete-se o argumento de que o ser humano não é bicho/não é animal e, portanto, não faz parte da natureza. Mais uma vez o reforço da dicotomia ser humano/natureza. Mauro Grün (no prelo), em suas discussões sobre a outridade da natureza, nos diz em uma compreensão hermenêutica, que a relação ecológica entre seres humanos e natureza, “seria uma relação na qual nós participamos da Natureza e a Natureza participa em nós, como dois círculos concêntricos” (ibid.:6). Assim, segundo o autor, estabeleceríamos “Tecnologias de Aliança” com a natureza, aproximando-nos dela e mantendo a sua outridade respeitada. “Não tem sentido buscar uma relação mais harmoniosa com a Natureza se nós não possuímos a boa vontade para compreender a Natureza como o Outro” (ibid.:9).

Nesses capítulos, Dona Benta dá mais aulas de Ecologia e “ensina” sobre as formas alternativas de energia (que agora são por ela pesquisadas na *Internet*⁷⁶), principalmente a energia solar, instalando, inclusive em sua casa, na situação “Como se capta o petróleo hoje no Brasil”, placas captadoras de luz solar. Como já referi, muitas vezes, Dona Benta e o Visconde são “autorizados” a ensinarem os saberes

⁷⁶ Na situação “A energia solar é viável no Brasil”.

científicos e eruditos dos livros e enciclopédias; nos episódios da atual série, no entanto, eles também aprendem o que ensinam na *Internet*.

Nessa história, eles ensinam sobre Geologia, petróleo, bem como sobre formas alternativas de energia. No mesmo vídeo, confirma-se, novamente, a autoridade dos mais velhos para ensinar, quando é dito que o saber, os conhecimentos populares e as lições de vida de Tio Barnabé vieram com a idade e a experiência. Isso também é destacado na situação “A sabedoria da idade”, quando Dona Benta, ao ser questionada pelo centauro se ela é a deusa do saber, repisa este enunciado ao afirmar que sua humilde sabedoria veio da idade e que os mais velhos acumulam experiências e conhecimentos. Já os conhecimentos do Visconde de Sabugosa, configurado nessas histórias como um sábio, um cientista, um intelectual, como diz Dona Benta, são algumas vezes “olhados” com alguma desconfiança⁷⁷. No *Sítio do Picapau Amarelo*, a incompreensão e a incredulidade marcam a relação dos personagens com o boneco de sabugo de milho. Na situação “O Papo erudito do sabugo de milho”, por exemplo, na qual o Visconde de Sabugosa explica sobre erosão, o Saci reclama que o papo do sabugo é complicado. Aliás, o moleque de uma perna só e Pedrinho preferem dar uma volta no Capoeirão dos Tucanos a ficar ouvindo as explicações de Visconde. Em outra situação (“Os sábios são incompreendidos”), Narizinho e Emília também correm com o sabugo, quando ele resolve explicar como se dá a formação da argila enquanto todos brincam com bolinhos de argila. Frente a tais provocações, o Visconde reafirma a sua condição de sábio (e a de todos os cientistas e sábios): “– *É chato ser um sábio, nós somos sempre muito incompreendidos*”.

É interessante destacar a frequência com que são discutidos no episódio analisado, problemas ambientais (desastres ambientais: derramamento de óleo, poluição...) ⁷⁸ e sociais (cobiça) ⁷⁹ que o petróleo causa. Além desses problemas, faz-

⁷⁷ Na qualidade de detentor do “poder da ciência”, é um sujeito bem diferente dos demais, se enquadrando, portanto, nas representações de cientista, usualmente encontradas na literatura infanto-juvenil: é do sexo masculino, usa óculos, fala sozinho (na situação “O professor Visconde”, Visconde caminha e fala sozinho, dando aulas), tem seu laboratório construído por Pedrinho onde realiza seus experimentos, entre outras (Wortmann, 2002a). A autora (ibid.) acrescenta ainda que os cientistas nas histórias infantis e infanto-juvenis são muitas vezes considerados um tanto quanto “malucos” e, devido a isso, não são levados muito a sério.

⁷⁸ Nas situações: “Petróleo no *Sítio do Picapau Amarelo*”, “Problemas do petróleo” e “Petróleo no Brasil”.

⁷⁹ Na situação “O uso do petróleo também causa problemas”.

se também a indicação de outros, tal como na situação “Alternativas altruístas para usar o dinheiro do petróleo”, quando as crianças discutem o que poderiam fazer com o dinheiro recebido com a venda de petróleo. Nessa situação, elas falam quase exclusivamente em atender a problemas sociais, tais como a fome, a falta de agasalhos, além da escassez de hospitais, de moradias, de escolas, entre outras. No texto de Lobato, preocupações dessa ordem também estavam presentes. Em uma das passagens do livro que é referência da série, Dona Benta propõe que o dinheiro ganho com a exploração do petróleo do *Sítio* beneficie “este povo da roça, tão miserável, sem cultura nenhuma, sem assistência, largado em pleno abandono no mato, corroído de doenças tão feias e dolorosas”, tal como referiu Campos (1986:128). Marca-se, assim, também neste texto, a miserabilidade do interior brasileiro e de grande parte das ditas camadas populares brasileiras. E, também, a ingenuidade das pessoas que vivem no campo e a sua vulnerabilidade a logros e enganos perpetrados por sujeitos inescrupulosos. A série narra, por exemplo, a investida feita por um advogado da cidade que se interessou em comprar as terras das propriedades vizinhas ao *Sítio* e as do próprio *Sítio do Picapau Amarelo* quando a história da descoberta de petróleo no *Sítio do Picapau Amarelo* se espalhou.

Em outro momento desta mesma história (a situação que denominei “Terra do petróleo”), o Capoeirão dos Tucanos é invadido por vendedores ambulantes que comercializam suvenires (camisetas, bonés, miniaturas de torres de petróleo, bem como são vendidos “banhos de petróleo” com direito à foto). Representa-se uma situação, na qual todos querem encontrar uma forma de tirar vantagem e de ganhar dinheiro às custas do petróleo descoberto, ao mesmo tempo em que se faz referência às práticas de comércio informal, do qual sobrevive uma parcela significativa da população brasileira nas grandes cidades.

A Cuca também merece destaque neste episódio – ela tem “chiliques” nas situações que denominei “A ruga da Cuca” e “Tomo um banho de lama”, tanto porque encontrou uma nova ruga em seu rosto, quanto por ouvir do Saci que seu banho de lama não a está deixando mais bonita. Valendo-se de ingredientes retirados da natureza para preparar seu creme de rejuvenescimento para bruxas de 10ª idade, ela também dá uma lição de beleza ao afirmar que não pode se irritar, porque o primeiro segredo para uma pele linda é o bom humor. Dessa forma, o mito da floresta aparece repaginado como um mito da mídia. A folclórica Cuca assume

estereótipos contemporâneos de beleza, ao ser configurada como uma bruxa disposta a qualquer sacrifício (ginástica, dietas, fórmulas de beleza,...) para ficar bonita. Pode-se dizer, ainda, que essa personagem/mito do folclore ao receber tal formatação cede também aos apelos de uma sociedade de consumo que dá muito destaque e valorização à aparência.

Assim, nesse, tal como nos outros vídeos já descritos, as marcas da contemporaneidade fazem-se presentes e algumas atualizações são priorizadas na adaptação literatura/programa de televisão, ao mesmo tempo em que alguns temas e características são mantidos quase inalterados. Cabe, agora, retomar algumas das questões anteriormente feitas: A quem se endereça esta nova versão do *Sítio do Picapau Amarelo*? Por que se preservam determinadas características do *Sítio* da obra e outras são completamente modificadas, repaginadas, hibridizadas? Quem o programa atual pensa que seu público é? Questões como essas, venho discutindo neste trabalho, sem a pretensão de esgotar o assunto, de oferecer respostas únicas ou definitivas para as mesmas.

CAPÍTULO V – ENREDANDO AS ANÁLISES

Em discussões anteriores (feitas nesta dissertação), indiquei como as pedagogias culturais ampliam a noção do educativo para além das atividades estritamente escolares. Assim, considero que tanto a série televisiva (e os vídeos que a reproduzem e que permitem que ela seja acessada tantas vezes quanto as crianças desejarem) o *Sítio do Picapau Amarelo*, quanto os livros de histórias escritos por Lobato exercem efeitos pedagógicos que não se limitam ao que é intencionado por seus autores e produtores. Então, nas análises que conduzi, o que me interessou não foi indicar se aquilo que o autor (Lobato) ou os diretores e produtores da série televisiva buscavam ensinar foi efetivamente ensinado, mas lidar com as possibilidades de significado que podem ser associadas à temática e às ações desenvolvidas nesta série.

É importante destacar, no entanto, que a literatura infanto-juvenil de Monteiro Lobato apresentava o “objetivo político bem claro de formar cidadãos, despertando nas crianças a curiosidade intelectual e a atitude crítica” (Campos, 1986:124). Pergunto-me, então, que lições podem ser identificadas como fazendo parte desta formação de um cidadão em tais artefatos culturais? Quais aspectos foram neles marcados como sendo importantes para a “cultura” das crianças? É importante destacar, tal como fazem muitos dos estudiosos de Lobato como Laura Sandroni, Alaor Barbosa, Marisa Lajolo, José Roberto Whitaker Penteado e André Luiz Vieira de Campos, que as crianças pré-Lobato, devido à escassa e pobre literatura existente no Brasil a elas destinada, praticamente liam, apenas, livros de histórias estrangeiras. Nesse sentido, Lobato procurou valorizar o que se configurava em sua época como nacional, derivando talvez disso a valorização do folclore brasileiro, bem como a apresentação que o autor faz repetidamente da fauna e da flora brasileiras, conhecimentos que entremeiam a apresentação de informações científicas por ele consideradas essenciais. Assim, os textos tratam de temas de Geologia, Aritmética, bem como da cultura considerada erudita, ou o que se tinha como sendo “patrimônio da cultura” (histórias da humanidade, fábulas, lendas e mesmo histórias infantis

européias como *O gato de botas*, *Branca de Neve*, *Peter Pan*⁸⁰, entre outras). Há livros que chegam a se tornar cansativos, tal é a ênfase neles dada à apresentação de tais “ensinamentos”, sendo que *O poço do Visconde*, tal como já indiquei, é um bom exemplo disso. Cabe agora perguntar: Como ficaram os vídeos adaptados da obra de Lobato relativamente a tal aspecto? Conforme já referi, a preocupação com “ensinar” também pode ser percebida na série televisiva e nos vídeos que a divulgam. Mas, o que se ensina agora? Quais necessidades a série registra como sendo próprias às crianças de hoje? Que aspectos são agregados, inseridos, transformados, apresentados nos episódios que examinei nesta “nova” série e que podem ser vistos como voltados a tal direção?

Cabe registrar, que a série televisiva tem o mesmo endereçamento das histórias que a inspiraram, ou melhor, ela busca atingir o público infanto-juvenil tal como os livros de Monteiro Lobato. No entanto, os produtores do programa deixam, muitas vezes bem evidenciado que as crianças e os jovens de agora mudaram – tendo, portanto, outros interesses – e, sendo assim, tornou-se necessário incluir novos “elementos” às histórias, adaptá-las a esses “outros” tempos e, assim, de certa forma, reescrevê-las. Então, novas problemáticas e personagens agregaram-se à produção desta “nova” série televisiva, enquanto outros foram modificados, ou talvez até seja melhor dizer que eles foram “modernizados”. De um modo geral, as temáticas tratadas na série são as mesmas focalizadas nas histórias dos livros, no entanto, o “ensinamento” que se faz na televisão é bem mais leve. Conforme Amodeo (2003), temos de admitir que as crianças de hoje resistem aos textos de Lobato, também em função da complexidade da linguagem empregada, ou da dificuldade de compreensão de algumas expressões não mais utilizadas. Em função disso, conforme referi anteriormente, foi lançada, no final da década de 80, uma edição dos livros de Lobato com nova formatação, sendo que neles os episódios narrados foram ainda mais fragmentados e ao texto agregou-se um número maior de ilustrações, as quais também se tornaram mais coloridas e mais vistosas. Quanto ao programa televisivo, então, apesar desse também se endereçar ao público infanto-juvenil, tal como a obra, nele pensa-se, agora, que esses jovens possuem

⁸⁰ A dissertação “*Um inglês no sítio de Dona Benta*”: estudo da apropriação de *Peter Pan* na obra infantil lobatiana de Adriana Silene Vieira estuda a presença da obra *Peter Pan*, de James Barrie, nos textos infantis de Monteiro Lobato. Viera (1998) discute a presença dessa personagem da literatura infantil inglesa dentro da obra infantil de Monteiro Lobato.

características peculiares: estes são sujeitos da era da imagem que vivem em um ritmo bem distinto daquele das crianças do tempo em que viveu Lobato e que valorizam outros meios e espaços, tais como *videogames*, televisão, cinema, *shopping centers* e parques de diversões

Há alguns aspectos que considero serem marcas culturais contemporâneas, de natureza mais “técnica” e que caracterizam este “novo” ritmo. Entre elas, pode-se referir a velocidade⁸¹ das imagens que, segundo Kellner (1995), tem um papel crescente no pós-modernismo, bem como as técnicas televisivas agora empregadas que permitem, por exemplo, a apresentação simultânea de vários acontecimentos/ de várias imagens. Sarlo (1997) afirma que a imagem perdeu a intensidade e o interesse e que ela está ali só por um momento, ocupando o tempo até que seja sucedida por outra imagem. As técnicas empregadas na televisão como as tomadas curtas de cena e os cortes⁸² possibilitam esta sucessão de imagens. Uma das leis que a televisão ensinou a seus telespectadores, conforme Sarlo (ibid.), é “produzir a maior acumulação de imagens de alto impacto por unidade de tempo e, paradoxalmente, baixa quantidade de informação por unidade de tempo ou alta quantidade de informação indiferenciada” (ibi.:57). O *Sítio do Picapau Amarelo* parece adequar-se a esse esquema, na medida em que, já a partir dos seis primeiros capítulos da nova série, as tomadas curtas de cena e os cortes podem ser observados.

Neil Postman (1995)⁸³ cita a televisão como a máquina de imagens mais prolífica da história, por ser capaz de gerar entre quinze e trinta imagens por minuto e, assim, milhões de imagens por dia. É por isso que o autor afirma que vivemos mais do que nunca em um mundo de imagens; imagens essas que nos interpelam a cada momento, seja através de um *outdoor*, de um jornal, de uma revista, ou da própria televisão. Cabe ressaltar que em todos estes veículos culturais há representações que atuam na construção de significados para as “coisas” do mundo, interferindo igualmente nos processos de produção de nossas identidades.

⁸¹ Almeida (1994) nos fala da oposição criada entre a lentidão para os espectadores-literários de filmes e arte e a velocidade de *clips* para os espectadores-massa.

⁸² “Há um corte numa seqüência de imagens quando o fluxo de gravação de uma imagem é interrompido e entra outra imagem, captada por outra câmera (ou editada, isto é, “colada” à anterior)” (Fischer, 2001).

⁸³ Citado por Kellner (1995).

A educação escolar, segundo Kellner (1995), deveria prestar mais atenção a esta nova cultura, tentando desenvolver uma pedagogia crítica⁸⁴ que estivesse preocupada com a leitura dessas imagens, isto é, para o autor seria importante desenvolver um alfabetismo crítico em relação à mídia. Como ele (ibid.) destaca, a pedagogia cultural da mídia tem que fazer parte também das discussões da escola. Giroux (2001), discutindo questões em uma direção semelhante, sugere que desenvolvamos novas formas de aprendizado, de entretenimento crítico e de leitura da mídia visual eletronicamente produzida. Steinberg (1997) nos diz que devemos desenvolver uma educação, e também habilidades paternas/maternas, bem como atentar para que as instituições sociais dêem conta dessa revolução cultural, de modo que se ensine às crianças a encontrarem sentido no caos de informação da hiper-realidade. A autora chama a atenção dos pais para a necessidade desses comprometerem-se com esse novo processo educativo.

Ao refletir-se sobre a preocupação dos pais referente à educação dos filhos, é possível pensar que os vídeos do *Sítio do Picapau Amarelo* não são endereçados somente ao público infanto-juvenil, mas também a eles. O destaque que faço é, então, que ao mesmo tempo em que as histórias entretêm/distraem/divertem as crianças, elas também as “educam” e “ensinam”, cabendo, no entanto, salientar que isso não se dá, apenas, nas direções pretendidas por seus idealizadores. Pais contemporâneos das chamadas classes médias, na maioria das vezes, bastante ocupados, dispõem de pouco tempo para seus filhos. Então, um programa tal como o *Sítio do Picapau Amarelo*, já tantas vezes configurado como educativo, por incluir informações associadas aos conhecimentos científicos e regionais, bem como “lições” de boas maneiras⁸⁵, entre outras, é importante porque também diverte, permite o exercício da fantasia, da magia e da imaginação, além de ser adaptado da obra de um autor ícone da cultura brasileira. Os números parecem confirmar a aprovação dos pais. O maior sucesso de venda da “lojinha da Globo” é a boneca

⁸⁴ Para Giroux e McLaren (1995) uma pedagogia crítica da representação reconhece que habitamos uma cultura fotocêntrica, auditiva e televisual na qual a proliferação de imagens e sons eletronicamente produzidos serve como uma forma de catecismo da mídia, uma pedagogia perpétua, através da qual os indivíduos ritualmente codificam e avaliam os envolvimentos que fazem nos vários contextos discursivos da vida cotidiana. "É uma pedagogia que reconhece que as imagens não são nem objetivas nem transparentes, mas produzidas no interior de locais discursivos e materiais de disjunção, ruptura e contradição" (ibid.:147).

⁸⁵ Boas maneiras são “ensinadas” na situação que chamei de “A hora do lanche também é hora de aprender”. Nela, Tia Nastácia reclama das crianças por não terem esperado por Dona Benta para lancharem.

Emília, sendo 800 mil bonecas vendidas entre 2001 e 2003⁸⁶. Além disso, o sucesso do programa é marcado pelo extenso período em que ele se encontra no ar - o *Sítio da televisão* chegará ao episódio de número 1000 e virará novelinha como a "Malhação"⁸⁷ em 2005. Também não devemos esquecer do forte caráter comercial que marca o *Sítio da televisão*. Nesse sentido, é preciso considerar o investimento econômico feito no Programa ao qual estão vinculados inúmeros produtos que carregam a logomarca *Sítio do Picapau Amarelo*. O que marca a sociedade de consumo em que vivemos, é o apelo mercadológico que as imagens constantemente nos fazem, afirmando e definindo o que está na moda (e quem está na moda) e ditando comportamentos. Como destaca Kellner (2001a):

Estamos de fato rodeados por novas tecnologias, novos modos de produção cultural e novas formas de vida social e política. Ademais, a cultura está desempenhando um papel cada vez mais importante em todos os setores da sociedade contemporânea, com múltiplas funções em campos que vão do econômico ao social. Na economia, as sedutoras formas culturais modelam a demanda dos consumidores e moldam um eumercadoria com valores consumistas (ibid.:29).

Dessa forma, nos intervalos comerciais dos programas, as crianças telespectadoras da nova série do *Sítio do Picapau Amarelo* são seduzidas mais uma vez pelos personagens agora transformados também em produtos pelas propagandas publicitárias. No comercial da sandália e do tamanquinho da Emília, por exemplo, além das imagens há o slogan: *Sandália e tamanquinho da Emília, da turminha do Sítio pra você*. Qual menina não gostaria de consumir esse produto?

⁸⁶ Dado retirado da reportagem: Da TV para as prateleiras (Revista Contigo – Edição nº 1513).

⁸⁷ "Ameaçado no Ibope pelo SBT, o infantil "*Sítio do Picapau Amarelo*", da Globo, sairá do ar neste mês e voltará em abril totalmente reformulado. O programa se afastará da obra original de Monteiro Lobato e passará a ter o formato de "soap opera", como a novela adolescente "Malhação". Agora, terá uma "temporada", de 180 capítulos, com trama que se desenrolará ao longo do ano. Os personagens de Monteiro Lobato continuarão. Mas nomes estranhos à obra entrarão para modernizar e agitar a trama. Emília, por exemplo, ganhará uma rival, a boneca Paty Pop, que se transformará em gente. O programa terá mais crianças e adultos e um novo núcleo adolescente. O arraial de Tucanos ganhará uma escola e uma rádio comunitária, que será tocada por uma adolescente órfã, Cléo. A mãe de Pedrinho e Narizinho finalmente aparecerá. Visconde de Sabugosa terá um laboratório. O novo "*Sítio*", que começa a ser gravado após o Carnaval, manterá a faceta de fantasia. Porém terá um lado mais realista, com personagens que representam situações verdadeiras de crianças e pré-adolescentes. Do atual elenco, saem Nicete Bruno (Dona Benta), que será substituída por Sueli Franco, e Dhu Moraes (Tia Nastácia). (Folha de São Paulo do dia 05 de fevereiro de 2005).

Qual não se sentiria mais feliz com um tamanquinho ou sandália da turminha do *Sítio* feitos especialmente para ela?

Assim como ocorre com os filmes produzidos pela *Walt Disney Corporation*, o novo *Sítio* (e seus personagens) foi estampado em uma série de produtos: material escolar, brinquedos, cadernos de receitas, diários, fitas VHS, CD's, DVD's, CD's-ROM, álbuns de figurinhas e até uma revista mensal⁸⁸. Milhões já foram e ainda serão ganhos pelas corporações empresariais que investem maciçamente sobre o consumismo infantil. Já faz bastante tempo que o entretenimento das crianças é alvo das organizações empresariais e que, dessa forma, passou-se a moldar os interesses infantis. Como destacou Steinberg (1997), as grandes corporações empresariais que anunciam a parafernália de consumo infantil promovem uma "teologia do consumo", estimulando, assim, a redenção e a felicidade através do ato de consumo. Crianças, jovens e também os adultos sentem-se infelizes quando não conseguem comprar algum produto tornado necessário por efeito das interpelações da mídia. O ato de consumo tornou-se para muitos um estilo de vida, sendo as crianças um dos principais alvos dessas interpelações nas sociedades ocidentais (atualmente isso está se estendendo ao oriente – veja-se a penetração da Coca-cola, McDonalds na China, Rússia...), nas quais as grandes corporações empresariais investem maciçamente no sentido de torná-las potenciais consumidoras. Como nos alerta Giroux (1995b), as identidades individuais e coletivas das crianças e dos/as jovens são amplamente moldadas, política e pedagogicamente em inúmeras produções culturais - na cultura visual popular dos videogames, da televisão, do cinema e até mesmo em locais de lazer como *shopping centers*⁸⁹ e parques de diversões. A mídia invade nossas vidas cotidianas, especialmente via TV e, como bem argumenta Steinberg (1997), “os padrões de consumo moldados pela publicidade empresarial fortalecem as instituições comerciais como os professores do novo milênio” (ibid.:102).

⁸⁸ A revista infantil *Sítio do Picapau Amarelo* é uma publicação mensal da Editora Globo. Sua primeira edição foi em julho de 2002. A mesma foi criada a partir do programa televisivo *Sítio do Picapau Amarelo* e é portanto apresentada pelos personagens da série que empresta seus cenários e fornece a maioria dos temas desenvolvidos nos artigos. A revista apresenta um caráter lúdico e didático bem como era a proposta dos livros de Monteiro Lobato dos quais o programa televisivo foi adaptado.

⁸⁹ Karyne Dias Coutinho, em sua Dissertação de Mestrado em Educação intitulada “Lugares de criança: *shopping centers* e o disciplinamento dos corpos infantis”, realizada na UFRGS, em 2002, discute os lugares que estão sendo destinados às crianças em *shopping centers*, especialmente no Iguatemi e Praia de Belas de Porto Alegre, RS.

Se pensarmos que crianças e jovens passam uma boa parte do dia na frente da tela da TV, aprendendo com ela e consumindo seus produtos, podemos dizer que a televisão e a publicidade não vendem apenas objetos materiais, vendem, também, representações ao associá-las às imagens socialmente desejáveis, assim como visões de mundo e estilos de vida.

A DICOTOMIA ALTA E BAIXA CULTURA – UMA DAS MARCAS DAS MUITAS VERSÕES DO *SÍTIO*

No Brasil, a partir do final do século passado, incluem-se entre estes fornecedores de matéria-prima da chamada cultura popular ex-escravos e seus descendentes que, à semelhança de Tia Nastácia e Tio Barnabé, como com justiça proclamava um *outdoor* da celebração do centenário da Abolição não tiveram carteira de trabalho assinada pela Princesa que abolira a escravidão... (Lajolo, 1999: 72).

"Recentemente, e num contexto mais próprio à "ciência social", a palavra "cultura" tem sido usada para se referir a tudo que seja distintivo com respeito ao "modo de vida" de um povo, comunidade, nação ou grupo social" (Hall, 1997a). Para o autor (ibid.) cultura é, também, luta por imposição de significados. "Ou seja, cultura tem a ver com "significados partilhados", significados esses que organizam e regulam as práticas sociais, influenciando condutas e tendo efeitos 'reais' e práticos sobre elas" (Hall, apud Wortmann, 2001c).

Lemert (1997) também nos apresenta um conceito de cultura com o qual os Estudos Culturais lidam, definindo cultura como um complexo de valores, regras, crenças, literaturas, artes, mídia, códigos penais, leis, idéias políticas e tantas outras produções através das quais uma sociedade ou qualquer grupo social representa suas visões de mundo da forma como seus membros acreditam que seja ou como deveria ser. Enfim, nesta acepção, cultura representa tudo o que é produzido pelo ser humano. Steinberg (1997) nos diz que as pessoas fazem cultura, mas que, ao

mesmo tempo, a cultura também faz as pessoas. Ou seja, ao mesmo tempo em que o ser humano produz a cultura, ele é, igualmente, produzido por ela, sendo esta uma dimensão que me ocupei constantemente em marcar nas análises que conduzi a partir da inserção que busco delas fazer nos Estudos Culturais.

Nesse sentido, uma das questões que cabe destacar, nas muitas versões já veiculadas do *Sítio do Picapau Amarelo*, diz respeito à atenção dada nesta nova série televisiva à intenção de divulgar informações consideradas como patrimônio da cultura universal. Como já referi, tal intenção também encaixa-se nos propósitos de Monteiro Lobato, como assinalaram vários de seus/suas comentadores/as. Mas meu interesse em marcar tal aspecto articula-se, especialmente, ao modo como os Estudos Culturais põem em questão a separação usualmente aceita entre “alta cultura” ou “cultura erudita” e “baixa” cultura ou “cultura popular”⁹⁰, aspecto destacado e questionado, especialmente, pelo chamado grupo instituidor desta área de estudos - Richard Hoggart, Raymond Williams e Edward Thompson.

Assim como na obra lobatiana, no programa televisivo também é possível observar que há, no *Sítio do Picapau Amarelo*, alguns personagens que detêm a chamada cultura erudita⁹¹. Dona Benta⁹² e o Visconde de Sabugosa⁹³, por exemplo, são também os personagens “cultos” do seriado; ela conta histórias da humanidade e ensina lições sobre física e geografia, e se expressa com falas eruditas entremeadas de termos científicos e de palavras difíceis. Dona Benta também detém o conhecimento/sabedoria que a experiência de vida – a velhice – conferiu-lhe e o Visconde é um sábio aficionado pela leitura. Ambos estão, portanto, autorizados a falar sobre a ‘cultura erudita’ de um modo geral. A avó fala de temas da “alta” cultura e os demais personagens da história atribuem a ela “sabedoria”. Ela e o boneco de sabugo sabem porque lêem os livros, conforme é referido em um dos diálogos trocados entre Narizinho, Pedrinho e Emília no episódio televisivo narrado a seguir.

⁹⁰ Hall (2003) nos coloca o quanto é difícil lidar com o termo “popular”, tão difícil quanto lidar com o termo “cultura”. Sendo assim, é difícil definir “cultura popular”. A cultura dominante, do bloco de poder cultural, define o que faz parte da cultura popular. Portanto, o que hoje é cultura dominante, amanhã poderá ser cultura popular e vice-versa (ibid.).

⁹¹ Hall (2003) afirma que o pós-moderno está deslocando a distinção entre erudito e popular.

⁹² “Quase sempre quem ensina é Dona Benta, a boa vovó, a vovó paciente, a vovó tolerante, a vovó acolhedora. Ela gosta de ensinar” (Barbosa, 1996:89).

⁹³ “Às vezes, é o Visconde de Sabugosa a pessoa que veicula os ensinamentos e informações. O Visconde, um sabugo que fala e acumula ciência, é uma criação extraordinária do gênio de Monteiro Lobato” (Barbosa, 1996:89).

Na viagem ao Reino das Águas Claras (capítulo 5 – série atual), Pedrinho questiona a existência de sereias. Emília diz que Dona Benta afirmou que não existem sereias. O menino diz que ela não tem como saber, já que nunca viajou ao fundo do mar. Narizinho diz que Dona Benta leu nos livros e que *nos livros está a ciência de tudo*. É assim que, reiteradas vezes, são feitas referências à importância da leitura para o conhecimento, especialmente do conhecimento erudito, aceito e legitimado pelos personagens do *Sítio*, porque está publicado nos livros e nas enciclopédias. Mas agora eles sabem, porque também pesquisam na *Internet*.

Já as falas de Tia Nastácia e do Tio Barnabé, como representantes da cultura popular, restringem-se aos “causos” e às histórias do folclore. Eles narram histórias do cotidiano e acreditam em histórias que existem na “cabeça do povo”. Aliás, Tia Nastácia trata de forma desconfiada as falas eruditas do boneco de sabugo de milho. Tia Nastácia e Tio Barnabé são negros, empregados e encarregados de funções domésticas. Talvez, por isso, é que eles só podem falar da cultura “do povo”, que não envolve letramento ou estudo. São os empregados, negros analfabetos, representantes do povo que aqui representam a diferença. Hall (1997c) afirma que é através da diferença que, muitas vezes, conseguimos a construção de significados; ou seja, a construção do significado também se dá através do diálogo com aqueles que usualmente são configurados como o “outro” – mulher, negro, estrangeiro, etc. Para o autor (ibid.), a cultura dá significado às coisas, classificando-as, sendo as oposições binárias cruciais, uma vez que para classificar precisamos estabelecer diferenças. “A marca da “diferença” é a base desta ordem simbólica que chamamos de cultura”. Portanto, “a “diferença” é fundamental para o significado cultural “(ibid.:8). No *Sítio do Picapau Amarelo*, o negro é representado como “o diferente”, “o outro”; o negro se mistura ao folclore e, ao mesmo tempo, ao que é nativo, ao que é primitivo, tal como destacou Hall (1997c). Esse autor nos diz que a identificação dos negros com a natureza simboliza “o primitivo”, “o selvagem”, em contraste com “o mundo civilizado”, “a civilização” (branca). E ele diz também, que todas estas representações culturais que estabelecem diferenças entre negros e brancos acabam sendo naturalizadas⁹⁴.

⁹⁴ Como Wortmann (2002) destacou no estudo referido, a naturalização de uma representação ocorre quando ela deixa de ser questionada e ganha um estatuto de verdade, simultaneamente ao apagamento da compreensão de que ela é criada em um discurso culturalmente impregnado. “A “naturalização” é, portanto, uma estratégia representacional destinada a *fixar* a “diferença” e assim

Nas diferentes histórias narradas, no *Sítio do Picapau Amarelo* há um constante jogo entre o que é referente à alta cultura e o que diz respeito à cultura popular (crendices, lendas, histórias do povo). Carvalho (2002) destaca que:

Caracterizando os dois principais adultos Dona Benta e Tia Nastácia carregam, respectivamente, traços dos saberes erudito e popular, exemplos de bom senso, que exercem a autoridade não pautada no exercício do poder, mas nas formas afetivas que permitem explicações e contrapontos para as histórias, um campo de aberturas que se transforma em atividades lúdicas para seus netos – Pedrinho e Narizinho, capturando para o contexto também a ação dos leitores. O Visconde de Sabugosa pensa, fala e raciocina cientificamente; usa de “palavras de cartola” (as palavras que se valem às conceituações da Ciência) para anteciper a explicação e a descoberta das coisas, como exemplo, descobrir a existência de poços de petróleo no Sítio, quando ninguém (com exceção de Monteiro Lobato) presumia tal possibilidade. Emília é a brilhante boneca de pano que passou à gatinha, diz sempre o que pensa, é cheia de verdades e vontades, artimanhas, intenções e intuições (ibid.:55).

Penso ser importante referir que o modo como os Estudos Culturais lidam com a cultura e o fato de lhe conferirem centralidade é que me levou a enxergar a existência deste jogo que implica a marcação de saberes e de diferentes sujeitos como detentores da alta ou da baixa cultura. Kellner (2001a) vê essa dicotomia como problemática e sugere sua substituição “por um modelo que tome a cultura como um espectro e que se aplique semelhantes métodos críticos a todas as produções culturais que vão desde a ópera até a música popular, desde a literatura modernista até as novelas” (ibid.:45). Enfim, para ele importa a realização de análises de qualquer tipo de produção cultural, pois tais análises indicam como se dá a constituição das características dos sujeitos e a valorização de determinados aspectos em detrimento de outros.

Como Steinberg (1997) destacou, a dicotomização entre alta e baixa cultura tem sido desconstruída de diferentes formas pelos Estudos Culturais, na medida em que tais estudos tentam examinar a diversidade das expressões e de ritmos artísticos, institucionais e comunicativos da sociedade, mesmo que freqüente e

garanti-la para sempre. É uma tentativa de impedir o “deslize” inevitável do significado, garantir o “fechamento” discursivo ou ideológico” (Hall, 1997c:15).

equivocadamente eles sejam equacionados, apenas, como o estudo da cultura popular. Na busca da referida desconstrução, Silva (1996) nos indica:

O que precisamos é de formas criativas, abertas e renovadas de pensar e desenvolver currículos que levem em conta esses novos mapas e configurações sociais – formas que superem os velhos binarismos da alta cultura vs. baixa cultura, cultura de elite vs. cultura de massa, iluminação vs. alienação, intelectualismo vs. mistificação... (Silva, 1996).

Conforme já referido nesta dissertação, hoje, mais do que nunca, a educação ocorre numa infinidade de lugares, que incluem a escola, mas não se limitam a ela. Portanto, são indispensáveis as discussões sobre o currículo cultural⁹⁵, pois “a formação de nossas identidades, bem como dos processos de relações que estabelecemos com o mundo social e natural se dá, cada vez mais, para além dos muros escolares” (Amaral, 2000:149).

A NATUREZA – AMEAÇADORA OU AMEAÇADA?

Não resta dúvida de que a capacidade para agir é a mais perigosa de todas as aptidões e possibilidades humanas, e é também indubitável que os riscos autogerados com que se depara hoje a humanidade jamais foram deparados anteriormente. Considerações como essas em absoluto se propõem a oferecer soluções ou dar conselhos. Na melhor das hipóteses, elas poderiam encorajar uma reflexão detida e aprofundada acerca da natureza e das potencialidades intrínsecas da ação, que jamais revelou tão abertamente sua grandeza e seus perigos (Hannah Arendt, 1972:95)

Na vertente de estudos que assumi, as representações de natureza são entendidas como produzidas/construídas em um processo histórico e cultural, apresentado através dos diferentes discursos da nossa cultura, inclusive através dos

⁹⁵ O termo currículo cultural está aqui sendo usado de forma metafórica.

meios de comunicação de massa, tais como a televisão. Dessa forma, tais representações precisam ser vistas como instituídas no jogo por imposição de significados que anteriormente referi (Hall, 1997a e b), o qual inclui processos que não se esgotam na contemporaneidade. Em muitas instâncias tem sido reiteradamente marcada a necessidade de repensar-se as relações que os seres humanos têm estabelecido com a natureza. Assim, o *Sítio do Picapau Amarelo*, visto como uma pedagogia cultural, também tem se prestado a esse fim.

Como a natureza está representada nesta série televisiva e nos vídeos que colocam tal série em circulação? Penso ser possível afirmar que a natureza é representada no *Sítio do Picapau Amarelo* através de oposições binárias, tais como as que a configuram ora como ameaçadora ora como ameaçada; ora como útil, ora como nociva. Assim, então, ora a natureza representa perigo e ameaça⁹⁶ – a floresta/a mata é perigosa, é o local onde vivem as criaturas do mal – bruxas, sacis, mulas-sem-cabeça, lobisomens, curupiras; ora precisa ser preservada – está ameaçada pelo “bicho homem” que a destrói, causa desequilíbrios ecológicos, extingue espécies animais.

O apelo ecológico é bastante característico nos vídeos analisados, principalmente em *As caçadas de Pedrinho*. Ao que parece, as preocupações com as questões ambientais não se faziam presentes na literatura da coleção *Sítio do Picapau Amarelo*, e esta é uma problemática que ganha este sentido bem mais recentemente. Nos livros, nos quais se inspiraram os episódios relativos às análises conduzidas⁹⁷, a natureza apresenta-se como uma ameaça e as posições utilitaristas são bem freqüentes, embora Ana Maria Dischinger Marshall (2000) afirme que Monteiro Lobato, tal como fazem os ecologistas de hoje, revolta-se em sua obra com as queimadas indiscriminadas de matas, derrubadas de árvores e demais ataques ao meio ambiente. Não deixa de ser, de certa forma surpreendente, encontrar-se na literatura lobatiana uma discussão veemente de tal prática, pois as discussões mundiais sobre Educação Ambiental iniciaram-se a partir dos anos setenta, sendo que no Brasil, conforme Mauro Guimarães (2000), essas intensificaram-se em

⁹⁶ Carvalho (2004) afirma que a visão de natureza como selvagem, ameaçadora foi estabelecida sobre a crença de que o progresso humano era medido por sua capacidade de dominar o mundo natural.

⁹⁷ *O Saci, Caçadas de Pedrinho e O poço de Visconde*.

meados da década de 1980, quando foi produzido um maior número de trabalhos, artigos e ensaios sobre o assunto.

Nos vídeos, ao mesmo tempo em que se utiliza um discurso que pode ser associado a preocupações com a problemática ambiental, é posto, também, em circulação, um outro discurso que representa a natureza de modo utilitarista e antropocêntrico – é dela que o ser humano retira tudo o que precisa para sobreviver. Assim, exclui-se o humano da natureza, ao deixá-lo à parte dela. Reafirmam-se, também neste discurso, os “poderes” (plenos), que o homem detém sobre a natureza, ao destacar-se, especialmente, a utilidade que essa tem para ele. No caso da situação “A utilidade do rinoceronte africano” do Vídeo: *As caçadas de Pedrinho*, por exemplo, afirma-se que a única utilidade reconhecida do rinoceronte para os seres humanos é a sua pele; e na situação “A ruga da Cuca” do Vídeo: *O poço de Visconde*, a Cuca retira da natureza todos os ingredientes de que precisa para seus feitiços. Na situação “Pressão na Cuca” do Vídeo: *O Saci, Saci e Pedrinho cortam cipó da mata para amarrar a Cuca*.

Cabe destacar também, as representações de natureza no *Sítio* de Dona Benta. Wortmann (2004), em seus estudos sobre representações de natureza na literatura infantil, destaca o modo como o *Sítio* está representado em dois diferentes livros de Monteiro Lobato: *Reinações de Narizinho* e *O Saci*. Nas *Reinações de Narizinho*, segundo a autora (ibid.), o *Sítio* foi representado como um local ermo, um mato, um grotão, permitindo assim que Narizinho (neta de Dona Benta) possa nele “levar uma vida privilegiada que lhe permite conviver intensa e intimamente com a natureza” (ibid.:7). Já em *O Saci*, segundo a mesma autora (ibid.), Lobato enfatiza a beleza do *Sítio* e, especialmente, do local que circunda a casa nele localizada. Segundo esta autora (ibid.), no texto também estão extensamente listadas as árvores e os pássaros que viviam naquela particular paisagem brasileira.

O sítio da televisão nada se parece com um grotão, muito pelo contrário. Na série televisiva, encontramos um sítio ‘rural’, completamente urbanizado e uma natureza nada “natural”⁹⁸. Ao redor da casa de Dona Benta, há um enorme jardim gramado, com canteiros, calçadas e um laguinho com patinhos. A horta localiza-se

em um espaço cercado e apresenta passeios grandes entre os canteiros; apresenta enormes repolhos e é toda “limpinha”⁹⁹, isto é, livre de ervas daninhas e parasitas. Os estábulos são bem acabados, limpos e organizados. A casa tem todo o conforto da cidade, não faltando nenhum móvel ou eletrodoméstico. A tecnologia também chegou ao *Sítio do Picapau Amarelo*, que agora tem computador com *Internet* e forno de microondas. Já não se permite a entrada de animais na cozinha do sítio como nos livros e na série antiga da mesma rede de televisão, nem mesmo do Marquês de Rabicó, do Conselheiro e do Quindim, os personagens animais do programa. É interessante mostrar, também, que, em um dos capítulos, Tia Nastácia, manda Rabicó para o chiqueiro comer comida de porco, argumentando, porco é porco, gente é gente. Pergunto: Será este um novo modo de ser rural? Um rural marcado pela urbanização, um rural limpo e organizado. Enfim um novo rural que se torna aceitável porque está transformado? Será que é este o campo que deve ser preservado? Sarlo (1997) destaca que, atualmente, os meios de comunicação de massa, através da transmissão eletrônica de sinais e sons, aproximaram a cidade do mundo rural, e sincronizaram seus tempos. Efetivamente, tudo isto chegou ao *Sítio* do ano 2000.

Algumas reflexões sobre o processo constitutivo das representações de natureza

O antropocentrismo¹⁰⁰ – enquanto idéia que postula posicionar o ser humano como centro de todas as coisas – foi-se instituindo através de um longo processo histórico. Jussemar Weiss Gonçalves (2002) afirma que o mundo vegetal sempre foi a fonte de alimentos, combustível e elementos necessários à vida do homem. “O

⁹⁸ Williams (1989) nos diz que a idéia de campo (rural) tende à tradição e aos costumes humanos e naturais, enquanto a idéia de cidade (urbano) tende ao progresso, à modernização e ao desenvolvimento.

⁹⁹ Zygmunt Bauman (1998) coloca a pureza/a limpeza/a ordem como características próprias a Modernidade.

¹⁰⁰ Santos (2000) acrescenta que o que chamamos de antropocentrismo, as feministas chamam de falocentrismo.

ocidente, nos séculos XVI, XVII¹⁰¹ e XVIII¹⁰² encontrava-se em franca dependência dos recursos naturais, fosse para o trabalho, fosse para alimentar, vestir, transportar e mesmo curar os homens” (ibid.:6). Para o autor, o nascimento das ciências teve o objetivo de dominar a natureza nos princípios da história natural, já que esta se colocava a partir de uma visão de teor prático e utilitário. O mundo surgia, agora, dividido em dois: o mundo da natureza e o mundo dos homens, para onde a natureza colocava-se como um grande laboratório a partir do qual a humanidade construiria as soluções necessárias a uma vida coletiva, vivida fora da “natureza” (ibid.). Para José Lutzenberg¹⁰³, a perda da nossa relação com a natureza é uma das raízes espirituais da destruição da natureza, que hoje está em curso. Portanto, o afastamento do ser humano da natureza ocasionou a degradação do ambiente e, conseqüentemente, uma crise ambiental planetária que, conforme Guimarães (2000), assinala, igualmente, uma crise na civilização. Kheith Thomas (1989) afirma que “civilização humana” e conquista da natureza são expressões virtualmente sinônimas, visto que todo o desbravamento do planeta deu-se em nome do progresso de nossa civilização.

Conforme Thomas (1989), o domínio dos seres humanos sobre a natureza faz parte da nossa história da civilização. O predomínio sobre o mundo vegetal e animal é uma condição básica da história da humanidade e tem lugar central no plano divino (ibid.). O autor também destaca que os teólogos e os intelectuais apelavam prontamente para os filósofos clássicos e para a Bíblia para justificarem que o mundo fora criado para o bem dos seres humanos e, então, as demais espécies “não-humanas” deveriam se subordinar a seus desejos e necessidades. A Bíblia Sagrada, livro que orienta as culturas cristãs e também a judaica, aponta, já em seu primeiro livro, que tudo que foi criado por Deus é para a dominação do homem. Lá está dito:

¹⁰¹ Arendt (1972) apresenta como características dos séculos XVI e XVII ainda vivas e presentes em nosso próprio mundo, a alienação do homem frente ao mundo, porque dela, “surgiu a tremenda estrutura do edifício humano em que hoje vivemos e em cujo âmbito descobrimos até mesmo os meios de destruí-lo juntamente com todas as coisas não-produzidas-pelo-homem existentes sobre a terra” (ibid.:84).

¹⁰² Foi nesse século que a humanidade foi inventada, ela “é uma invenção do século XVIII” (Elias, 1993: 9). Nos livros: *O processo civilizador: uma história dos costumes* e *O processo civilizador: formação do Estado e civilização*, o autor (ibid.) rompe com a idéia de uma natureza (humana) já dada.

¹⁰³ Citado por Thomas Kesselring (2000).

Deus disse: Façamos o Homem a nossa imagem e semelhança, e que ele domine sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todas as feras e todos os répteis que rastejam sobre a terra (Gênesis 26: 28).

Nessa afirmativa, a espécie humana está colocada no centro de todas as coisas, no centro do mundo. Essa é a ética antropocêntrica que pode ser associada, segundo Grün (1996), às principais causas da degradação ambiental. O autor (ibid.) também refere que, ao contrário do que usualmente pensamos, essa ética não é algo tão novo e nem, tampouco, uma criação exclusiva de Descartes. Corroborando o que está afirmado por Thomas (1989), Grün (ibid.) afirma que há na Bíblia muitas passagens esclarecedoras acerca das raízes antropocêntricas do pensamento ocidental.

A partir de considerações como estas, pode-se, então, dizer que os fundamentos teológicos e a “moral” que estes instituem têm fornecido alicerces para justificar a dominação do indivíduo sobre todas as coisas, ocorrendo, inclusive, do ser humano procurar utilidades nos animais existentes para justificar a sua criação¹⁰⁴. Para Thomas (1989), a questão não é, no entanto, determinar se o cristianismo era ou não antropocêntrico, mas sim marcar que, no início do período moderno, seus principais expoentes ingleses, os pregadores e comendadores, os quais tinham inegável influência sobre os costumes assumidos na época, sem dúvida, o foram.

Thomas (ibid.) também destaca a importância da forma como os cientistas lidam/lidavam com a exploração do mundo natural na instituição dos modos de com ele lidar. Os cientistas do século XVII tinham como ideal o controle da natureza, sendo seu propósito maior estudar o mundo natural para geri-lo e utilizá-lo para servir à vida humana (ibid.). Como o autor destaca: “a motivação inicial para o estudo da história natural foi de teor prático e utilitário” (33) e seu surgimento deu origem às Ciências Biológicas, as quais também contribuíram de forma significativa

¹⁰⁴ Thomas (1989) cita o elisabetano George Owen para ilustrar como isso se processava. Owen indicava que a lagosta servia para vários fins - como alimento (o ser humano podia comer a sua carne), como exercício (o sujeito para comê-la precisa, primeiro, quebrar suas patas) e como objeto de contemplação (era possível apreciar sua magnífica carapaça).

para a instituição desta visão do homem como centro de todas as coisas. Ou seja, este domínio sobre a natureza era o ideal conscientemente proclamado pelos primeiros cientistas modernos (Gonçalves, 2002). “A natureza foi instituída como um objeto passivo de conhecimento pelo sujeito humano, soberano e condutor desse processo cognitivo” (Carvalho, 2004:116).

Segundo Gonçalves (ibid.), foi com Descartes que se processou de uma vez por todas a separação entre o homem e a natureza. Grün (1996) também afirma que o cartesiano configurou o dualismo entre o sujeito (homem) e o objeto (natureza). Na mesma direção, Luc Ferry (1994) ressalta que o cartesiano empenhou-se em fazer dos homens, os 'senhores e possuidores da natureza', o que também é afirmado por Kesselring (2000) ao destacar que “a divisão cartesiana do mundo em duas partes – a *res extensa* (mundo dos corpos materiais) e a *res cogitans* (mundo do pensamento) – é sintomática da cisão entre o Homem e a Natureza” (ibid.:161).

Como já referi, alguns têm buscado apoio na religião para justificar o domínio dos humanos sobre os outros seres vivos e sobre a natureza, e outros na ciência, sendo, então, que, concomitantemente, o discurso da ciência e o da religião tem configurado o ambiente natural a partir de uma visão utilitarista, onde tudo o que existe pode ser usado com algum propósito específico pelo ser humano. Enfim, cabe destacar que a afirmação da superioridade e dominação humanas em relação à natureza deu-se ao longo da história, incidindo na construção de representações de natureza, nas quais essa é apresentada como tendo um único fim, servir ao homem¹⁰⁵. Portanto, as representações de natureza presentes na série televisiva refletem algumas das múltiplas representações instituídas no decorrer dos processos históricos nas sociedades humanas.

Especialmente as visões antropocêntricas e as representações utilitaristas de natureza têm sido muitas vezes vinculadas à instauração do que tem sido referido como sendo uma crise ambiental planetária. Amaral (1997) nos diz que esta crise ambiental, além de soluções técnicas ou epistemológicas, requer o reconhecimento de que a construção de um novo olhar e de uma nova atitude em relação à natureza passa pela desconstrução de representações hegemônicas de natureza, “que

¹⁰⁵ Estou me referindo à espécie humana.

continuam a nos oferecer uma natureza objeto, uma natureza sujeita à exploração e dominação humana em nome do desenvolvimento tecnológico e cultural de uma sociedade” (ibid.:95-96). Precisamos repensar o que está posto e tentar escapar destas visões, vendo possibilidades de outros olhares sobre a natureza, “sem atribuir-lhe ações, sentimentos ou intenções humanas, nocividade ou utilidade, beleza ou feiúra, na medida em que isso for possível (Santos, 2000: 14).

CAPÍTULO VI – ALGUMAS (BREVES) CONSIDERAÇÕES FINAIS

"Talvez não tenhamos conseguido fazer o melhor, mas lutamos para que o melhor fosse feito... Não somos o que deveríamos ser, não somos o que iremos ser, mas, graças a Deus, não somos o que éramos" (Martin Luther King).

É também com prazer que finalizo o meu trabalho de pesquisa como mestrandia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Minha preocupação, ao estruturar a escrita destas considerações finais, foi traçar, ainda que apressadamente, alguns aprendizados a partir dos referenciais teóricos dos Estudos Culturais.

Mesmo não tendo passado ainda pela experiência da maternidade, sinto-me em trabalho de parto. Este é um momento de dor e, ao mesmo tempo, de alegria. É chegada a hora do ponto final. O tão esperado ensejo de finalizar a dissertação, mesmo acreditando que a sua escrita não se encerra. Penso que, apesar de todo o esforço, de todo o trabalho, sempre ficam lacunas, sempre haverá o que ser dito e, como nos diz Kellner (2001a), a leitura de um texto é apenas uma leitura a partir de uma posição crítica que pode, ou não, ser a leitura preferida pelo público. Outros modos de pensamento, outras possibilidades de análise virão, mesmo porque, a televisão possibilita leituras idiossincráticas, isto é, apresenta uma gama de leituras possíveis, que diferem muito de indivíduo para indivíduo (James Curran, 1998). Mas a criança precisa nascer...

E nasce, porém, um tempo depois do previsto, devido aos erros e acertos no caminho. A mãe nunca mais será a mesma. Reflito sobre as minhas primeiras aulas de “introdução” aos Estudos Culturais: uma recém bióloga, sentada, quieta, ouvindo muito assustada a tudo, nem ousando participar das discussões. Sentia que o chão havia sido retirado dos meus pés, sem ter outro onde eu pudesse pisar. Não havia

mais verdades e realidades incontestes. Tudo estava “sob rasura”¹⁰⁶ e, ao invés de respostas, encontrava mais e mais perguntas. Dessa forma, fui “introduzida” nessa linha de pesquisa e também foi onde se iniciou um processo de (des)construção da minha própria identidade.

A partir da consideração de que o processo educativo acontece em diferentes locais, portanto não se limita à escola, e de que as pedagogias culturais têm efeitos educativos na construção das representações de mundo e nos modos de ser sujeito, como professora, passei a refletir sobre o planejamento das minhas aulas. Procurei, sempre que possível, problematizar as orientações de trabalho que vinha seguindo na direção das discussões que vinha fazendo, o que interferiu nas minhas opções de abordagens e de temas a serem explorados e discutidos.

Na pesquisadora, permaneceu o interesse pela Educação Ambiental. Propus-me, portanto, a trabalhar na direção de desconstruir/desnaturalizar as representações de natureza e outras que a ela podem ser articuladas em uma leitura da série televisiva *Sítio do Picapau Amarelo*. No estudo, busquei discutir o que tem sido, muitas vezes, indicado como sendo representações hegemônicas de natureza, bem como formas preferenciais de se lidar com ela, destacando que essas são construídas em um processo histórico e cultural. Procurei destacar, ainda, que buscar desconstruir (e, talvez, operar algumas reconstruções) tais representações talvez permitam colocar em jogo significados menos antropocêntricos e utilitaristas quanto aqueles que indico estarem presentes nas narrativas que integram os episódios desta série televisiva. Grün (1996) acredita que os processos objetificantes promovidos e sustentados pela ética antropocêntrica do racionalismo moderno necessitam de uma crítica radical e permanente. Ele também afirma que a dicotomia entre sujeito e objeto precisa ser repensada, “só assim, porém, teríamos condições de pensar e compreender as questões ambientais em uma base conceitual não antropocêntrica (ou ao menos não tão antropocêntrica) e não-redundante” (ibid.:57). De certa forma, essa foi uma preocupação que me acompanhou na feitura do trabalho, pois essa é uma das importantes discussões conduzidas a respeito de

¹⁰⁶ Conforme Hall (2000), a perspectiva desconstrutivista coloca determinados conceitos-chave para os Estudos Culturais “sob rasura”. Entre esses estão, por exemplo, identidade e representação, dos quais me vali nesta dissertação. “O sinal de rasura (X) indica que eles não servem mais – não são mais “bons para pensar” – em sua forma original, não reconstruída” (ibid.:104).

Educação Ambiental contemporaneamente. Outro aspecto a salientar diz respeito a ter passado a encarar de uma outra forma o maquiavelismo, a conspiração que muitos indicam existir por detrás dos meios de comunicação de massa, especialmente da televisão. Na perspectiva dos Estudos Culturais, não se postula a existência de uma trama arquitetada na direção de moldar as identidades dos sujeitos, uma vez que as pedagogias e seus discursos estabelecem-se através de “jogos de poder” no qual há disputas na produção de significados. Tal processo não pode ser visto, então, de uma forma simplista e determinista.

A série televisiva *Sítio do Picapau Amarelo* – uma produção cultural – está, portanto, inscrita numa dinâmica de poder e atua na constituição de identidades a partir das representações culturais que veicula. Neste sentido, indiquei alguns significados e confrontei-os com significados enunciados em textos mais acadêmicos que falam de Educação Ambiental, bem como com as análises conduzidas por outros integrantes de nosso grupo de estudos que têm estudado a natureza em outras instâncias da cultura – na literatura de viagem (Leandro Belinasso Guimarães), na literatura infanto-juvenil (Maria Lucia Wortmann), nas propagandas publicitárias (Marise Basso Amaral), nos filmes da Disney (Eunice Aita Isaia Kindel), nas revistas (Ingrid Strelow-Lima) e nos textos dedicados a professores no século XIX (Maria Cecília Braun). Mesmo que tenha centrado a minha pesquisa em uma análise textual – ou seja, tenha feito a leitura desta série (e dos vídeos que a colocam em circulação) como um texto, o que tem sido criticado especialmente pelos autores que assumiram a virada etnográfica nos estudos de recepção –, o esforço que fiz na direção de transitar nas obras de Monteiro Lobato e nas outras séries televisivas, valendo-me igualmente de análises feitas pelos comentadores da obra de Lobato, foi na direção de escapar do que foi referido, por exemplo, por Joli Jensen & John J. Pauly (1997), como o aprisionamento das análises textuais.

Como último aspecto a considerar com relação ao desenvolvimento deste estudo, destaco as mudanças pessoais e de minhas práticas educativas, ocorridas ao longo do processo, que implicou a escrita desta dissertação. Se as leituras, discussões e estudos foram importantes na sua feitura, elas foram, talvez, até mais importantes na direção de operar tais mudanças. Hoje, não consigo mais ver os muitos artefatos da cultura aos quais temos acesso sem enxergá-los com as lentes teóricas dos Estudos Culturais, sem vê-los como pedagogias culturais, operando na

construção de “verdades” e interferindo na instituição de identidades. Talvez o efeito maior sobre mim, ocorrido nessa direção, tenha sido o de me levar a perder a ‘ingenuidade’ do olhar, ao mesmo tempo em que se ampliou meu entendimento do educativo, que passei a ver como não mais restrito à dimensão da sala de aula e da escola, mas se estendendo a muitas situações e práticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Milton José de. *Imagens e sons: a nova cultura oral*. São Paulo: Cortez, 1994.

AMARAL, Marise Basso. Natureza e representação na pedagogia da publicidade. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). *Estudos Culturais em Educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...* Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.

_____. (Tele)natureza e a construção do natural: um olhar sobre a imagem de natureza na publicidade. In: OLIVEIRA, D. L. (Org.). *Ciências nas salas de aula*. Porto Alegre: Meditação, 1997.

AMODEO, Maria Tereza. Literatura infantil e televisão: Que Sítio é este? In: JACOBI, Sissa (org.). *A criança e a produção cultural*. Porto Alegre: Mercado Aberto: 2003.

ARENDT, Hannah. *La crise de la culture*. Paris: Gallimard, 1972.

BARBOSA, Alaor. *O ficcionista Monteiro Lobato*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

CAMPOS, André Luiz Vieira de. *A república do Picapau Amarelo: uma leitura de Monteiro Lobato*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. *Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico*. São Paulo: Cortez, 2004.

CARVALHO, Fabiana Aparecida de. *Outros... com textos e passagens : traços biológicos em obras de Monteiro Lobato*. Campinas (SP): IEL/UNICAMP, 2002. (Dissertação de Mestrado)

COSTA, Marisa Vorraber. Ensinando a dividir o mundo – as perversas lições de um programa de TV. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro, ANPEd, n. 20, ab./mai./jun. 2002.

COUTINHO, Karyne Dias. *Lugares de criança: shopping centers e o disciplinamento dos corpos infantis*. Porto Alegre: PPGEDU/UFRGS, 2002. (Dissertação de Mestrado)

CURRAN, James. El nuevo revisionismo em los estúdios de comunicación: una reevaluación.. In: CURRAN, James; MORLEY, David; WALKERDINE, Valerie. *Estudios Culturales y comunicación*. Barcelona: Ediciones Piados Ibérica, S.A., 1998.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. 'Tradução por Ruy Jungmann'. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. v.2

_____. *O processo civilizador: formação do Estado e civilização*. 'Tradução por Ruy Jungmann'. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990. v.1

ELLSWORTH, Elisabeth. Modo de endereçamento: uma coisa de cinema. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Nunca fomos humanos – nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FERREIRA, Maira. *O cotidiano, o meio ambiente e nacionalismo constituindo ações educativas de uma empresa estatal*. Porto Alegre: PPGEDU/UFRGS, 2002. (Dissertação de Mestrado)

FERRY, Luc. *A nova ordem ecológica: a árvore, o animal, o homem*. 'Tradução por Álvaro Cabral'. São Paulo: Editora Ensaio, 1994.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Televisão & Educação: fruir e pensar a TV*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

GIROUX, Henry. *Atos impuros: a prática política dos estudos culturais*. 'Tradução por Ronaldo Cataldo Costa'. Porto Alegre: Artmed, 2003.

_____. Os filmes da Disney são bons para seus filhos? In: STEINBERG, Shirley (Org.) *Cultura Infantil – A construção corporativa da infância*. 'Tradução por George Eduardo Bricio'. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

_____. Praticando Estudos Culturais nas Faculdades de Educação. In: SILVA, Tomaz T. (Org.). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos Estudos Culturais em Educação*. Petrópolis: Vozes, 1995a.

_____. A Disneyzação da cultura infantil. In: Silva, T. T.; MOREIRA, M. A. (Org.). *Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais*. Petrópolis: Vozes. 1995b.

GIROUX, Henri; MCLAREN, Peter. Por uma pedagogia crítica da representação. In: Silva, T. T.; MOREIRA, M. A. (Org.). *Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais*. Petrópolis: Vozes. 1995.

GONÇALVES, Jussemar Weiss (jweiss@plug-in.com.br). *A Civilização Moderna, Individualismo e Natureza*. 28 de outubro de 2002. Enviado às 17 h e 14 min. Mensagem para: Cristiane Fensterseifer (cris.eds@terra.com.br - Aluna da disciplina "História da Idéia de Natureza e de Educação na Modernidade" do Mestrado em Educação Ambiental da Fundação Universidade Federal de Rio Grande - FURG).

GRÜN, Mauro. *Ética e Educação Ambiental: A conexão necessária*. 2ª ed. Campinas (SP): Papirus, 1996.

_____. *A outridade da natureza na Educação Ambiental*. Itajaí: 27ª Reunião Anual da ANPEd. Disponível em <http://www.cehcom.univali.br/geea22/arquivos/grun_mau ro.pdf>. Acesso em: 4 março de 2005.

GUIMARÃES, Mauro. *Educação Ambiental*. Duque de Caxias: UNIGRANRIO Editora, 2000.

HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. 'Tradução por Adelaide La Guardiã Resende, Ana Carolina Escosteguy, Cláudia Álvares, Francisco Rüdger e Sayonara Amaral'. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

_____. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

_____. The work of representation. In: HALL, Stuart. *Representation. Cultural Representations and Signifying Practises*. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage, 1997a.

_____. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções do nosso tempo. *Educação e Realidade*. Porto Alegre: UFRGS/FACED, v. 2, n.22, jul./dez. 1997b.

_____. The spectacle of the 'other'. In: HALL, Stuart. *Representation. Cultural Representations and Signifying Practises*. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage, 1997c.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Estudios Culturales y lo emergente em la educación*. Cuadernos de Pedagogia. Barcelona: Praxis, n. 285, noviembre. 1999.

HILTY, Eleanor Blair. De Vila Sésamo a Barney e seus amigos: a televisão como professora. In: STEINBERG, Shirley (Org.) *Cultura Infantil – A construção corporativa da infância*. 'Tradução por George Eduardo Bricio'. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

JENSEN, Joli & PAULY, John J. Imagining the Audience: Losses and Gains in Cultural Studies. IN: FERGUSON, Marjorie & GOLDING, Peter (ORGS). *Cultural Studies in Question*. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage, 1997.

KELLNER, Douglas. *A Cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e pós-moderno*. 'Tradução por Ivone Castilho Benedetti'. Bauru (SP): EDUSC, 2001a.

_____. Beavis e Butt-Head: sem futuro para a juventude pós-moderna. In: STEINBERG, Shirley (Org.) *Cultura Infantil – A construção corporativa da infância*. 'Tradução por George Eduardo Bricio'. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001b.

_____. Lendo imagens criticamente: em direção a uma pedagogia pós-moderna. In: SILVA, Tomaz T. (Org.). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos Estudos Culturais em Educação*. Petrópolis: Vozes, 1995.

KESSELRING, Thomas. O conceito de Natureza na História o pensamento ocidental. *Episteme*. Porto Alegre: ILEA/UFRGS, n. 11, jul./dez. 2000.

KINCHELOE, Joe L. McDonald's, poder e criança: Ronald McDonald faz tudo por você. In: SILVA, Luiz Heron da; SANTOS, Edmilson Santos dos. *Identidade Social e a Construção do Conhecimento*. Porto Alegre: Ed. Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre – Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1997.

KINDEL, Eunice Aita Isaia. *A natureza no desenho animado ensinando sobre homem, mulher, raça, etnias e outras coisas mais...* Porto Alegre: Programa de Pós-graduação em Educação da UFRGS, 2003. (Tese de doutorado).

LAJOLO, Marisa. Negros e negras em Monteiro Lobato. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira [et. al.]. *Lendo e escrevendo Lobato*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. *Monteiro Lobato: a modernidade do contra*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

LEMERT, Charles. *Postmodernism is not what you think*. Malden: Blackwell Publishers, 1997.

LENOIR, Thimoty. A ciência produzindo a natureza: o museu de história naturalizada. *Episteme*. Porto Alegre: ILEA/UFRGS, n. 4, jul./dez. 1997.

LOBATO, Monteiro. *O Saci*. 14ª reimpressão da 56ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. *Os espíões de Emília: fragmento do Caçadas de Pedrinho*. 4ª reimpressão da 1ª ed. de 1987. São Paulo: Brasiliense, 1995.

_____. *O poço do Visconde*. 21ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero: questões para Educação. In: BRUSCHINI, Cristina; UNBEHAUM, Sandra (orgs.). *Gênero, democracia e sociedade brasileira*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas e Editora 34, 2002.

_____. *Corpo, escola e identidade. Educação e Realidade*. Porto Alegre: UFRGS/FACED, v. 25, n. 2, jul./dez. 2000.

MARSHALL, Ana Maria Dischinger. *Relendo Monteiro Lobato: representações de linguagem em cenários da lingüística, da literatura e do ensino*. Porto Alegre (RS): UFRGS, 2000. (Dissertação de Mestrado)

MEYER, Dagmar Estermann. Escola, currículo e produção de diferenças e desigualdades de gênero. *Cadernos temáticos: Gênero, memória e docência*. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Secretaria Municipal de Porto Alegre, 2001.

NELSON, Cary, TREICHLER, Paula A., GROSSBERG, Lawrence. Estudos Culturais: Uma Introdução. In: SILVA, Tomaz T. (Org.). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos Estudos Culturais em Educação*. Petrópolis: Vozes, 1995.

PENTEADO, José Roberto Whitaker. *Os filhos de Lobato: o imaginário infantil na ideologia do adulto*. Rio de Janeiro: Dunya/Qualitymark, 1997.

PIGNATARI, Décio. O paleolhar da televisão. In: NOVAES, Adauto (org.). *O Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

PINHEIRO, Najara Ferrari. A noção de gênero para análise de textos midiáticos. In: MEURER, José Luiz; MOTTA-ROTH, Désirée (orgs.). *Gêneros textuais*. Bauru (SP): EDUSC, 2002.

PUCCI, Bruno. Teoria Crítica e Educação. In: _____ (org.). *Teoria crítica e educação: a questão da formação cultural na Escola de Frankfurt*. Petrópolis, RJ: Vozes; São Carlos, SP: EDUFISCAR, 1994.

SANDRONI, Laura. De Lobato à década de 1970. In: SERRA, Elizabeth D'Angelo (org.). *30 anos de literatura para jovens e crianças: algumas leituras*. Campinas (SP): Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1998.

SANT'ANNA, Denise. As infinitas descobertas do corpo. *Cadernos Pagu*. Campinas, n. 14, 2000.

SANTOS, Luís Henrique S. Tem alguma utilidade estudar a utilidade dos seres vivos. In: _____ (org.). *Biologia dentro e fora da escola: meio ambiente, estudos culturais e outras questões*. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

_____. "Um pretinho mais clarinho..." ou dos discursos que se dobram nos corpos produzindo o que somos. *Educação e Realidade*. Porto Alegre: UFRGS/FACED, v. 22, n. 2, jul./dez. 1997.

SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina*. 'Tradução por Sérgio Alcides'. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

SILVA, Tomaz T. Os Novos Mapas Culturais numa Paisagem Pós-Moderna. In: _____. *Identidades Terminais*. Petrópolis: Vozes, 1996.

STEINBERG, Shirley R. Kindercultura: a construção da infância pelas grandes corporações. In: SILVA, Luiz H. et al. *Identidade social e a construção do conhecimento*. Porto Alegre: PMPA/SMED, 1997.

TURNER, Graeme. *Cinema como prática social*. 'Tradução de Mauro Silva'. São Paulo: Summus, 1997.

THOMAS, Kheith. *O homem e o mundo natural*. São Paulo: CIA das Letras, 1989.

VEIGA-NETO, Alfredo. Michel Foucault e os Estudos Culturais. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). *Estudos Culturais em Educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...* Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.

VIEIRA, Adriana Silene. *"Um inglês no sítio de Dona Benta": estudo da apropriação de Peter Pan na obra infantil lobatiana*. Campinas (SP): UNICAMP, 1998. (Dissertação de Mestrado)

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. 'Tradução por Paulo Henrique Brito'. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. A natureza na literatura infanto-juvenil. In: V ANPED SUL, 2004, Curitiba. Anais da V ANPEd Sul. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2004. CD-ROM.

_____. Dos *riscos* e dos *ganhos* de transitar nas *fronteiras* dos saberes. In: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel (Orgs.). *Caminhos Investigativos III*. Riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. (no prelo)

_____. Uma leitura da ciência (e também da natureza) a partir da literatura infantil. In: I SEMINÁRIO PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO, SABERES E FORMAÇÃO DOCENTE; XIV CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 2002. Campinas. Anais do I Seminário Produção de Conhecimento, Saberes e Formação Docente; XIV Congresso de Leitura do Brasil. Campinas: UNICAMP, 2002a.

_____. Sujeitos estranhos, distraídos, curiosos, inventivos, mas também éticos, confiáveis, desprendidos e abnegados: Professores de ciência e cientistas na literatura infanto-juvenil, In: SILVEIRA, Rosa Maria Hessel (org.). *Professoras que as histórias contam*. Rio de Janeiro: DP & A, 2002b.

_____. Da inexistência de um discurso unitário para falar de natureza. In: SCHIMIDT, Sarai (org.). *A educação em tempos de globalização*. Rio de Janeiro: DP e A, 2001a.

_____. O uso do termo representação na Educação em Ciências e nos estudos culturais. *Pro Posições*. Campinas: Faculdade de Educação, vol. 12, nº I (34), março, 2001b.

_____. Investigação e Educação Ambiental: uma abordagem centrada nos processos de construção cultural da natureza. *Educação: Teoria e Prática*. Rio Claro: UNESP – IB, v. 9, n. 16, jan./jun. e 17, jul./dez. 2001c.

ANEXOS

ANEXO I – MONTEIRO LOBATO – LITERATURA INFANTIL

LOBATO, José Bento Monteiro. Aventuras de Hans Staden. 2ª Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1932.

_____. História do mundo para crianças. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933.

_____. Viagem ao céu. 2ª Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.

_____. Emília no país da gramática. 2ª Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.

_____. Geografia de Dona Benta. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.

_____. Histórias das invenções. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.

_____. As caçadas de Pedrinho. 3ª Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

_____. O poço do Visconde. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.

_____. Serões de Dona Benta. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.

_____. O minotauro. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939.

_____. O picapau amarelo. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939.

_____. Aritmética da Emília. 4ª Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944.

_____. D. Quixote das crianças. 3ª Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944.

_____. A reforma da natureza. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944.

_____. O saci. 9ª Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944.

_____. A chave do tamanho. 3ª Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944.

_____. Fábulas. São Paulo: Brasiliense, 11ª Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945.

_____. Memórias de Emília. 4ª Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945.

_____. Reinações de Narizinho. 11ª Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945.

_____. História de Tia Nastácia. 12ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1964.

_____. Os doze trabalhos de Hércules. 4ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1965. 2 v.

_____. Peter Pan. 12ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1967.

O Saci

Capítulo 7

Tia Nastácia afirma que o Saci existe e Emília pede que ela conte esta história. A Cuca planeja mais um de seus feitiços. Tia Nastácia costura a roupa de Emília.

O dia amanhece e o Saci vai dormir, depois de ter feito muitas travessuras durante a noite. A Cuca toma seu banho de poluição e vai até a mesa, onde está seu café da manhã, que tem torradas e geléia de minhoca, salsichas de sangue de morcego e chá de cérebro de lesma.

Emília tenta brincar com a boneca de Narizinho, mas acaba ficando aborrecida pois a boneca repete sempre a mesma frase: "Eu gosto de você, vamos brincar?" Tia Nastácia conta para Emília a história "Festa no Céu".

Pedrinho pergunta a Tio Barnabé se o Saci existe mesmo. Tio Barnabé fala sobre as artes do Saci, como: azedar o leite, esconder as coisas e botar mosca na sopa. Ele conta que numa noite, o Saci apareceu em sua cabana e encheu a comida de pimenta. Tio Barnabé tinha bolado um jeito de pregar uma peça no Saci: ele colocou pólvora no cachimbo e quando o Saci foi pitar, o cachimbo explodiu e o diabinho fugiu.

A Cuca vai buscar flores e ervas para fazer um feitiço para pegar Narizinho. Emília pergunta a Rabicó por que ele tem tanto medo da Tia Nastácia. Ela finge que Tia Nastácia está vindo e ele foge correndo. Tio Barnabé mostra para Emília uma casa de João de Barro. Narizinho e Pedrinho pedem ao Tio Barnabé para ensinar como se pega o Saci.

Ele diz que é preciso uma peneira de cruzeta, uma garrafa e uma rolha, com uma cruz desenhada nela. Depois é só esperar um dia de vento forte, com um rodaminho de poeira e folhas secas, para tentar capturá-lo. Pedrinho e Narizinho reúnem tudo que é necessário e esperam a ventania para caçar o Saci.

Capítulo 8

Pedrinho prende o Saci na garrafa e fica radiante. Emília e Narizinho não conseguem ver nada e acham que o Saci enganou Pedrinho. Ele decide ir falar com o Tio Barnabé pra descobrir o que fez de errado.

Narizinho convida Emília para pescar. A boneca pede a Rabicó algumas minhocas para usar como isca. Tio Barnabé explica para Pedrinho que Saci na garrafa é invisível. Só é possível ver quando a gente "cai na modorra".

Emília quer pegar um "peixe-montanha". De repente ela sente um puxão no anzol e acredita que conseguiu. O puxão é tão forte que Emília cai dentro do ribeirão. Pedrinho leva a garrafa com o Saci para dentro de casa. Tia Nastácia vê o rodamoinho e fica assustada.

Narizinho corre pela margem do rio tentando resgatar Emília. Ela joga um galho de árvore para a boneca se agarrar. Narizinho puxa o galho e salva Emília.

Pedrinho entra na floresta carregando a garrafa com o Saci. Ele faz um travesseiro de folhas e se deita. Narizinho pendura Emília no varal para secar. Pedrinho ouve um assobio e leva um susto quando percebe que o Saci está falando com ele. O Saci propõe fazer um trato: se Pedrinho soltá-lo, ele irá proteger o menino de todos os perigos da floresta.

No *Sítio*, Narizinho acaba de comer jabuticabas com o Rabicó, quando de repente vê uma velha senhora. Ela oferece uma linda flor de presente para Narizinho. A menina cheira e se transforma numa pedra. Pedrinho e Saci são perseguidos por uma onça e sobem numa árvore.

Capítulo 9

Tia Nastácia tira Emília do varal. Pedrinho e Saci espantam a onça soprando sobre ela o pó de mico. Emília vê a pedra debaixo da jabuticabeira e descobre que ela fala. Dona Benta e Tia Nastácia comentam que ainda não se acostumaram com a fala de Emília. A boneca chega e começa a contar "o caso da pedra falante".

A Cuca comemora o sucesso do feitiço que transformou Narizinho em pedra. Saci mostra a Pedrinho onde nascem os sacis e onde eles se escondem durante o dia: o Sacizeiro. Emília ameaça Rabicó de ir para a panela, como vingança por ele ter abandonado a boneca no varal.

É noite de lua cheia e Saci e Pedrinho encontram o lobisomem na mata. Emília decide fazer uma coleção de cacarecos e pensa em pedir à Tia Nastácia para fazer uma canastra para guardar a coleção. O lobisomem persegue Saci e Pedrinho. Eles correm, muito assustados.

Dona Benta fica preocupada pois já é tarde da noite e as crianças sumiram. O Saci afasta o lobisomem fazendo fumaça com seu cachimbo. Na hora do jantar, Saci ensina Pedrinho a fazer palmito assado na casca de um tatu. Eles comem com gosto.

O Saci percebe que a mula sem cabeça está se aproximando e foge, deixando Pedrinho na maior roubada.

Capítulo 10

Cara a cara com a mula sem cabeça, Pedrinho se lembra dos conselhos de Tia Nastácia para desfazer o feitiço. Emília pede que Tia Nastácia faça uma canastra. Nastácia quer dar para Emília a canastra que foi de sua bisavó, mas a bonequinha não gosta muito da idéia.

Com muita coragem, Pedrinho desfaz o feitiço da mula sem cabeça. Ele liberta a mulher que tinha sido enfeitiçada porque tinha se apaixonado por um padre.

Tia Nastácia prende o Rabicó. Ela começa a preparar um prato de lamber os beijos, um "leitão à pururuca".

O Saci reaparece e pede desculpas a Pedrinho. De brincadeira, o menino arranca sua carapuça. Tia Nastácia pega o facão para matar o Rabicó, mas ele acorda e vê que tudo não passou de um terrível pesadelo.

Na mata, já é meia-noite e o Saci mostra a Pedrinho o encontro dos sacis. Tio Barnabé conta para Dona Benta que o lobisomem está rondando o *Sítio*. A coruja conta para o Saci que a Cuca transformou Narizinho em pedra.

Dona Benta chama seu vizinho e amigo Teodorico para ajudar a procurar pelas crianças. Pedrinho e Saci entram no rodamoinho e vão para a gruta da Cuca. Ao chegar lá, o Saci tem um plano. Eles pegam vários cipós e amarram a bruxa, que estava dormindo.

Capítulo 11

Para acordar a Cuca, o Saci faz pingar água em sua testa. Ela percebe que está amarrada e conta que transformou Narizinho em pedra. A bruxa promete desfazer o feitiço caso o Saci lhe traga um fio de cabelo da lara.

Emília quer pregar uma peça no "Coronel Mexerico" e coloca pimenta em seu suco de maracujá. Começa a cair um temporal no *Sítio* e Dona Benta se desespera. Teodorico tenta acalmá-la.

Saci e Pedrinho vêem o curupira na mata. Eles seguem para a cachoeira e encontram a lara, que está cantando.

Ela se assusta com o Saci e foge para dentro da água. O Saci pega alguns fios de cabelo no pente dela. Por alguns minutos, Pedrinho fica cego com sua beleza. Com a ajuda do Visconde, Emília descobre que Narizinho foi enfeitiçada.

A Cuca conta que para desfazer o feitiço de Narizinho, Pedrinho precisa encontrar uma flor azul e atirar suas pétalas ao vento. Emília tenta acordar a pedra, mas não consegue. O dia amanhece e Pedrinho volta para o *Sítio* com o Saci.

Eles encontram a flor azul. Dona Benta, Tia Nastácia, Tio Barnabé e o Coronel Teodorico ficam aliviados ao ver o menino, mas tomam um susto com o Saci. Pedrinho sopra as pétalas e o feitiço se desfaz. Narizinho volta e todos comemoram.

As caçadas de Pedrinho

Capítulo 12

Pedrinho e Narizinho brincam com bichinhos de legumes na varanda do *Sítio*. O Rabicó rouba uma batata e sai correndo. Tio Barnabé desconfia que há caçadores no capoeirão, pois os animais que lá viviam não aparecem mais no *Sítio*.

Dona Benta separa casacos para a Campanha do Agasalho. Emília conversa com dois besouros na mata e conta como começou a falar. Rabicó vê uma ratoeira na mata e usa um galho para pegar a isca.

Dona Benta vai ao Arraial dos Tucanos em seu carro e encontra a dupla de repentistas Tico-tico e Sabiá. Ela convida a dupla para a festa da Campanha do Agasalho no *Sítio*.

Rabicó desarma outras ratoeiras pela mata e dá de cara com dois caçadores que estão acampados no Capoeirão. A Cuca faz ginástica aeróbica. Ela recrimina o Saci por ter ajudado Pedrinho e ameaça denunciá-lo para a sacizada.

Rabicó e Emília contam para Pedrinho que o Capoeirão está em perigo. Os bichos fazem uma assembléia para falar sobre os caçadores.

A turminha do *Sítio* sai em missão pela floresta. Tico-tico e Sabiá chegam ao *Sítio*. Narizinho fica presa numa armadilha.

Capítulo 13

As crianças encontram Narizinho e cortam a rede onde ela ficou presa. A Cuca entra na mata para procurar pelos sacis. Os caçadores planejam a melhor forma de pegar a onça.

Enquanto isto, no *Sítio*, a turma faz um plano para tirar os caçadores do acampamento. Os besouros contam para Emília que os caçadores querem dar sonífero para a onça, pois só assim poderão caçá-la.

A turminha sai do *Sítio* marchando em direção à floresta. Pedrinho dá a idéia de trocar o sonífero por sal, mas alguém terá que servir de isca para despistar os caçadores. O Rabicó é o escolhido.

A Cuca cai numa armadilha feita pelos caçadores. O Saci ouve seus pedidos de socorro, mas se recusa a tirar a prima do buraco. O Rabicó dá um tremendo susto nos caçadores e eles correm atrás do Marquês.

Os repentistas cantam músicas em homenagem à Tia Nastácia e Tio Barnabé fica com ciúmes. Ele acaba derramando café no casaco de um dos cantores.

Narizinho entra no acampamento dos caçadores e substitui o sonífero por sal. Pedrinho e Emília esticam um fio no chão e derrubam os caçadores, que fogem correndo. Eles passam o "sonífero" num pedaço de carne e ficam esperando pela onça. Ela come a carne e vai embora. Os caçadores descobrem que foram as crianças que sabotaram seus planos.

Capítulo 14

Os caçadores prendem a turminha no acampamento. Um deles telefona para o chefe e diz que precisa eliminar as crianças. Dona Benta percebe que Tio Barnabé está com ciúmes de Tia Nastácia e os violeiros. Emília pede a Pedrinho que tente alcançar as granadas de marimbondos em seu bolso.

A Cuca e o Saci saem pela mata desarmando as armadilhas dos caçadores. A bruxa diz que eles irão conhecer "sua ira".

Enquanto isto, no *Sítio*, chegam muitos convidados para a festa do agasalho. A onça pintada se aproxima do acampamento e Emília joga a granada de marimbondos para afasta-la.

A Cuca chega e transforma os caçadores em dois sapinhos. O Saci desamarra as crianças, que voltam para o *Sítio*.

A Campanha do Agasalho é um sucesso e a festa está super animada. Depois que todos vão embora, as crianças se sentam no sofá para ver televisão. Aparece o dono de um circo, dizendo que seu rinoceronte sumiu.

A repórter da TV informa que o bicho foi visto perto do Arraial dos Tucanos. Pedrinho e Narizinho fazem uma pesquisa sobre rinocerontes na *Internet*. Tia Nastácia fica com medo e tranca a porta e as janelas. Emília e Visconde procuram pelo rinoceronte e acabam encontrando!

Capítulo 15

As crianças descobrem que não era o rinoceronte que havia chegado, pois quem estava atrás da moita era o Rabicó. As notícias sobre o rinoceronte chegam ao *Sítio* através do jornal. Os besouros contam para Emília como ele é.

Os integrantes do circo andam pela mata à procura do rinoceronte. As crianças estão fazendo brigadeiros quando Emília chega e propõe trocar o bicho pelo carrinho de madeira de Pedrinho.

Chegam ao Arraial dos Tucanos os responsáveis pela captura do rinoceronte. Emília fica aborrecida, pois ninguém quer comprar "seu rinoceronte". De repente, ela e o Rabicó se deparam com o bicho enorme, levando o maior susto.

Rabicó corre para o *Sítio* e conta a novidade para Narizinho e Pedrinho. Ele aproveita para tentar roubar alguns brigadeiros.

Emília começa a conversar com o rinoceronte e ele conta por que fugiu do circo, pois lá passava fome e era maltratado. A boneca o convida para morar no *Sítio*, mas antes ele quer conhecer a África, onde sua mãe nasceu e todos os animais são livres.

O rinoceronte ouve a voz de Miguelito, o dono do circo e se esconde num buraco. Ele foge para não ser capturado.

Capítulo 16

Emília apresenta o bicho às crianças do *Sítio*. Narizinho conta que o Brasil inteiro está procurando por ele. A mulher barbada reconhece as pegadas do rinoceronte na estrada e o pessoal do circo chega ao *Sítio*.

Os agentes de caça ao rinoceronte perguntam à Dona Benta e à Tia Nastácia se elas tiveram contato com o bicho. Narizinho e Pedrinho pedem ao Tio Barnabé para tomar conta do rinoceronte.

Tio Barnabé aceita ficar com ele. As crianças contam para Tia Nastácia e Dona Benta sobre o rinoceronte. Dona Benta diz que o bicho é perigoso e que, desta vez, as crianças "passaram dos limites". Tio Barnabé faz amizade com o rinoceronte e eles conversam sobre a África, terra de seus antepassados.

A turminha pede para Dona Benta deixar o rinoceronte ficar no *Sítio*. Enquanto isto, o grupo do circo chega. Eles provam que são os verdadeiros donos do animal, pois têm sua certidão de nascimento.

O rinoceronte chora ao se despedir. Emília escolhe um nome para ele: "Quindim". Os agentes chegam e descobrem que a certidão é falsa. A repórter da TV chega ao *Sítio* e diz que o Quindim vai voltar para a África, mas ele escolhe viver para sempre no *Sítio*. Ele ganha até uma roupa da Tia Nastácia.

O poço do Visconde

Capítulo 92

Visconde começa a se interessar por Geologia. Barnabé apresenta Meioameio a Pangaré.

O centauro explica para tia Nastácia o tipo de comida ele come.

A Cuca decide fazer um creme contra rugas de argila.

Meioameio conhece Saci. Visconde entra num buraco de tatu por engano e começa a analisar a terra.

Todos estranham o sumiço do Visconde e começam a procurá-lo.

O Saci dá um banho de areia na Cuca. Emília diminui de tamanho e entra no buraco do tatu atrás do Visconde, que explica para ela que pode haver petróleo no sítio. O tatu acorda e não gosta de ver intrusos em sua toca.

Capítulo 93

Emília e Visconde fogem correndo. Visconde decide estudar melhor o solo do sítio.

Meioameio passeia de carro com Dona Benta. Emília sugere que eles façam uma viagem até o interior da Terra por dentro de um vulcão.

Dona Benta ensina geologia a Meioameio. O Visconde explica quais foram as eras geológicas da Terra.

O vulcão entra em erupção e eles são lançados de volta para o sítio.

Dona Benta passa um documentário sobre o petróleo e explica que Monteiro Lobato foi um dos primeiros a acreditar que o combustível existia no Brasil.

Emília decide construir um poço de petróleo no sítio.

Capítulo 94

Todos se animam com a idéia, menos Dona Benta, mas ela acaba concordando. Visconde explica que é preciso estudar o terreno antes.

Quindim tenta ajudar Barnabé e leva um choque na caixa de fusíveis.

Cuca se prepara para tomar um banho de lama. Visconde indica o local certo para a perfuração. Emília faz aparecer uma torre de petróleo com sua varinha.

Quindim acorda do choque e só consegue falar inglês. O poço jorra água salgada, sinal de que há petróleo próximo.

A Cuca fica furiosa ao saber que estão perfurando um poço em cima de sua gruta e manda um petróleo falso para a superfície. O petróleo jorra.

Capítulo 95

Todos comemoram. Saci decide avisar que o petróleo é um truque da Cuca.

Pedrinho não ouve o Saci.

Tia Nastácia quer dar um banho em Meioameio para tirar o óleo do corpo dele, mas o centauro foge.

Emília manda Quindim sentar sobre o poço para que o petróleo pare de jorrar. Narizinho imagina como vai ser o funcionamento da Companhia Donabentense de Petróleo.

A notícia de que há petróleo no sítio se espalha e um repórter vai até lá.

Capítulo 96

Dona Benta avisa que não está interessada, deixando Ari furioso. A Cuca acha Ari bonito. Dona Benta manda os meninos acabarem com o poço de petróleo, explicando os problemas que ele pode dar.

A Cuca aparece para Ari de véu e garante a ele que é a dona do maior poço de petróleo do mundo. Quindim bate com a cabeça e volta a falar português. Cuca explica para Ari que o petróleo é falso e mostra que é uma bruxa.

Ari sai correndo. Os vizinhos de Dona Benta descobrem que o terreno de Ari não vale nada e correm atrás dele, furiosos.

A Cuca acaba com o feitiço e o poço seca.

Pedrinho finalmente entende que o petróleo do poço era falso.

Dona Benta instala placas de luz solar no sítio.